(deixar uma página em branco a seguir à capa externa)

(capa interna)

Mestrado em História Contemporânea

**As Sociabilidades da Burguesia e**

**do Operariado no Porto**

**em finais do séc. XIX**

**- representações na Literatura Naturalista**

*Sofia Pestana Henriques*

**Dissertação**

Orientador: Prof. Luís Alberto Marques

**Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

Porto, Setembro de 2014

Versão Definitiva

*Dedico este trabalho à minha irmã.*

**Resumo**

Utilizando obras literárias oitocentistas de cariz essencialmente naturalista, procurou-se identificar aspetos da sociabilidade burguesa e operária, no período entre 1868 e 1910 e na cidade do Porto.

Incorporando a análise no contexto da História das Mentalidades, foram identificados quadros literários relativos a: família, casamento, divórcio, violência doméstica, adultério, lazer, mobilidade e educação (familiar e institucional). Partindo das descrições realizadas por autores como Camilo Castelo Branco, Júlio Brandão, Júlio Dinis, Júlio Lourenço Pinto e José Augusto Vieira nas suas obras, foi possível caraterizar o tempo, o espaço, as pessoas e aspetos da mentalidade da época.

Palavras-Chave: Burguesia; Operariado; Mentalidade; Sociabilidade; Oitocentos; Porto.

**The Sociability Habits of the Gentry and the workers at Oporto City (1868-1910)**

**Abstract**

This dissertation, using literary work from the Eight hundred essentially with naturalistic aspects, looked for identify aspects concerning sociability of the gentry and of the workers, in the period between 1868 and 1910 in the Oporto.

Incorporating the analyses in the context of the History of Mentalities, it was identify literary frames concerning: family; marriage; divorce; domestic violence; adultery; leisure; social mobility and education (the family one and the institutional). Setting off from the descriptions made by authors like Camilo Castelo Branco, Júlio Brandão, Júlio Dinis, Júlio Lourenço Pinto e José Augusto Vieira in their work, it was possible to distinguish the time, the space, the people and aspects of mentality of that time.

Keywords: Gentry; workmen; Mentality; Sociability; Eight hundred; Oporto

**Agradecimentos**

Esta dissertação de mestrado foi possível graças à amabilidade e disponibilidade de algumas pessoas, as quais manifesto os meus sinceros e reconhecidos agradecimentos, em particular à minha irmã, à minha mãe e ao Prof. Luís Alberto Marques Alves, a quem devo a orientação da mesma.

**Índice de Conteúdos**

1 Introdução 2

2 Metodologia 5

3 Enquadramento Histórico 6

4 A Estética Naturalista 11

5 “Uma Família Inglesa” e o conceito de “Família” 14

6 A Família: A Ilegitimidade e a Bastardia 22

7 O Casamento: O Divórcio e a Violência Doméstica 34

8 O Adultério 46

9 O Lazer 51

10 A Mobilidade Social 60

11 A Educação Familiar e/ou Institucional 69

12 Conclusão 78

Universo Documental Selecionado 81

Bibliografia 82

ANEXO I: *Os Famintos* 86

ANEXO II: *Eusébio Macário* 87

ANEXO III: *A Corja* 88

ANEXO IV: *Uma Família Inglesa* 89

ANEXO V: *Pharmácia Pires* 90

ANEXO VI: *A Eterna Mentira* 91

ANEXO VII: *A Divorciada* 92

ANEXO VIII: *O Homem Indispensável* 93

ANEXO IX: *Vida Atribulada* 94

ANEXO X: *Margarida* 95

ANEXO XI: *O Bastardo* 96

# Introdução

A temática versada nesta dissertação de mestrado é as sociabilidades da burguesia e do operariado nos finais do século XIX, mais propriamente entre 1870 e 1910, no Porto. São estas as balizas espácio temporais do nosso trabalho.

Foi por sugestão do meu orientador que se estabeleceram essas balizas cronológicas visto que as minhas fontes primárias e primordiais são obras naturalistas que estavam muito em voga nesse tempo, apesar de a partir de 1890 já se fazerem sentir outras correntes literárias, nomeadamente, o Simbolismo. Apesar disso achamos pertinente alargarmos as balizas temporais até 1910.

Tentou-se desenvolver uma questão problema que levasse em consideração tanto a temática das sociabilidades, como as fontes estudadas e tudo o que essas mesmas fontes pudessem prover ou suscitar de interesse e que fossem pertinentes.

A questão problema desenvolvida prende-se com a sexualidade dos intervenientes. Tentaremos explanar a sexualidade vivida pelas pessoas de 1800 e tentar perceber de que forma é que a sexualidade influía sobre a vida dos indivíduos enquanto casal e comunidade procriativa e de que modo essa mesma sexualidade era influenciada e influía sobre terceiros, nomeadamente, nas relações adulterinas e nas relações ilegítimas ou aquelas que não respeitavam as conveniências sociais daquele tempo entre as classes possidentes, visto que entre a classe proletária não se procurava unir patrimónios ou alcançar um dote. Nestas classes o amor era mais livre, apesar de os jovens proletários procurem e unirem-se muitas vezes com pessoas que conheciam no local de trabalho ou que vivessem circunvizinhos. Este comportamento também pode ser interpretado como uma estratégia encontrada pelos próprios operários para aumentar o potencial de trabalho, de maneira a que as suas mulheres, também elas operárias, pudessem trabalhar na fábrica.

As fontes usadas nesta dissertação foram aquelas que Isabel Pires de Lima selecionou para o seu livro *O Naturalismo*. Trata-se de uma antologia sobre o Naturalismo no Porto com uma breve nota introdutória com considerações sobre o Naturalismo. Também as obras de *História da Literatura* de Óscar Lopes e de António Saraiva, assim como a obra de Jacinto Prado Coelho (*Dicionário da Literatura Portuguesa*) serviram de guias e de fontes orientadoras na definição e caraterização da Estética Naturalista.

Isabel Pires de Lima tentou selecionar obras que refletissem a vida tanto de burgueses como de operários no Porto. Na sua obra apenas a obra *Os Famintos* de João Grave retrata a vida dos operários no Porto, todavia, depois de um estudo às restantes obras pude vislumbrar episódios da vida dos operários em romances de cariz eminentemente burguês.

Sem este binómio Burguesia/Operariado que se reflete nos romances não teria sido possível fazer uma análise das sociabilidades destas duas classes tão distintas, mas cujo trajeto pessoal e vivencial se cruzam na vida assim como nas diversas narrativas desta elencagem de romances naturalistas.

Na procura dessas narrativas, foram analisados alguns romances que nos testemunha a vida social da época.

A *Farmácia Pires* de Julio Brandão, *Eusébio Macário* de Camilo Castelo-Branco e a *Corja* também deste último autor dão-nos retratos da vida de burgueses que se movem na hierarquia social e que contraem matrimónios por conveniência. Este fato levará ao fracasso destas uniões assim como fará com que os seus membros desenvolvam relações adulterinas.

*Uma Família Inglesa* de Julio Dinis retrata a vida dos emigrantes, nomeadamente, da comunidade inglesa residente no Porto. Dela daremos apenas uma breve resenha sobre a estrutura familiar.

*O Bastardo* de Julio Lourenço Pinto e *A Eterna Mentira* de João Grave são obras que nos elucidam sobre os amores ilegítimos e inconvenientes que socialmente eram comuns e que levavam ao flagelo do nascimento de bastardos que eram posteriormente confiados aos cuidados da roda.

Os romances *Margarida* de Julio Lourenço Pinto e *Vida Atribulada* do mesmo autor tratam efetivamente dos amores adulterinos e de que forma estes influem em matrimónios aparentemente felizes, ou em que nada faria suspeitar este tipo de desenlace.

*O Homem Indispensável* de Julio Lourenço Pinto trata da ganância e ambição que empeçonha o coração dos homens. Nesta obra temos oportunidade de estudar a ambição de mudança de posição social e consequente ascensão social e económica tanto no mundo burguês como na perspetiva operária. Com evidentes vantagens para a posição burguesa, em detrimento do operário, que desquitava-se de um ofício para outro de baixo estrato e sem consideração social.

Em *A Divorciada* de José Augusto Vieira podemos constatar a situação de muitas mulheres que seriam levadas à ruína pela falta de senso dos seus maridos e porque estes desenvolviam relações extra conjugais com outras mulheres, e que sob influência do álcool e do jogo sujeitavam as suas mulheres a maus tratos e sevícias o que levava estas mulheres a tomar decisões importantes nas suas vidas tais como tomar a iniciativa de pedir o divórcio, ou a separação de pessoas e de bens.

Estes romances foram selecionados porque a partir deles se conseguiu elencar itens para construir capítulos. De fato, os diferentes capítulos são comuns à generalidade dos diferentes romances apesar de não serem comuns a todos.

Os temas selecionados foram: A Ilegitimidade e a Bastardia; o Divórcio e a Violência doméstica; o Lazer; a Mobilidade Social; a Educação Familiar e/ou Institucional e o Adultério. São estes os temas que considerei e que tratei na minha dissertação. É claro que certos temas são mais específicos de certas obras do que outros. Comuns são o Lazer e a Habitação, embora segundo diferentes perspetivas. Em algumas obras destaca-se a atenção ao espaço e sua decoração; também há descrições de ambientes naturais. Na minha dissertação destaquei a sociabilidade que se manifestava dentro da habitação, nomeadamente as relações que se estabeleciam entre os habitantes das mesmas. Mas, o elemento essencial, aquele que percorre esta extensa tessitura é sem dúvida o tema da Sexualidade que transmutado nos temas da Ilegitimidade ou da Bastardia, do Adultério, da Prostituição, da Violência Doméstica, ou até mesmo o tema da Mobilidade ou o da Habitação ou o do Lazer, do Namoro ou da Violência Sexual, diga-se que o elemento sexual é primordial e presente em todos estes elementos e, por isso, condição sine qua non da nossa questão problema.

# Metodologia

Quanto à metodologia usada diga-se que, depois de uma análise de bibliografia concernente ao enquadramento histórico, se procedeu à leitura e análise das fontes propriamente ditas. De seguida, procedeu-se à seleção de ideias e comportamentos que fossem aptos a serem objeto de análise dos hábitos de sociabilidade da burguesia e do operariado, no Porto, em finais de 1800 e princípio do século XX.

Depois de se cruzarem diferentes excertos e episódios e temáticas, procedeu-se a análises e materialização e formalização dos raciocínios, excertos e resultados da análise.

Como já se referiu na Introdução, socorremo-nos da Antologia de Isabel Pires de Lima, assim como da *História da Literatura* de Óscar Lopes e de António Saraiva, para além da obra de Jacinto Prado Coelho (*Dicionário da Literatura Portuguesa*), o objetivo principal era o de fazer o enquadramento e contextualização do período em análise mas também do espaço e significado das diferentes obras literárias na vida dos seus autores e na caraterização social da época.

Também devo informar que a escolha e seleção dos temas abordados nesta dissertação tais como: A Ilegitimidade e a Bastardia; o Divórcio e a Violência Doméstica; o Lazer; a Mobilidade Social; a Educação Familiar e/ou Institucional, e, por fim o Adultério deve-se ao fato de srem os elementos comuns e aglutinadores comuns e presentes nos diferentes romances.

Outros temas poderiam ser abordados mas por economia de tempo e de espaço resolveu-se reserva-los para o capítulo da Conclusão e deixá-los como sugestão a futuras investigações.

# Enquadramento Histórico

Em 1834 D. Maria seria rainha após a Convenção de Évora Monte. Este ato constitui uma viragem no contexto histórico do país que irá viver momentos de proliferação económica e social. No Porto é na rua da Alfândega e na Rua Nova dos Ingleses que são tratados os principais negócios.

Em 1833 já tem a sua Biblioteca Pública, o Museu Portuense e a sua elitista Assembleia Portuense.[[1]](#footnote-1)

A Associação Comercial do Porto nasceu em Dezembro de 1834 por decisão de Ferreira Borges que atendia às reivindicações das comissões de Comércio das Constituintes. Atraindo burgueses e estrangeiros acabará por ter uma influência decisiva na cidade. A primeira polémica a atender é a do Setembrismo. Aí a burguesia vai tomar consciência do seu poder.

No Porto as praças públicas são as feiras, herança do Antigo Regime. Uma delas encontrava-se na Rua Nova dos Ingleses “praça” de negócios e feira de peixe e de fruta e de juntas de bois.

Havia cafés de respeito. O Botequim do Pepino era o mais conhecido já que ele fora palco de um homicídio. Outro de nota era o Botequim do Macaco.[[2]](#footnote-2)

Uma revolta foi gizada para o dia 24 de Agosto, data alusiva ao vintismo no Douro. Mas, receou-se o radicalismo democrático e popular evidenciado em Espanha.

No Porto a Academia Politécnica substituía a Academia da Marinha.

Em 1837 instituiu-se a Academia de Belas- Artes e, em 1840, o Liceu Central.

No Porto em 1837 a Associação Comercial assume o ensino da Economia Política de forma que os filhos dos burgueses se apetrechassem dos melhores instrumentos para exercerem o poder na sua vida profissional futura.[[3]](#footnote-3)

Em 1841 sabia-se no Porto que o Setembrismo tinha os dias contados.

É no Porto com o levantamento do Pampelido em homenagem a D. Pedro que os cartistas se concentram e se organizam.

Em 1845 uma das medidas de sanidade é impedir o enterramento dentro das igrejas o que levou à “Revolta das Mulheres do Minho”. Em finais de Março e princípios de Abril o movimento da Maria da Fonte dominava o Minho e depois o Norte todo. O Porto apoiava esta manifestação proporcionando víveres.

No Porto, José Passos foi prevendo e preparou a retaliação de “A Emboscada” com o apoio popular e o da Maçonaria. Saldanha chega ao Porto e a 10 de Outubro forma-se a Junta do Porto que não conseguiu evitar a anarquia popular e o movimento da “Patuleia”.

Em 1855, chega o telégrafo elétrico.[[4]](#footnote-4)

Surge o Teatro Baquet, o passeio a cavalo na Foz, o passeio de S. Lázaro, o da Cordoaria. São tempos de pacificação.

Em 1865 inaugura-se a 1ª Exposição Universal Portuguesa e da Península com a presença dos reis D. Luís e Dª Maria Pia.

“O Palácio de Cristal torna-se recinto privilegiado para as exposições industriais, agrícolas, de belas-artes, mesmo de Flores, à moda inglesa, com concurso das famílias do Porto.”[[5]](#footnote-5)

Torna-se local de Passeio Público para entusiastas elitistas já que o bilhete de entrada era caro.

Em 1877 inaugura-se a ponte Dª Maria Pia e prepara-se com expropriações a linha do Douro.

Em 1890 dá-se o Ultimatum e no dia 31 de Janeiro no Porto dá-se o movimento da implantação da República, que foi falho por oposição das tropas.

Com a crescente industrialização do Porto e o agudizar da situação do operário e da sua família, decorrem, crescentemente e com uma certa periodicidade, movimentos grevistas. Os trabalhadores ausentam-se do local de trabalho, a fábrica, e, consequentemente, não produzem. Nessa altura, a greve era considerada um delito e gravemente punida. Os operários albergavam-se em ilhas ou pensões. Também havia aqueles que percorriam quilómetros, de madrugada, vindos de outras vilas circunvizinhas, e que, ao fim do dia, a casa tornavam, fazendo este trajeto diariamente.

Com a crescente industrialização, procurou-se acompanhar os movimentos internacionais, nomeadamente, expondo e promovendo os produtos saídos das fábricas. Para isso, construiu-se o Palácio de Cristal, no Porto, e procedeu-se à sua inauguração com a Exposição Internacional Portuguesa à imagem de França.

Curiosamente, mais do que aos industriais, interessou, à Associação Comercial do Porto e à Associação Industrial Portuense, promover e financiar este certame.

Concretamente quanto ao que se passava no país e, nomeadamente em Lisboa diga-se que foi no ano de 1835 que decorreram as vendas dos bens nacionais, expropriações das Leis dos Forais.

Em Janeiro Dª Maria com quinze anos casou-se com o príncipe Augusto de Leuchtenberg, enviuvou a vinte e oito de Março.

No ano seguinte quando se constata que a venda dos bens nacionais fora um bom negócio e que até certos bens teriam desaparecido, a rainha é de novo casada, desta vez com D. Fernando de Saxónia-Coburgo-Gotha, o que para a burguesia ascendente constitui o protótipo de família imbuída de profundas virtudes, constituindo um modelo de conduta a seguir.

O Liberalismo não foi um período apaziguador. No exílio havia a fação dos vintistas inebriados com o período de 1820 e com o radicalismo da Carta; e, os cartistas incondicionais da Carta e da sua moderação.

Em 1836 desembarcaram em Lisboa os deputados da oposição do Norte, apoiados pelos populares preparavam um golpe de Estado já que o ambiente era propício.

A rainha deixou cair o governo de Terceira enquanto o povo aclamava a Constituição de 1822 que o Governo acatou.

Sá da Bandeira toma o poder e Passos Manuel também assume uma posição de destaque.

O Setembrismo tentou defender o industrialismo, um ponto fulcral foi a alteração às pautas aduaneiras que implicava e dependia do favorecimento dos ingleses para as exportações dos produtos da terra.

Costa Cabral defendia a Constituição de 1838. Era um homem poderoso já que em 1841 se tornará Grão Mestre do Grande Oriente Lusitano.

De Fevereiro de 1842 a 20 de Maio de 1846 o duque da Terceira irá alternar pastas no Governo já que a Carta tinha sido reposta.

“De facto, o Cabralismo surge como catalisador de uma nova alta burguesia, ligada à aceleração do liberalismo económico, à vertiginosa concentração de capitais e, por via desta concentração, ao crédito ao Estado, compensando com proveitosas concessões de monopólio por aquele, e aberta à racionalização do fisco, da administração, da finança, dentro da lógica do novo capitalismo.”[[6]](#footnote-6)

O Cartismo encontra dificuldades nas suas medidas e depois das revoltas de Torres Novas e Almeida (1844) o país caminha para a guerra civil.

Costa Cabral abandona o poder em 20 de Maio e constitui-se o governo de Palmela e de Terceira para combater a guerra civil.

A 6 de Outubro a rainha faz um golpe de Estado, que Saldanha dirige. É a “ Emboscada” que tem o apoio dos militares de Lisboa.

A rainha Victória solidária com sua prima decide reunir a Quádrupla Aliança. Pretende-se a paz, beneficiar os amotinados do 6 de Outubro e a Carta. Que se formasse um governo sem simpatizantes dos Cabrais ou da Junta do Porto. A contrapartida seria a invasão estrangeira, que se virá a efetuar.

Em 23 de Abril decreta-se a amnistia. Em Junho de 1849 Costa Cabral volta ao Governo e cresce do outro lado a oposição Setembrista e surge uma oposição de inspiração socialista.

Saldanha critica a “Lei das Rolhas” que reprimia a imprensa.

A 24 de Abril dá-se o movimento da “Regeneração” que leva Saldanha a Presidente do Conselho. Fontes Pereira de Mello é chamado respondendo ao Acto Adicional da Carta e preparando os caminhos-de-ferro.

No dia 15 de Novembro de 1853 é anunciada a morte de D. ª Maria II e são decretados 3 meses de luto pesado e 3 de luto aliviado.

Constatam-se progressos na navegação a vapor. Em 1852 é abolida a pena de morte para os crimes políticos, e, em 1867 para os restantes crimes.

Concretamente, remetendo para o tempo tratado, diga-se que a década de 70 irá beneficiar do regime da Regeneração, datado de 1851. Após guerras e crises políticas, irá seguir-se um período de desenvolvimento e um período de investimentos em infra estruturas de comunicação e em melhoramentos materiais, graças à presença de Fontes Pereira de Melo na pasta da Fazenda e no Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria. Este período irá caraterizar-se por uma “revisão das receitas fiscais, pela consolidação dos empréstimos internos (todos reduzidos a um juro de 3%, alguns deles contraídos inicialmente a 5 e 6%) e pelo recurso aos empréstimos externos para financiamento da atividade do governo e a implementação de novos equipamentos essencialmente ligados às comunicações, com relevo para a rede de estradas, a implementação do caminho-de-ferro e o telégrafo, embora com o ónus do crescimento da dívida externa”.[[7]](#footnote-7)

O pagamento por estas novas infra estruturas seria resolvido com os lucros que essas próprias estruturas providenciariam. Outra medida inovadora seria a que preconizava que o pagamento seria sustentado não só pelas gerações de então, mas também pelas futuras gerações, fazendo com que os encargos por estas modernidades não fossem tão onerosos e, por conseguinte, não pesassem tanto sobre o orçamento familiar. E, por conseguinte, as pessoas pudessem viver mais desafogadamente.[[8]](#footnote-8)

Como já não eram os militares que estavam à frente do governo, os tempos pacificaram-se e os debates políticos e as lutas partidárias centravam-se mais no campo das ideias, “com os jornais, as associações, as tertúlias, os comícios a representarem os novos espaços de luta partidária e/ou cívica.”.[[9]](#footnote-9)

Nesta altura, os operários veem-se obrigados a migrar do interior para fugir às más condições de vida, agravadas pela forte divisão da propriedade, sentindo-se incapazes de sustentar as suas próprias famílias. De facto, as dimensões e as proporções destas propriedades não chegavam para que uma família pudesse sobreviver. Acontecia, então, que os operários que tivessem migrado de terras não muito longínquas do Porto pudessem conciliar, juntamente com a atividade de operário, outras atividades, como as de agricultor, pescador ou artesão.

# A Estética Naturalista

Os homens da chamada “Questão Coimbrã” tiveram como influências ideológicas os princípios do liberalismo, quando instituído em Portugal, a noção de “progresso” e os consequentes melhoramentos materiais que advieram das transformações políticas e económicas. Destaque especial para o fato de Coimbra ficar ligada em 1864 à rede europeia de caminho-de-ferro, podendo então a referida geração ter contato com livros e ideias que vinham da Europa, nomeadamente, Inglaterra e França.[[10]](#footnote-10)

Consabidamente, a afirmação da iconoclasta Ideia Nova teve como principal precursor a Questão Coimbrã, em que as novas correntes estéticas realistas-naturalistas, viram como os seus principais propulsores a irreverente geração coimbrã de Antero de Quental e de Eça de Queirós, criticando os excessos e tópica da ultrarromântica geração, personificada por António Feliciano de Castilho.

Influenciada pelas novas matrizes filosóficas e científicas do idealismo hegeliano, das doutrinas republicanas e socialistas e pelo ideário positivista. A nova geração sentiu a necessidade de acompanhar o progresso que se vivia em Londres, Paris e Berlim. Numa palavra, era urgente “ligar Portugal com o movimento moderno”. Prometiam reformar culturalmente o país. Aqui, a literatura teria um papel fundamental.[[11]](#footnote-11)

Segundo esta nova estética, a literatura e a criação artística deviam contribuir para a marcha ascensional da Humanidade rumo à Felicidade e ao Progresso, graças à Ciência e à Razão.

Antero teve um papel fulcral. No seu posfácio às suas Odes Modernas defende uma poesia moderna que seria a voz da revolução. Castilho, como mentor da estética anterior, vem criticar este jovem, acusando-o de falta de bom senso e de bom gosto. Como réplica, surgiram várias manifestações violentas. Camilo, sentindo grande afinidade com a estética romântica, vem defender Castilho em Vaidades Irritadas e Irritantes.

Mais tarde, o grupo do Cenáculo vem a organizar umas conferências, e cabe a Eça discursar sobre a estética naturalista: O Realismo “é a negação da arte pela arte; é a proscrição do convencional, do enfático e do piegas. É a abolição da retórica considerada como arte de promover a comoção usando da inchação do período, da epilepsia da palavra, da congestão dos tropos. É a análise com o fito na verdade absoluta. Por outro lado, o realismo é uma reação contra o romantismo: o romantismo era a apoteose do sentimento; o realismo é a anatomia do carácter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos.”[[12]](#footnote-12)

O Realismo carateriza-se por ser uma estética que valoriza a objetividade, a descrição, o racional, o cientificismo, a morigeração, o contemporâneo, o anticlerical. À literatura do sentimento contrapõe-se a literatura do social, com espírito crítico.

Outro representante muito importante da estética naturalista foi Júlio Lourenço Pinto. Baseado nas Ciências Naturais e no Positivismo de Darwin, Spencer, Lamarck, Comte e em certos avanços tecnológicos como a locomotiva, o telefone, a fotografia, entre tantas outras inovações, defendia a novidade científica da natureza, por oposição ao idealismo e sentimentalismo da estética precedente - o Ultrarromantismo.[[13]](#footnote-13)

Sugestionada pelos avanços da Psicologia, da Biologia e da Medicina, Flaubert e Zola transformaram-se em fisiologistas e anatomistas com um olhar clínico sobre o corpo e a alma humanos, e sobre as massas sociais, analisando traumas e taras, nevroses e degenerescências, histerias e loucuras.[[14]](#footnote-14)

Foi na década de 70 de 800 que através de importações e traduções feitas em Portugal de obras vindas do estrangeiro, nomeadamente, de França, que Eça de Queirós, bebendo nas novas tendências, publica *o Crime do Padre Amaro. Cenas da Vida Devota* (1ª ed. 1875) e *o Primo Basílio - Episódio Doméstico*, romances estes que serão cruciais e que causaram um enorme constrangimento e um grande escândalo.

“Do romance de costumes ao romance experimental, embora através de pressupostos e técnicas não inteiramente coincidentes, pretende-se fazer a crónica do real circundante, alicerçada no estudo, no documento, na observação.”[[15]](#footnote-15)

O escritor de ficção assume-se como pintor ou como fotógrafo que, com fidelidade à realidade, procura retratar o homem e a sociedade em painéis ou em longas sequências, análise da realidade na sua grandeza, mas também na sua bêtise humana.

Como principais caraterísticas do naturalismo temos:

1. Atualidade - privilegia-se a narrativa contemporânea, ao contrário da estética romântica que privilegiava o medievismo; o romancista assume-se como pintor ou historiador do presente, e o romance, uma feição de crónica da atualidade.
2. Quotidiano - privilegia-se os universos verosímeis, baseados em documentos e no real, destaque para a observação sistemática, reconstituição de cenários reais e uso do detalhe descritivo. Tenta-se ser minucioso e imparcial. Retrata-se o quotidiano burguês recorrendo a temáticas da vida familiar e coletiva, à esfera social, económica e cultural.
3. Impassibilidade - estatuto heterodiegético e focalização externa e não interventiva. Deve ser um ponto de vista de uma testemunha ou de alguém que tenha a pretensão de ser um historiador ou cientista social.
4. Verosimilhança - construção de personagens reais e verosímeis, enquadradas num ambiente socioeconómico e cultural, cujo papel seja convincente consoante a educação recebida. Privilegia-se o anti-herói.
5. Coloquialidade - uso de linguagem real e coloquial, quer na boca do narrador quer proferida pelas personagens dos diferentes estratos. Usa-se o popular, o familiar, a gíria e o calão.
6. Descrição - devido á preocupação do real, o autor tenta dar descrição minuciosa e verosímil das personagens e dos cenários. Tendência para um estilo fotográfico, mediante descrições minuciosas, enumerações, acumulação do detalhe e uso excessivo e amplo do adjetivo.
7. Explicação - tentativa de explicação dos comportamentos devido a determinados fatores, desde o meio, a educação e a herança da raça, que muito bebeu à teoria determinista de Taine.[[16]](#footnote-16)

Em síntese, enformado por estes quadrantes, diga-se que o romance realista-naturalista privilegia o romance de tese, estudando o comportamento humano como resultado de determinantes e fatores causais.[[17]](#footnote-17)

# “Uma Família Inglesa” e o conceito de “Família”

No século XIX constata-se que o número total de filhos de naturais de portuenses é inferior ao esperado. Na paróquia de Cedofeita em 1861 os noivos representados são menos de 40% dos rapazes e cerca de 60% de raparigas naturais do Porto. Em 1881 e 1882 essas percentagens descem para 25 e 39% respetivamente.[[18]](#footnote-18)

De acordo com os censos de 1890-1891 os habitantes do Porto naturais daquela cidade representam cerca de metade da sua população total.

Também aprendizes do ofício mercantil deparam por estas bandas.

Em 1890, 4% da sua população era estrangeira[[19]](#footnote-19).

A maior comunidade é a dos galegos que cá vinha acumular pecúlio e voltar para a Galiza. Outros por cá se casam e misturam-se com os locais. Eles são aguadeiros, carrijões, refinadores de açúcar, padeiros, etc. Normalmente estão ligados aos trabalhos pesados.

Outro grupo representativo é o dos brasileiros, retornados do Brasil, que se caraterizavam por um estilo de vida opulento e por contraírem casamentos com membros de famílias importantes do Porto.[[20]](#footnote-20)

Outras comunidades eram a alemã e a britânica que mantinham um estilo de vida próprio. Tinham diferenças linguísticas e igrejas próprias. Raramente se misturavam com os locais. Para os britânicos ligados ao vinho do Porto, a homogamia matrimonial era um fato consumado.

Quanto à emigração refira-se que em 1855 e 1856, quando havia uma crise de subsistências, a emigração portuense era de mais de 7000 saídas, na década seguinte desce até aos 3000. Um fator determinante para o agravar desta situação na década seguinte será a guerra entre o Paraguai e o Brasil, mas mesmo antes de terminar a guerra o surto emigratório voltará a subir.[[21]](#footnote-21)

Estes dados não contabilizam a emigração clandestina que admite-se em metade a um terço do total.

O brasileiro carateriza-se por um estilo de vida ostensivo, mas eram também empreendedores, investindo em fábricas, animando o capital bancário, os clubes, e animando com ações de filantropia a sociedade local e os mais desvalidos, garantindo assim uma comenda.

Exemplo é Joaquim Ferreira dos Santos, futuro barão e conde Ferreira que financia escolas, hospitais, Misericórdias para órfãos e viúvas pobres e para os rapazes de rua.

Para caraterizar a vida do Porto em 1800, é primordial a obra *Uma Família Inglesa*, de Júlio Dinis de 1868. Nesta obra, Júlio Dinis retrata a vida quotidiana, usando como personagens centrais os elementos de uma família inglesa e a família de um dos seus funcionários. Trata-se de uma obra de leitura fácil e agradável. Tem muitos episódios através dos quais podemos disfrutar de cenas humorísticas, relacionadas e enquadradas na trama principal, os amores de Cecília e Carlos - dois jovens apaixonados, mas separados por diferenças religiosas e de posição social divergentes.

Achou-se pertinente fazer um pequeno resumo da obra de Julio Dinis a fim de percecionarmos que tipo de família se tratava, assim como o estilo de vida e como eram os diferentes relacionamentos interpessoais que se estabeleciam dentro do meio familiar.

Mr. Richard Whitestone era o tipo caracteristicamente inglês, benquisto, obsequiado e fleumático. Imigrado em Portugal, tinha muito crédito nos bancos ingleses, como, o Bank of England e o Joint-Stock Bank. Também as instituições privadas lhe garantiam crédito, como, a City ou a West-End. Este negociante tinha talento para o negócio pois era capaz de arriscar capitais em novos negócios, inaugurar novas companhias, plantar outros ramos de comércio e ajudar indústrias nascentes para que esses negócios pudessem depois ser seguidos pelos seus colegas, mais meticulosos e sem grande espírito empreendedor.[[22]](#footnote-22)

A Praça onde os ingleses se reuniam no Porto tinha o nome de Rua dos Ingleses. Era lá que se reuniam os fiéis súbditos de Sua Majestade, a rainha Victória. Esta praça era o principal centro de transações do alto comércio portuense. Aqui as pessoas que negociavam eram sempre afáveis e amáveis, cumprimentando-se sempre com afetuosos “shake-hands”, segundo o maior ou menor grau de familiaridade.[[23]](#footnote-23)

Típico nos ingleses era a sua resistência ao efeito de bebidas alcoólicas. Podiam beber “cálices de vinho do Porto, vinho Madeira, rhum, cognac, kummel, gingerbeer e até absinto”, que continuavam impassíveis e indiferentes. Ao contrário de outros cujo consumo excessivo de álcool poderia toldar o seu pensamento e levá-los a fazer figuras pavorosas, saindo-se muito mal dessa experiência arrojada.

Mr. Richard era sincero, franco, “por vezes rude, mas porque não tolerava vilezas”. Era um velho inglês muito arreigado aos mais básicos e sólidos princípios que devem conduzir um homem de bem ao longo da sua vida.[[24]](#footnote-24)

Tinha um pensamento positivo, “não se preocupando muito com questões de metafísica”, tão em voga naquela época. Também não era obcecado com problemas de saúde, não sendo, portanto, hipocondríaco. O seu segredo era não pensar muito nos males da vida de forma a não ficar com o pensamento envenenado.[[25]](#footnote-25)

O seu guarda-roupa era constituído por um pequeno “fraque de pano azul, fabricado nas melhores manufaturas de Yorkshire ou de West England; as calças eram curtas e estreitas”; as botas compridas e esguias (a elegância era sacrificada em prol da solidez); colete e gravata “alvíssimos”; no Inverno, vestidura completa de “gutta-percha”, e, por fim, um chapéu. Mas um chapéu típico da era industrial, fazendo lembrar as chaminés das fábricas.[[26]](#footnote-26)

Outra caraterística de Mr. Richard era o seu desprezo pela gramática portuguesa. Desprezo não pelo país que havia escolhido para construir a sua vida, mas antes um sentimento de superioridade da sua língua, à qual era fiel, mas também um sentimento de superioridade pela sua pátria, sentimento esse que não admitia experimentar, mas que vivia no seu subconsciente.[[27]](#footnote-27)

Jenny, a filha primogénita de Mr. Richard, era uma típica inglesa. De cabelo louro e olhos azuis, comparava-se a um anjo. Subtil e vaporosa. Jenny não era uma jovem fútil ou ligada a superfluidades. Tinha um *je ne sais quoi* de misterioso. “Não seria pessoa de frívolas paixões ou de funestos sentimentos”. Jenny era o anjo bom da família que a todos ajudava. A sua presença era promissora de “plácidas e duradouras felicidades”. Órfã de mãe ainda criança, teve de ser adulta à força e ajudar o seu pai naquilo que ele precisasse e a educar o seu irmão mais novo, Carlos.

Para esta inglesa “o amor nunca seria um passatempo, talvez nunca o chegasse a sentir”. Mas, se o sentisse, logo criaria profundas raízes. Nela a paixão nunca se mostraria, antes, teria de ser adivinhada e, depois de ser adivinhada, consagrar-se-ia em esposa e sublimar-se-ia em mãe. Se não fosse este o caminho natural, se não fosse compreendida, este amor ser-lhe-ia fatal. Venturosa ou desventurosa, seria esse o seu papel, ou a mais sublime felicidade ou a mais tortuosa tortura.[[28]](#footnote-28)

Carlos, o filho caçula, tinha nascido em Portugal. O seu caráter era tipicamente inglês: o entusiasmo, a imaginação fértil, a impetuosidade de sentimentos. Forte na vontade, gozava de pertinácia, e era estoico. Excêntrico. Tais eram as heranças paternas. Chegava mesmo a surpreender certas pessoas que julgavam conhecê-lo.[[29]](#footnote-29)

Apesar de estouvado, Carlos tinha um bom coração, generoso, não sendo insensível aos infortúnios alheios. Nele, a piedade demonstrava-se pela sua solidariedade para com as tristezas e lágrimas de outros. Se por algum motivo fosse injusto ou irrefletido, seria o primeiro a condescender e a eximir-se.[[30]](#footnote-30)

Entre pai e filho havia um genuíno amor paternal e filial. Apesar disso, a convivência entre ambos era um pouco fria graças à educação e cultura britânicas. Raramente estavam juntos, juntando-se apenas pelo jantar. Aqui o ambiente era reservado. Mr. Richard só desanuviava um pouco no final do jantar pela altura em que ambos saboreavam os cálices. Então o pai tentava falar com o filho. Mas as conversas quase sempre acabavam num monótono monólogo do pai, em que o filho assentia e concordava com o pai. As suas palavras limitavam-se a uns simples “Yes”. Outras vezes, Carlos, não raro, escondia um sorriso de complacência para com o seu pai.[[31]](#footnote-31)

Ora Mr. Richard era a austeridade de costumes. Carlos era um estouvado. Por isso, Carlos evitava o julgamento do pai, visto que trazia não raras vezes um pecado escondido na sua consciência. O papel de Mr. Richard era difícil porque queria ser complacente com o seu filho, como gostaria que o tivessem sido consigo também. Apesar de sua máscara de dureza paternal, Mr. Richard tinha um espírito jovial. Mas sentia-se o mentor de Carlos e, por isso, sentia que tinha que dar o exemplo e repreendê-lo quando necessário. Como típico inglês, os seus sermões eram lacónicos e nunca recorria a parábolas. A sua reprovação refletia-se por um simples e gutural ”Ho”. Interjeição essa que era suficientemente forte para intimidar o jovem Carlos e de lhe fazer tremer o chão.[[32]](#footnote-32)

Interessante é a análise da relação entre os dois irmãos. Não havia segredos entre ambos. A sua irmã, Jeny, era apenas dois anos mais velha do que Carlos**.** Carlos tinha vinte anos. E apesar de ter sido criado por ela, Carlos confiava a sua irmã todas as suas aventuras. Quer fossem boas ou más, a falta da mãe uniu-os ainda mais. Carlos confiava tudo a sua irmã, e contava-lhe episódios que não o favoreciam muito. O que mais receava era ver a expressão na irmã de pura punção. O que mais temia era dar um desgosto a Jenny pelas suas leviandades.

Jenny, como anjo bom, procurava sempre conciliar os ânimos desavindos de pai e filho. E, não raras vezes recorria de seu erário particular para acorrer a alguma extravagância do irmão.[[33]](#footnote-33)

“Jenny tinha um lado obscuro. Por ser apaziguadora era fulcral fazer-se obedecer”. Tanto pelo pai como pelo irmão. Brincava com isso. E para conseguir dominar, Jenny era caraterizada por ter uma virtuosa e simpática hipocrisia, não no sentido pejorativo, mas como forma conciliatória e apaziguadora.

Jenny vivia praticamente em reclusão. Quem ensinara Jenny a ser tão sapiente? A diferença está em que Jenny meditava sempre que lia um livro ou sempre que consultava o retrato de sua mãe. Tal como um oráculo, Jenny conversava com o retrato da falecida mãe, e acreditava na presença e conselhos da sua extinta progenitora. Estudava os carateres pela reflexão e pela indução, esquecendo-se um pouco de si, dava prioridade ao bem-estar familiar e à concordância entre aqueles a quem mais queria, o seu pai e o seu irmão.[[34]](#footnote-34)

Do exposto podemos concluir que a família descrita no romance de Julio Dinis é uma família nuclear e monoparental, visto que os dois filhos foram criados simplesmente pelo seu pai por falecimento precoce de sua mãe.

Também constatamos que existe já uma certa cumplicidade entre os dois irmãos e que a irmã mais velha servia de juíz apaziguador. Trata-se de uma família que traduz uma posição de transição das famílias pós estado absolutista e recém estado loiberal em que se dá maior importância ao valor dos filhos como objetos de afeto e alvo da atenção dos seus progenitores. Já não são os filhos visto como uma fonte de rendimento ou como um investimento, ou até mesmo como forma de garantir a sobrevivência na velhice, mas os filhos são vistos como um fim em si mesmo e por isso educados segundo os melhores padrões de então conhecidos, a fim de puderem subsistir pelos seus meios.

A família sofre alterações ao longo do tempo e consoante as variabilidades do contexto social. Não é uma realidade estanque. Não é uma realidade abstrata, estática, unilinear e unidimensional no seio da sociedade porque participa em todas as dimensões, alterações que a sociedade pode sofrer.

A noção de família é complexa e vai “beber” a sua definição a várias ciências sociais como a História, a Antropologia, a Demografia, o Direito, a Sociologia, a Psicologia e as Ciências Políticas.

A partir do século XIX, os historiadores limitam o seu campo de estudo às relações entre os cônjuges, entre pais-filhos, a grande difusão da família nuclear conjugal e as questões da domesticidade.

Limitam o estudo da família em sentido lato no âmbito do político e do económico. Posteriormente, o estudo centra-se na domesticidade e na relação da família com a sociedade.[[35]](#footnote-35)

A noção de família acarreta alguma ambiguidade. Etimologicamente de origem latina “famulus” (servidor), só no século XVII aparece com definição moderna.

Em 1640 no Dicionário de Rechelet aparece a concepção de família separada de parentela e dos serviços domésticos. Mas, só em 1835 aparece no dicionário da Academia o equivalente à família nuclear conjugal - pai, mãe e filhos e refere: “ Diz-se algumas vezes dos Parentes que habitam em conjunto; e mais particularmente do pai, da mãe e dos filhos.”[[36]](#footnote-36)

A família do Antigo Testamento é poligâmica. Pelo contrário, a do Novo Testamento é monogâmica, a de Nazaré é nuclear conjugal, a sua implantação na Europa foi devida ao Cristianismo no século IV.

Levi-Strauss refere que a família tem uma natureza dual. Uma natural que visa a procriação e cuidado da prole, e a outra social, já que tudo existe pautado segundo um conjunto de normas emanadas da sociedade que todos têm de respeitar. Refere ainda que sem sociedade não há família. Uma vez que a lei do incesto, sendo universal, obriga a uma nova lei, a da exogamia, ou seja, uma família ao formar-se ex novo deve procurar outra família que lhe seja estranha.

No século XIX decorrem alterações. Até então era prática corrente os casamentos arranjados quer entre burgueses, aristocracia e camponeses. Era o casamento entre duas pessoas e os patrimónios.

Para Luhman: “A família era, antes de mais, concebida como uma unidade que subsistia à renovação das gerações e, por isso, era inconcebível deixar realizar livremente as uniões que viriam a fundar novas famílias mas, ao contrário, a sua concretização deveria ser controlada em nome da reprodução da família”.[[37]](#footnote-37)

Só no grupo dos proletários e dos grupos que nada possuíam e que havia alguma escolha individualizada na escolha do cônjuge ou companheiro, mesmo que essa escolha fosse endogâmica.

Na concepção de Durkheim, nos finais do século XIX, a qualidade da privacidade familiar era possível graças a empregos e ao salário do mesmo, principal substrato da autonomia individual e familiar.

A igreja católica perde influência junto do operariado no século XIX, muitas uniões eram livres.

Quanto às funções da família diga-se que compreendem a reprodutora, a educativa e a económica.

Nas sociedades contemporâneas o que és ou quem és confunde-se com o que fazes. Existia a ideia de que para se ser útil é preciso fazer-se algo, ser homo faber.

A criança é deixada de ser vista como um adulto em miniatura. Passa a ser objeto de afeto e de projeto, e, há uma crescente valorização das relações afetivas.

Para Durkheim a família contemporânea é relacional, enquanto a do passado é patrimonial. Ou seja, a família carateriza-se pela contração do grupo doméstico, separação entre família conjugal e parentesco, privatização e individualização da família, tinha um caráter de duração temporária.

A família contemporânea é cada vez mais privada e cada vez mais pública, mais dependente do Estado e dos serviços que este presta. Visavam a moralização da classe operária, visto que eram considerados perigosos, com as suas ilegitimidades.

Segundo T. Parsons e R. Bales a felicidade conjugal assentava na diferenciação de papéis conjugais masculino/instrumental, e feminino/expressivo. O homem assegura o ganha-pão e faz a ligação da família com a sociedade e preconiza o seu estatuto social. A mulher votada ao lar assegura o lado afetivo. O marido prepara os filhos para o futuro, enquanto cabe à mãe a preparação das filhas. Só às solteiras, divorciadas e viúvas era tolerado o trabalho fora de casa, e, também à mulher casada sem filhos.[[38]](#footnote-38)

Acrescente-se que a família determina o grupo social a que pertence o indivíduo. É uma posição herdada, chama-se “produção antroponómica”, ou seja, a reprodução social passa pela reprodução de seres humanos enquanto seres sociais.[[39]](#footnote-39)

# A Família: A Ilegitimidade e a Bastardia

Consideram-se ilegítimas as relações tidas fora do âmbito matrimonial. Mesmo os namoros entre pessoas que não eram casadas eram considerados ilegítimos desde que envolvessem relações sexuais e daí, porventura, resultassem filhos ilegítimos. Os casos de bastardia tanto ocorriam no meio burguês, como no meio operário. Comum também, eram os relacionamentos entre membros de classes sociais distintas, que não convinha socialmente que se unissem pelo casamento. Por seu turno, mulheres da classe operária ou da pequena burguesia, sonhavam unir-se matrimonialmente com cavalheiros de classes sociais superiores à sua. O que não era o caso dos homens da burguesia que aspiravam a contrair um matrimónio opulento, em que muitas vezes o dote da mulher serviria para lançar negócios ou, muitas vezes, para saldar dívidas contraídas e deste modo salvar negócios já estabelecidos.

A família é o grupo socialmente considerado original. Para que a família funcione como grupo ela tem de ser coesa. E esta coesão depende essencialmente de dois fatores: a libido que está fixada dentro da família e a ausência de agressão nas relações familiares. Segundo estudos psicanalíticos é a situação de Édipo que traz rivalidade para dentro do círculo familiar, e consequentemente uma situação de agressão dentro da família. Esta situação de rivalidade e agressão pode ter como consequências extremas o encesto e o parricídio havendo desintegração social. Assim, surgem rigorosos tabus sobre estes crimes nas sociedades primitivas que atuam intensamente no inconsciente do indivíduo civilizado contribuindo para a coesão do grupo família.[[40]](#footnote-40)

A obra *O Bastardo*, de 1889 de Júlio Lourenço Pinto retrata um pouco este ambiente social, narrando a realidade de um filho bastardo, fruto de um relacionamento entre um homem de posição proeminente e uma concubina de baixo estrato.

O romance começa com uma cena enternecedora de duas irmãs arranjando um quarto de visitas para receber o irmão bastardo. Talvez não fosse muito comum o cuidado destas irmãs com o acolhimento do irmão ilegítimo, visto que seria mais um pretendente à herança paterna e, por isso, ameaçaria a unidade do património, da herança, propriamente dita. Talvez fossem imbuídas deste espírito devido à educação religiosa católica que pregava o amor fraternal. Mas era uma atitude louvável, numa sociedade em que a ascensão social e a riqueza eram o mote de um estilo de vida.

“Tinham adornado o quarto como uma capella armada em festa, empavezada de galas e em honra do orago.”[[41]](#footnote-41)

João Carlos era um homem de bem, amava a sua família e tinha remorsos de não poder tratar Roberto, o filho bastardo, com os mesmos direitos dos filhos legais. Era consumido por remorsos e não era feliz. Quando sua mulher descobriu, ficou desolada, mas tranquilizada por saber que se tratou de uma relação anterior ao seu casamento e que, por isso, não era fruto de um adultério. Foi por ter uma mulher compreensiva e confiante no seu amor que João Carlos se arriscou a trazer o bastardo para casa, mas temia pela segurança do seu lar, pressentia algo de ruim. Mas esse sentimento desvanecia-se ao ver o entusiasmo com que as filhas receberam a notícia.[[42]](#footnote-42)

A relação entre pai e filho era constrangedora, visto que Roberto se sentia abandonado e, sabendo que tinha um pai rico, sentia angústia de não poder viver com conforto e de ter de se sujeitar a viver na clandestinidade. Por isso, quando se encontraram, Roberto demonstra carinho pelas irmãs e vai beijar o pai, o qual, por sua vez, se esquiva, dando-lhe um grande e reconfortante abraço, como sinal de apaziguamento, de perdão e de reconciliação.[[43]](#footnote-43)

Era comum os pais não quererem saber dos filhos ilegítimos, mas quando o pai tinha alguma consciência e não queria levar o bastardo para casa, estas crianças eram postas a cargo de outros adultos, neste caso, duas irmãs solteironas que recebiam pagamentos dos pais através de um testa-de-ferro, no romance em questão um advogado amigo e de confiança de João Carlos.[[44]](#footnote-44)

Nestas situações, os pais biológicos pagavam as despesas e a educação dos filhos bastardos. Mas neste caso concreto, João Carlos, antes de tomar a decisão de levar o filho bastardo para casa, teve de ouvir a condenação da filha preferida, a qual declara que só um homem mau despreza um filho, e que os homens maus eram a exceção.[[45]](#footnote-45)

Muitos estavam convencidos que as suas barregãs estariam apaixonadas por se terem envolvido e posto a sua honra em causa ao envolver-se sexualmente com homens de outros estratos, mas a realidade constatava que as querelas e quezílias existentes, depois de finda a relação, eram apaziguadas após um acordo monetário. Muitas ameaçavam fazer escândalos e, neste caso, Elvira ameaçou fazer um escândalo no dia de casamento de João Carlos.[[46]](#footnote-46)

“João Carlos aceitou tudo, e ao deixar Elvira saboreava uma doce sensação de libertamento, ao mesmo tempo que ia antevendo a face chocarreira do Balthasar, galhofando d’esta fogosa paixão que desfechava abjectamente n’uma solução de dinheiro. Agora a sua ingénua credulidade irritava-o, e ainda mais o exasperava a cobardia rasteira que o tinha abatido perante a insolencia sibilante d’aquella barregã.”[[47]](#footnote-47)

Depois deste tipo de episódio é natural e previsível que houvesse uma alteração na vontade de João Carlos que, doravante, passaria a sentir um grande desprezo por tão abjeta mulher.

“Esta mulher inspirava-lhe agora um asco profundo, como se estivera estado em contacto com alguma cousa de immundo que o emporcalhara por dentro para todo o sempre, e sentia um descontentamento de si desolador e amargo, torturando-se no esforço mallogrado de se expurgar daquella sordidez.”[[48]](#footnote-48)

Este homem que casara por amor e que tivera de vencer certos obstáculos ao seu casamento, sentia-se agrilhoado e preso à barregã por causa do filho. De índole fraca, sentia-se mais protegido no ambiente confortável de sua morada e na companhia de uma mulher de nível superior por quem ele nutria admiração, amor e respeito. Sentimentos estes opostos aos que nutria pela sua barregã e pelo seu passado.

Sentia o desejo e a vontade de separar o filho da mãe, de o pôr totalmente a seu encargo, assim, já nada o uniria àquela barregã, cuidaria do filho à sua maneira e podia gozar a plenitude e pacificação da domesticidade. Mas sabia que, por mais promíscua que fosse a sua barregã, ela defenderia o seu filho como uma leoa ameaçada, principalmente se sentisse quais os verdadeiros intuitos e intentos de João Carlos.

“Sobretudo custava-lhe não poder romper com Elvira por causa do filho; agora que se sentia alevantado pelo casamento a uma esphera superior repugnava-lhe esta grosseira necessidade de tolerar ainda um remoto contacto com essa mulher abjecta. Sem o filho natural seria fácil o rompimento; mas por elle estava ainda odiosamente agrilhoado à barregã”.[[49]](#footnote-49)

“Todavia revolvia de contínuo o projecto de separar o filho da mãe; só esta separação podia libertá-lo, repudiando a concubina sem abandonar o filho. Assim elle podera resolver também com dinheiro esta dificuldade; mas não, o ouro dilatava a sua omnipotência até à violação do sacrario melindroso do amor maternal. N’ esta arca santa não se atreveria a tocar; Elvira era infima entre as mais infimas, soubera-o enfim, embora tarde; mas nem por isso deixava de ser mãe, e no coração rude d’aquella mulher violenta explosiriam impetos de leoa enfurecida na defeza dos filhos. E demais seria cruel, deshumano, feri-la no sacrossanto affecto maternal.”[[50]](#footnote-50)

A separação entre mãe e filho consuma-se quando Roberto adoece e são aconselhados os ares do campo para a sua recuperação.

Quando vai à missa as pessoas ficam atentas ao sermão do pároco, cuja mensagem versava sobre a família, o seu valor e o seu papel. O padre evangelizava no sentido de que não se deveria separar os filhos das mães e dos pais. Seria mau para a formação do seu caráter e da sua moral. João Carlos medita e chega à conclusão de que este sermão não seria referente a pessoas da laia de Elvira. Consolidada a separação entre mãe e filho, seria ele o pai o responsável pela moral e educação do bastardo e conclui que estas não perigariam se Roberto estivesse sob sua tutela e alçada.[[51]](#footnote-51)

Outra convicção de João Carlos é a de que muitos pais repudiavam os seus filhos naturais, não demonstrando qualquer preocupação com a existência e futuro dos seus filhos, ainda bébes, criaturas inocentes. E, assim, o seu caráter sobreerguia-se e elevava-se em relação aos demais, e pensava que afinal até não era completamente destituído de virtude e de bons sentimentos. Sentia-se no pedestal.[[52]](#footnote-52)

Com o nascimento da primeira filha legítima, foi invadido por uma felicidade inefável, passadas as primeiras preocupações com a fragilidade da condição gestativa de sua mulher, visto que para as burguesas a gravidez era um risco em comparação com as mulheres das classes operárias. Para tal facto, a explicação encontrada era que as burguesas eram mais sedentárias e praticavam menos exercício físico do que as operárias, enquanto estas tinham na labuta física o seu dia a dia.

Retrocedendo ao nascimento da filha legítima, João Carlos sente-se mais generoso. De fato, ele torna-se mais caridoso. Todos o estranham e comentam as suas boas ações.[[53]](#footnote-53)

Elvira desejava casar e reconstruir a sua vida de uma maneira legítima, por isso, recorre a João Carlos para que este a dotasse, o que ele acha justo, visto que encara este procedimento como a única forma de se ver livre do seu passado. Como contrapartida, João Carlos impõe a Elvira que saia do Porto.[[54]](#footnote-54)

Mas, por imprecaução própria dos espíritos imprevidentes e incautos, o pretendente de Elvira gasta todo o dote sem se casar com ela. Regressa então Elvira ao Porto, e ameaça João Carlos. Este saturado da situação mostra-se inflexível e resiste às ameaças de Elvira. Esta, por sua vez, faz o que há muito havia prometido, vai visitar Leocadia e manifesta todo o seu sofrimento pelo abandono a que fora votada. Na realidade, Elvira estava simplesmente imbuída de sentimentos vis, de inveja e de ganância, por ver logrados os seus planos iniciais, sentimentos esses que eram agravados ao saber que toda aquela vida de luxo e ostentação era vivida por uma mulher de outra classe social, escolhida especialmente para ser mulher e companhia de João Carlos, e mãe de seus filhos. Por outro lado, João Carlos, com a sua atitude, também revela falta de amor, de consideração e de respeito ao próximo. Ele, sendo fraco nos sentimentos e no caráter, explorou uma mulher de uma condição inferior à sua, embora Elvira também pretendesse apenas e simplesmente burlar João Carlos. Mas Elvira encontrava-se numa situação de inferioridade económica e social, e João Carlos tinha consciência disso. No entanto, a gravidez deu a Elvira alguma vantagem. Leocadia quando sabe desta história, ela que sempre tinha sido uma mulher honesta, como uma mulher de classe superior, fora protegida destas duras, tristes e cruas realidades. Todavia, agiu com muita nobreza de caráter, disfarçando a sua apreensão, informando Elvira de que tudo sabe e que nada lhe faltará, que se pode ir embora em sossego.[[55]](#footnote-55)

Roberto era recebido com muitos mimos pelas irmãs, especialmente por Branca, a mais devota. Branca queria compensar o meio-irmão, e Roberto achava normal que fosse compensado, recebendo com puro egoísmo os mimos e atenções que lhe eram dedicados. Afinal ele tinha sido esbulhado do bem-estar, vivia numa situação famélica de que ele era inocente, e vivia na condição de ilegítimo, condição essa de que ele não tinha culpa.[[56]](#footnote-56)

Depois de todos estes infelizes episódios, João Carlos confidencia a Leocadia a felicidade que é ter o filho junto dele, que outras irmãs poderiam repudiá-lo com medo que o dote fosse dividido e que o quinhão que lhes coubesse ficasse inferior. Este pai também considera que é melhor ter um filho homem a quem confiar o negócio, porque um genro também poderia ajudar, mas ele preferia alguém que fosse de sangue. E pensa, por isso coloca-lo a par dos negócios. As filhas não, porque eram mulheres e não precisariam. Necessitavam apenas de maridos que as pudessem representar.[[57]](#footnote-57)

Esta visão é própria da época, com o Positivismo e o desenvolvimento das ciências naturais, os teóricos defendiam a inferioridade física e mental da mulher.

Esta história apesar de ser triste, revela que a posição de João Carlos não é completamente culposa, pois tenta remediar o seu erro. Atitude esta que a personagem analisada no romance posterior não demonstra. Muito pelo contrário, Alberto irá querer ver o seu filho natural bem longe da sua vida e dos seus negócios. O que talvez fosse a situação mais comum entre os homens da burguesia ascendente e os seus filhos naturais.

Em “Vida Atribulada - scenas da Vida Contemporânea” de 1880, Júlio Lourenço Pinto retrata o namoro ilegítimo entre um jovem de classe superior e uma jovem pequeno-burguesa. Ilegítimo não por serem casados, mas porque tiveram envolvimento íntimo sem serem casados e, por essa mesma relação ter gerado um filho bastardo, que foi entregue à roda e não foi assumido por nenhum dos seus pais.

Nesta época as pessoas procuravam encontrar um companheiro, maridos e esposas, que podiam não usufruir de título mas que auferiam os seus próprios rendimentos. E num século de importância para a Burguesia é natural que esta classe fosse a preferida. Mesmo a antiga classe possidente, a nobreza, procurava agora uniões com quem lhes pudesse restituir e manter o nível perdido.

A ação inicial desenrola-se entre as três personagens da primeira trama, Alberto, Silvério e Adelaide. Todos burgueses, mas apenas Alberto se inclui numa posição dominante. Silvério estudava na Universidade a fim de manter um nível de vida a que os seus pais falidos o haviam habituado. Adelaide era uma burguesa filha de um amanuense com baixos rendimentos e que falecera por doença. Adelaide vê, então no casamento rico um meio de evitar uma vida famélica.

O interesse de Alberto e de Silvério por Adelaide não é a ganância, a ambição pelo dinheiro, mas antes o torpor e o desejo da carne, a volúpia.[[58]](#footnote-58)

Adelaide tenta namorar com Alberto nos passeios, por exemplo, no Jardim de S. Lázaro. Mas Alberto esquiva-se dizendo que o pai não aprovaria uma união com uma menina tão pobre, que primeiro terá de o convencer e se não conseguir, que deixará tudo por ela. Faz promessas e juras de paixão e amor.

Adelaide fica entristecida mas acredita naqueles sentimentos. Por ocasião de um passeio ao cemitério, único lugar onde Alberto concorda em passear com Adelaide, esta perde a virgindade em situação muito sinistra.

Pelo caminho vê uma campa com o seu nome e sente este fato como um presságio de uma coisa má que está para acontecer.

As dúvidas interpelam a sua mente mas, ao mesmo tempo, sente um prazer imenso e uma vontade de continuar e de explorar estas novas sensações que eram para ela antes desconhecidas. Questiona Alberto sobre a sua nova situação e este, inconsequente e maliciosamente, responde para não se preocupar, que a partir daquele momento tudo se passará como se eles já estivessem casados.

Quando chegam a casa, a mãe de Adelaide, que apoiava este namoro e tinha todo o cuidado para que fosse um namoro vigiado e que a honra da sua filha ficasse imaculada, procede a um inquérito, tentando perscrutar onde é que os dois haviam estado. É um momento constrangedor para a mãe que suspeita que algo tenha acontecido, e para filha que sente confiança no namorado mas que pressente que se tornou uma mulher perdida, numa sociedade dura, em que a honra de uma rapariga pobre é o único dote que poderá oferecer a um futuro noivo.[[59]](#footnote-59)

Nos dias seguintes, Alberto continuou a demonstrar interesse e visitava Adelaide em sua casa, mas, passados alguns dias, deixa de lá pôr os pés. Então Adelaide que antes era capaz de ter um pouco de jogo de cintura e de resistir às investidas de Alberto, desde que experienciara os novos e inefáveis prazeres, agora era ela que procurava Alberto, agora era ela que se lhe entregava às ocultas, muito sozinhos, “ no recato das clandestinas sensações d’aquelles amores ilícitos”.[[60]](#footnote-60)

O motivo da ausência de Alberto é o fato de ter casamento marcado com uma burguesa do seu nível.

“O caso do casamento mallogrado commentava-se com chacotas e bisbilhotices jubilosas, triumphantes”.[[61]](#footnote-61)

Para além de ter de passar pela dor do abandono, Adelaide terá de enfrentar uma nova realidade que é o despeito da vizinhança, vizinhança essa que ela e sua mãe tanto haviam tentado impressionar com os seus talentos em matéria de contratos nupciais e de namoro. Mas não só Adelaide se encontrava agora grávida e todos os cuidados eram poucos para tentar conservar o que restava da sua reputação e honra, como também passavam por duras provações.

Sua mãe, ao ver o estado de sua filha, medita e conclui que a culpa, em parte, era derivada da sua atuação e ambição: não deveria ter sido tão gananciosa, aceitando e conformando-se com a sua condição modesta. Desta forma, talvez Adelaide tivesse feito um casamento honesto, com um rapaz simples que a respeitasse e a quisesse como mulher. O que agora era mais difícil, porque, para além de estar nas bocas do mundo, Adelaide perdera o seu mais precioso dom, a sua virgindade que poderia oferecer como dote. E, para colmatar, encontrava-se grávida de um bastardo, que não teria futuro e que não lhe proporcionaria futuras alegrias. Pelo contrário, muitas desditas esperá-la-iam. A parteira tenta convencer Adelaide a pôr o filho na roda, dizendo que essa instituição se fez mesmo para casos como o dela:

“\_ Nem sabe chorar o pobresinho de Christo, está a cahir de lazeira! A menina faça o que quiser, mas olhe que a roda não se fez para outra cousa; quem não pode arreia, e aquillo não custa nada, meia volta e zás... está logo ali de pernas abertas para receber o que vae, toca a campainha e acabou-se. Ninguém sabe nada, para guardar um segredo o demo não podia inventar melhor geringonça, e depois eu... a menina bem sabe que esta boca é sagrada.”[[62]](#footnote-62)

A exposição anónima de crianças ficava confiada à Instituição da Roda que era administrada pela Misericórdia. A partir de 1838 essa função passa para a Câmara. No século XIX (meados) esta situação gerará grande polémica o que acabará por levar à sua extinção em 1864, procurar-se-á substituir esta medida por outras, como por exemplo, subsidiar a lactação e creches, entre outras.

Esta situação era colorário dos novos valores da burguesia ascendente que dava muito valor à família e considerava que a criança devia ser educada de maneira a constituir um elemento fundamental e saudável da reprodução social. A “ Roda” aparecia a muitos pontos de vista como uma instituição que fazia a manutenção dos hábitos antigos e que eram considerados selvagens e condenáveis.[[63]](#footnote-63)

A Roda era vista como desagregadora da união familiar como célula base da sociedade e como corrupção dos bons costumes. Outro pretexto usado foi a elevada taxa de mortalidade já que faleciam cerca de 60 a 80% das crianças expostas que dessem entrada na “Roda”.

A Historiografia da Industrialização e da Família refere que entre os meios operários havia uma grande taxa de fecundidade, superior no Porto à de Lisboa e muito distante de outras áreas do distrito. Tal deveria apontar-se ao abaixamento de idade do casamento nos meios populares e ao elevado grau de fertilidade ilegítima nos meios populares. Ao contrário dos meios burgueses que tinham taxas de fecundidade ínfimas, precisamente porque tinham índices de nupcialidade mais tardios e aparentemente tentavam limitar o número de nascimentos.

O encontro entre Adelaide e Alberto, depois de tudo o que se havia passado, é um encontro dramático: Adelaide, imbuída de sentimentos de revolta e de indignação, dirige-se a Alberto que, com a consciência pesada e numa atitude covarde, se esconde atrás da sua mulher, que está despreocupada e de que nada desconfia. Então num ímpeto tresloucado, Adelaide insulta Alberto, mas o insulto não vai para além de “canalha”. Acusa-o da morte da mãe, que havia morrido de desgosto e denuncia que o seu filho se encontra na roda.

A mulher, sem perceber muito bem o que se está a passar, pensa que se trata de uma mulher endoidecida e alienada, e sente necessidade de se afastar de uma pessoa que está envolta em tão negativos sentimentos. Inconscientemente, sente que aquela mulher é uma ameaça ao equilíbrio e pacificação do lar que decidira constituir.[[64]](#footnote-64)

Adelaide parte, por fim, para o Brasil em busca de uma vida melhor e de fortuna.

Carlos acabaria por ser criado por uma ama-de-leite no subúrbio. Um dia ao acompanhar a mãe de leite ao Porto, repara nos meninos que vendiam jornais na rua, que lhe pareciam contentes e com uma inexcedível liberdade. Sonhou ser um deles e desejou ler tudo o que aqueles jornais traziam. Poderia ser livre e ter uma vida bem diferente daquela que tinha – sem amor dos pais de leite e sempre engalfinhado com o irmão de leite; trabalharia nos montes, tendo como únicos amigos os animais que mereceriam os seus cuidados.

“No dia seguinte viu distribuir a um grupo de rapazes papeis que tanto lhe aguçaram a curiosidade. Como iam alegres e livres aquelles! Se elle também andasse assim com um pé no ar a vender papeis? E depois poderia ler tudo aquilo...”[[65]](#footnote-65)

Passeou pela cidade e perdeu-se da mãe de leite. Foi encontrado por um jornalista tipógrafo que se preocupa com ele. Quer devolvê-lo à mãe de leite quando descobre que Carlos é uma criança exposta. Mas chega a um acordo com a mãe de leite e responsabiliza-se por Carlos ao constatar que o menino seria mais feliz na cidade e que ambicionava poder vender jornais e ter uma vida diferente daquela que tinha tido até aí. Fica feliz quando começa a trabalhar e vê o seu trabalho recompensado através de um soldo que aufere, ao contrário do que se passava na aldeia em que trabalhava muito e nada recebia em troca.

“Dinheiro seu?... Na aldeia moirejava como um animal e não lhe davam nada, ali, a esvoaçar alegre como um pardal, ganhava o pão que comia!”.[[66]](#footnote-66)

Carlos torna-se um funcionário exemplar. Passado pouco tempo, começa a trabalhar na tipografia e trabalha arduamente mas também com gosto. Todos lhe reconhecem o valor. E à noite, quando a luz diminuía e os bicos de gás eram relativamente fechados, Carlos sorvia os jornais e começava a rabiscar os seus próprios apontamentos e notas.

Outra coisa que acontece a Carlos é o seu maior envolvimento com a causa operária. A trabalhar entre operários letrados, a chamada aristocracia operária, Carlos sente o seu ser convulso e efervescente quando ouve discussões políticas entre os tipógrafos. Era nas tipografias que se redigiam, editavam e publicavam muitos jornais de militância do partido socialista. E Carlos sentia simpatia e embrenhava-se cada vez mais na dura realidade e condição da classe operária.

Este comportamento de Carlos não passava despercebido aos demais, até que um dia lhe perguntaram se não gostaria de estudar, de aprender algo. Carlos fica alegremente surpreendido mas também entristecido porque não tem como custear tamanha empresa.

“Olha lá, queres estudar, saber francez, aprender alguma cousa, hein?

Ficou attonito, esperava uma reprehensão, um castigo, duvidava do que ouvia.

- Então ficas-te ahi com cara de palerma... Não ouviste? Queres ou não queres?

- Eu queria, sim senhor, mas... sem dinheiro...

- Quem te pergunta por isso, depois pagarás, quando poderes.”[[67]](#footnote-67)

Carlos conclui o liceu com distinção. Tinha estudado arduamente e com responsabilidade. Adulto, instala-se na casa contígua à de seu pai biológico, e apaixona-se por sua irmã.

Era um dos riscos da despreocupação do Governo com os filhos bastardos entregues à roda. A roda, como única alternativa à vida de vergonha e dissoluta para muitas mulheres, não tinha em atenção o real interesse da criança em relação à sua identidade paternal. Mesmo assim era uma solução preferível ao infanticídio.

Tal como Roberto, Carlos sofria a angústia de não saber as razões da sua ilegitimidade e a razão pela qual seus pais o haviam repudiado.

Na sua relação com Albertina nota-se um certo descrédito pela vida e pela possibilidade de atingir a felicidade. Sente que nunca poderá ser feliz com Albertina porque para além de ser bastardo, separa-os um fosso social. Albertina é uma burguesa e ele um simples operário que nada tem de material para oferecer, a não ser o seu amor.

Albertina, mais ingénua acredita que se poderão casar visto que lera um romance em que o rapaz pobre casara rico.

Mais uma vez deparamos com o preconceito, mesmo o de uma rapariga inexperiente e sem consciência do real peso das condições sociais numa época como esta. Se fosse um amor totalmente incondicional, isto é, se Albertina amasse Carlos de verdade, não pensaria no enriquecimento do rapaz como pré-requisito à realização do casamento.

“- Porque?.. porque é bom de mais para mim, não é bom sonhar com uma felicidade... irrealizável. O meu trabalho é simplesmente uma pobreza, separa-nos um abysmo...

- Isso é que me não importa, até é melhor assim. Ainda hontem acabei de ler um romance em que um rapaz pobre casara rico.”[[68]](#footnote-68)

Depois de muitas peripécias, a conclusão a que se chega é a de que Albertina e Carlos são meio irmãos. Logo, trata-se de um amor incestuoso.

Já depois de casada, Albertina combina um encontro com Carlos. Iriam consumar o seu amor. Mas, de repente, Albertina sente umas convulsões nas suas entranhas, no seu ventre, e conclui que está grávida. Finalmente teria uma razão digna para viver, viveria pelo seu filho. E repugnava-lhe a ideia de contrair adultério com um homem que não era o pai de seu filho.

São de facto sentimentos nobres. Albertina não quer ser uma mulher desonesta por amor a seu filho. Assim, apesar de amar Carlos e não o homem com quem estaria casada, Albertina decide não consumar o ato. Amar o seu filho seria uma forma de honrar-se e de não tornar tão infame aquele casamento que a desvirtuara e viciara. São ainda umas reminiscências daquela menina que amara um homem de condição inferior, uns laivos de inocência e de puerilidade.

“Levantou-se com muita decisão, e logo depois hesitou ainda, um desfallecimento invadia-a, detinha-a uma força misteriosa e estranha, a vista obscurecia-lhe, e deixou-se cahir outra vez sobre a poltrona com muito abatimento. Mas de subito sentiu dentro de si uns movimentos estranhos, alguma cousa de extraordinario como nunca sentira, as suas entranhas estremeceram, e ella ficou sobressaltada, suspensa em uma ansiedade pensativa, entre assustada e jubilosa.”[[69]](#footnote-69)

Em conclusão, ambos os romances tratam dos filhos ilegítimos e sobre qual serissa o seu destino.

Apesar do desinteresse poder ter sido a situação mais observada da parte dos pais biológicos, e de poder ser uma situação que se possa generalizar, o que as fontes demonstram é que os filhos bastardos ingressavam no meio operário e adotavam os seus valores, ou seja, como nada possuíam, não procuravam uma mulher pelo seu dote, mas pelo afeto que pudessem colher e proporcionar a quem tivessem ao seu lado. Também é um sintoma de que tal como no *O Bom Selvagem*, quanto mais próximo o ser humano se encontra do seu estado nascente, da Natureza quer-se com isto dizer, melhores são as pessoas, menos ganância e menos maldade têm.

# O Casamento: O Divórcio e a Violência Doméstica

Entre o meio burguês o casamento entre as pessoas revela uma grande disparidade de idades entre os noivos, sendo o noivo geralmente mais velho do que a noiva.

Este ato (o casamento) revela um momento importante de reprodução socioeconómica. Os comportamentos passam por casar mais tarde ou não casar, limitar experiências antes do casamento, não voltar a casar após falecimento de um dos cônjuges. Constituem, de fato, mecanismos de preservação ou de reforço de patrimónios familiares, já que o casamento constitui uma estratégia de aliança matrimonial.

Para além da osmose entre aristocracia e burguesia ascendente denota-se um valor no dote da noiva que tem um significado explícito no contrato do casamento.

A homogamia social das elites é mais exigente e obriga a escolhas mais alargadas que se definem pelos contatos dos círculos dos pais que podem ser do Douro como alargar-se ao Minho, como ao Brasil ou como Inglaterra.

São os filhos que se deslocam visto haver uma tradição de habitar a casa paternal, isto explica-se pelo papel assistencial que as filhas prestam aos pais na velhice. Outra explicação paternalística é a ascendência que o pai exerce sobre a filha, e, por fim, a “força matricêntrica” que privilegia a relação mãe-filha.[[70]](#footnote-70)

Para as camadas populares não se colocam problemas de transmissão de patrimónios já que estes são inexistentes ou muito parcos.[[71]](#footnote-71)

Mas, os operários procuravam parceiros que tivessem o mesmo ofício de maneira a poderem complementar-se nas suas funções. Tratava-se de uma estratégia de sobrevivência.

Existe uma homogamia matrimonial, entre os 20 e os 24 anos é quando se encontram unidos ou casados, procurando parceiras dentro da mesma área ou ilha.

O celibato definitivo entre as mulheres operárias é elevado, embora não tanto como nos meios burgueses, isto explica-se pela forte feminilidade da população portuense.

Derivado da organização do trabalho em pequenas unidades domésticas, podemos dizer que os casais têm maior autonomia em relação aos seus progenitores e caraterizam-se por ter habitação própria. Tal não significa afastamento dos familiares porque muitos habitam a mesma ilha e fomentam relações de vicinalidade, o “sweating-system” é outro fator predominante no setor têxtil em que a mulher estando em casa e já com filhos pequenos constitui uma ajuda para a organização do trabalho e, por consequência, para o orçamento familiar. Também os avós ou a avó viúva podem ajudar nesta economia.

A separação judicial de pessoas e bens era uma forma de dar um desfecho a um casamento falhado. O divórcio pode ser encarado como uma sanção, como um remédio ou/e uma libertação.

Muitas vezes tem por de trás histórias de maus tratos e de violência. Outras, tem como razão as infidelidades e o adultério. Outras ainda, têm como razão de ser o endividamento do casal, ou de um membro do casal, sendo a separação uma forma de salvar os bens remanescentes.

Em *A Pharmacia Pires* de 1896, de Julio Brandão, João e Flora não se separaram, mas Flora foi assassinada.

Neste romance João, um boticário recém ascendido a uma classe burguesa procura um casamento por conveniência, um casamento sem amor. Mais tarde, fascinado pelo mundo do Teatro, irá desenvolver uma relação amorosa com uma atriz muito cocotte. A paixão cega-o ao ponto de sentir necessidade de se ver livre de sua esposa, para poder unir-se à sua amada. O método usado será o envenenamento, só assim encontra a libertação.

Tudo começou com o desejo de enriquecimento da parte de João, um farmacêutico que era proveniente de baixos estratos e que fora obrigado a migrar para o Porto por seu pai, que o maltratava. Os maus tratos de seu pai e as duras condições de vida que passou talvez expliquem o seu caráter vil e cruel. João decidiu então pôr um quarto para arrendar.

“Queria muito dinheiro, pensava elle. Muito dinheiro! Depois sim, é que era poder gozar um bocado... E sonhava grandes viagens, a paizes «de outra espécie», longe d’ aquella canalha, sem o estafermo da mulher á perna. Já estava massado, pensava! E o seu egoismo, a seccura da sua alma torpe, punham-no azedo.”[[72]](#footnote-72)

Os vizinhos notavam alterações no quotidiano daquele casal mas, atribuíam as culpas a Flora. Talvez a natureza das mulheres que não trabalhavam em ofícios economicamente valorizados e que, por isso, passavam os dias a falar da vida das outras pessoas. Talvez por sentirem ciúmes quando uma delas se casava e as que não se casavam viravam velhas solteironas. Meninas para o resto da vida.

Neste caso, todos atribuíam o fervor por dinheiro à ambição de Flora, enquanto João continuava a ser muito bem visto. De facto, era ele que trabalhava na botica, que lidava com os clientes e com os vizinhos e por isso poderia manipular a opinião pública a seu bel-prazer e de forma a favorecê-lo, já que tinha um trato afável e amável. Ninguém suspeitava.

“Flora, ao contrario, era mordida, enxovalhada nos conclaves. Attribuiam-lhe toda aquella mesquinhez que ultimamente se lhe notava em casa, e as Sousas, a quem ella tivera de dar de mão por causa do marido, sublinhavam phrases cruas a respeito d’ella.”[[73]](#footnote-73)

Os maus tratos começaram quando João se recusava a dar mais dinheiro a Flora para as despesas domésticas. Flora exigiu e deu-lhe a entender que o dinheiro que ela dispunha não era suficiente. Isso enfureceu João ao ponto de a agredir pela primeira vez. Isso provocou grande dor e consternação a Flora que passou a temer o marido.

“Cada dia o João lhe dava menos dinheiro para as despezas. Não chegava a nada, e atirava-lhe com elle, furioso. D’ uma vez, que ella disse que não chegava, arremessou-lhe da porta um pataco, que lhe fez uma pisadura no seio. E ella ficava suffocada, cheia de lágrimas, ia cahir de joelhos diante do santuario, tiritando de medo que elle subisse.”[[74]](#footnote-74)

O excerto, supra citado, é sintomático do desespero desta mulher que, não acreditando que ninguém lhe pudesse acudir, se ajoelha defronte do santuário de Jesus e para si pede-lhe ajuda e proteção. Invoca o santíssimo. Típico de uma sociedade em que os valores da Igreja ainda se encontram muito enraizados.

Muitas pessoas naquela altura socorriam- se da “figura” do penhor e penhoravam os seus bens.

Na 2ª metade do século de 1800 no Porto proliferam as casas de penhores, preferencialmente para dar crédito às classes populares. Estes episódios são caraterísticos de períodos de crises de emprego e de baixos salários. São frequentes no Porto, principalmente depois de 1875 quando surgiram a Caixa Económica Penhorista e a Companhia União Popular Penhorista, esta última constituindo um marco importante nesta atividade. No final do século ascendem a uma centena.

O cincoenta (penhor ou figura do penhorista em termos populares) como era conhecido entre a classe trabalhadora era uma realidade a que recorriam os trabalhadores em situação de crise individual ou familiar como casos de doença, desemprego ou viuvez.

Surgem como alternativa às ineficazes Associações de Socorros Mútuos.

Penhorava-se o fato domingueiro.

“O penhorista pagava-se adiantamente do juro mensal sobre a quantia do crédito. O penhorado tinha então 3 meses para resgatar o objeto do prego- peça de vestuário ou de mobília, ouro, prata, relógios, etc. Muitas vezes seria difícil recuperar o objeto penhorado, acabando este por ser leiloado.”[[75]](#footnote-75)

Como já foi referido João interessa-se por uma atriz de teatro, uma “coquette” e acaba por se envolver com ela. De facto, esta mulher despertava em João sensualidades que sua mulher não despertava. Estas atrizes de teatro eram geralmente mal vistas pela sociedade e associadas a vidas dissolutas. João também se interessa pelo filho de Caleça que lhe contava episódios rocambolescos e cheios de pilherias. Aquele estilo de vida atraía João.

A “coquetterie” era o termo empregue para designar o jogo de sedução estabelecido na segunda metade do século XIX. De fato, trata-se de um jogo de cumplicidades entre a distância e a proximidade, entre o corpo ausente e o contato físico. Trata-se de um momento de eterna sedução. Momento de eterna insinuação. Um momento fugaz, onde a carícia é supérflua e falha.

Era “coquete” a burguesa ou a aristocrata ou qualquer outra mulher que personificasse este tipo de jogo de sedução que poderia consumar-se ou não.[[76]](#footnote-76)

Barreira refere que é um jogo que se estabelece “na ordem de convenções de ordem semiológica (a linguagem do corpo, a da moda e outras formas de comunicação não verbal) ou através da etiqueta, das regras e dos usos.”[[77]](#footnote-77)

Ramalho Ortigão refere que “A galanteria não é o amor, é a delicada, a leve, a perpétua mentira do amor”.[[78]](#footnote-78) E, acrescenta “O casamento estabelece-se na razão, no sentimento da dignidade humana, no dever, no direito, na virtude e no próprio interesse”.[[79]](#footnote-79)

(...)” - agitou-a brandamente mostrando o pé, um pouco esguio, calçado n’ um chinello de feltro vermelhusco, e ás vezes, esquecidamente, um principio de meia preta...

O João olhava, via aquelle sapato demoniaco, a meia, que lhe acordava sensualidades amodorradas.”[[80]](#footnote-80)

De realçar os elementos constantes nesta descrição: o chinelo vermelho, cor da paixão e dos sentimentos relacionados com a volúpia. A meia preta, e aqui o tom preto tem um duplo sentido, de facto, também é uma cor de sedução que combina com o encarnado, mas também é uma cor de luto, talvez o luto pré anunciado por Flora.

“Não havia duvida para o procurador: o João trazia mulher na costa. Era o motivo d’aquelles phrenesis, d’aquelles modos. Era o aborrecimento d’uma mulher que se possuia, nascido do amor a outra mulher, a algum estafermo que elle queria possuir.”[[81]](#footnote-81)

Mas os modos de João não deixavam todos indiferentes. O procurador era um homem sábio e experiente, desconfiou e tencionou descobrir tudo e pôr juízo na cabeça de João. O divórcio não estava instituído como nós o conhecemos hoje, o que se permitia era uma separação judicial de pessoas e bens. E nenhum dos dois poderia voltar a casar-se. Por isso, os amigos tinham interesse em que os dois se entendessem, até porque uma mulher divorciada era muito mal vista pela sociedade, chegando mesmo a ser discriminada.

João tornava-se cada vez mais violento. Aproveitando a ocasião do falecimento do sogro, e em que Flora teve de velar o corpo do pai, ausentando-se vários dias do seu domicílio, aproximou-se mais de Caleça, fazendo-lhe visitas noturnas. Um dia, porém, Flora regressa, e a situação foi bombástica:

“O joão pulava, fez-se escarlate, depois pallido. Precisamente á hora em que elle ia fechar para ir ter com a outra!... Irra, que infelicidade, que sorte! E teve á mulher o asco que se tem vendo uma lesma, sentiu vontade de a anniquilar... Subiam por elle phrenesis diabolicos, silvavam-lhe serpentes no peito - e quando Flora, um pouco pallida e cansada, subia devagar as escadas, deu um murro feroz na banca, soltando um grito obsceno: pegou n’uma garrafa de remedio, despedaçou-a no chão, rangendo os dentes, soltando um arranco epileptico.”[[82]](#footnote-82)

No excerto supra citado damo-nos conta já dos instintos homicidas de João quando diz que ele sentiu vontade de aniquilar Flora.

Outra reflexão a ter em conta é a reação de João, os impropérios e o arremesso da garrafa para o chão e a referência ao choque epilético. Tudo isto são caraterísticas da literatura naturalista. Aqui Júlio Brandão quer-nos dizer que João sofre de comportamento típico de um louco, de um demente, de um alienado. Depois do que já se sabe do passado difícil de João, está justificado esse comportamento desviante.

No excerto infra citado podemos constatar o comportamento e atitude de Caleça e de seu filho perante Flora.

“Entretanto a Caleça, alta, passou tranquila, abaixou a cabeça polidamente. O filho, atraz, fazia caretas a Flora, deitava-lhe a língua de fora, troçando. Quando se retirou para dentro, Flora teve uma tontura, e cahiu redonda no chão.”[[83]](#footnote-83)

Uma mulher adulta e “coquette” como Caleça passou altiva, com ares de superioridade por ter destronado a mulher legítima da posição de eleita do seu legítimo marido. Caleça superou-a e tem consciência disso. Seu filho, criado num mundo de pilherias e de torpezas, não mostra ter sensibilidade, pelo contrário, despreza e faz troça, mostrando ser detentor de baixos sentimentos para com o próximo em sofrimento. Ainda contribui para que a dor de Flora seja maior. Flora revela uma tibieza de caráter ao deixar-se influenciar por um menor de idade, que apesar de cruel, revela grande imaturidade.

João tinha medo do mundo, das vizinhanças e do escândalo que a sua vida dupla pudesse acarretar se fosse descoberta.

A criada e a mulher perceberam e João andava instável e agressivo. A sua animosidade manifestava-se em atos e palavras. Era cada vez maior a violência física e as ameaças verbais não só à integridade física de Flora, mas também à sua própria vida.

“ O João perdeu-se:

- Grande calumnia! Nem pio! É demais!

- Vai p’ ra lá hoje também, anda! Vai lá dormir!...

Então o João não se susteve. Deu-lhe uma bofetada. Flora nem se defendeu, continuava a chorar, cheia de ansias.

- Ó meu Deus, que desgraça a minha. Ó alma do meu paesinho!...

Mas como se fallasse alto, o João tapou-lhe a bôca.

- Cala-te, diabo! Olha que te mato! - E deu-lhe um murro nos dentes.”[[84]](#footnote-84)

Os sentimentos de Flora eram estranhos. Por um lado, receava-o de morte, nem que fosse inconscientemente. Por outro lado, ainda amava aquele homem, esperava talvez regenerá-lo, mas também sentia que não tinha forças para lutar e resistir a tanto sofrimento. Sentia que já nada a prendia ao mundo terrestre que, com a morte do pai, menos proteção teria na terra, sem um homem que a defendesse, numa sociedade eminentemente machista.

“Tinha medos - e amor ainda a esse homem, a quem nunca se atrevera a chamar canalha. Lembrava-se da vida eterna, das doiradas auroras do outro- mundo. Rezava por alma do pae, pedia a Deus por ella. E em meio d’ aquella dor resignada, parecia que o corpo, já nada preso à vida, lhe voava para as felicidades do ceo.”[[85]](#footnote-85)

No excerto supra citado, constatamos uma réstia de esperança de felicidade, já não nesta terra, mas no além. Seria esse o seu fim. O veneno aplicado seria a morfina. Flora nem desconfiou. Observou João lívido e preocupou-se a medo com ele.

“Estás doente? Perguntou a medo Flora, vendo-o assim livido, com os cantos da testa suados.”[[86]](#footnote-86)

Um amigo de Flora, que andava preocupado, ainda se lembrou de fazer uma autópsia, mas depressa desistiu da ideia: “Lembrou-se de uma autopsia; mas se eram falsas as suspeitas!... (E a voz dos padres subia, em coro).”[[87]](#footnote-87)

Da obra analisada vemos que trata-se de um casamento contraído apenas por interesses económicos logo estaria condenado ao fracasso. Os casamentos até poderiam manter-se pelas mesmas razões que os originaram, mas que os cônjuges inevitavelmente procurariam ligações extraconjugais. Neste caso concretamente, podemos aferir que também esta cocotte se envolvera com João por motivos económicos, para poder tirar partido da situação. Mas, no final da obra ficamos com a dúvida de se realmente Caleça voltaria de uma tornée que faria com a sua companhia de teatro.

Em *A Divorciada* de 1881, de José Augusto Vieira retrata-se a história de um casal - Alberto e Ermelinda, que depois de uma lua-de-mel no Bom Jesus em Braga, retorna à casa paterna. E o quotidiano e o dia-a-dia com o seu marasmo e repetição levou este casal ao recíproco entediamento. A situação tornou-se grave, não só devido aos posteriores maus tratos físicos e psicológicos, mas também devido à precária situação em que se encontraram no período subsequente ao falecimento do patriarca da família. Neste caso o desenlace foi a separação, e, neste caso, ao contrário do anterior, o casal tinha uma filha menor de idade, e, como tal, com repercussões em termos de responsabilidade para ambos os pais.

Ermelinda desejava, na sua lua-de-mel, não estacionar em Braga. O que desejava era que fossem de imediato para o Bom Jesus, imbuída num romantismo puro, em que desejava respirar o ar puro dos arvoredos do Bom Jesus, o ar fresco e bucólico daquela paisagem. Alberto, pelo contrário, não sentia vontade de condescender com a mulher. Uma preguiça o invadia, o que ele queria era o seu comodismo assegurado, sem preocupações de maior. Tudo teria o seu tempo, o que ele queria era gozar o bem-estar da sua mais recente conquista, a sua nova posição económico-social.

Ermelinda na própria lua-de-mel, parece acordar de um sonho, tudo seria uma ilusão, e, no excerto infra citado, refere a futura corrupção que viciará a sua união com aquele homem. Projeções sobre todo a separação que anteriormente já se referiu.

Ermelinda acordara de um sonho e constatava que, se calhar, ele não seria tão apaixonado como se fizera passar, e como tal, como lhe recusara o pedido de ir diretamente para o Bom Jesus e de não estacionar em Braga, concluía que Alberto talvez fosse um bruto, um homem que não saberia cuidar de si como se tratasse de uma flor, com delicadeza, com o toque sublime com que todas as mulheres gostariam de ser tratadas, e Ermelinda, especialmente, que sonhara com esse homem e que se deixara enganar pelos modos relativamente subtis com que Alberto se tinha apresentado.

“- Tens razão; seria uma tolice ficar em Braga. -

“Mas no fundo, bem no fundo do pensamento de cada um, a desillusão entre-abria-se, como uma flor venenosa que tem nas finas particulas aromaticas a corrupção futura do ar que embalsama. Na imaginação d’Ermelinda, Alberto cahira no prosaismo das comodidades triviaes, - um materialão, ora vejam lá, e eu que o julgava uma alma apaixonada, radiosa de luz, de poesia d’ amor... e fiava que o futuro lhe descobriria ainda mais em relevo esses defeitos, - que elle não saberia ter as delicadezas subtis, de que toda a mulher se quer ver rodeada, como n’ uma onda de finissimo arminho, - que seria talvez grosseiro, conhecera-o na ruga animada da sobrancelha, quando lhe contrariou o seu desejo de irem n’ aquella mesma noite para o Bom Jesus.”[[88]](#footnote-88)

Por seu turno, Alberto não ficou menos desiludido. Concluíra que a sua recente mulher era romântica em demasia, que ele não gostava delas prosaicas, mas que sua mulher caíra num exagero, e que para agravar a situação notara-lhe um geniozinho que talvez fosse caprichosa, e que ele não seria homem para ceder a qualquer capricho, e que confiava na sua força persuasiva, que lhe daria a volta e que Ermelinda haveria de amansar. Constata-se no excerto, infra citado, que Alberto procurava esquecer aquela pequena peripécia, um pouco desagradável para ele com expansões frenéticas de ósculos sensuais, denotando que a paixão sentida talvez fosse eminentemente de caráter físico, aquelas que são por natureza as mais funestas e as mais efémeras.

“- Uma romantica, ein!... gostava da mulher que não fosse prosaica, mas parecia-lhe que a sua tinha essas qualidades exageradas, e depois um vidrinho de cheiro, tinha genio, conhecia-se; mas havia de amansar, que remedio!... mas, com os demonios, não era agora occasião de pensar n’ isso -

E beijava-a, no aquecimento febril da sua paixão sensual, ébrio de gozo, como um rapaz estroina que saboreia uma garrafa de champagne, sem se lembrar que tem de pagar depois.”[[89]](#footnote-89)

O dia-a-dia do casal era difícil. Era nesses momentos indizíveis do quotidiano que se iam descobrindo os pequenos defeitos de cada um, sucediam-se as desilusões. E Ermelinda sonhava com todas as doçuras de um casamento feliz. Seriam utopias? Talvez, as donzelas de um certo nível social liam romances de amor, amores ficcionados, transbordantes de afetos e de prazeres inefáveis. Para Ermelinda, apesar de casada, tratavam-se de prazeres desconhecidos. Pelo menos não conhecia essa faceta do casamento envolto nessas paixões inebriantes.

E desleixava-se na sua aparência, não tratando do casamento e passando todo o dia nas mesmas vestes. Ora isto é o fim de qualquer ilusão que um homem tenha, os homens muito dados a fetiches sensuais e sexuais, davam muita importância às vestimentas das mulheres, e desenvolviam ilusões e fantasias sensuais.

Ermelinda por sua vez, achava que poderia andar mais à vontade do que durante a fase do namoro, porque, agora, não correria o risco de perder o casamento.

“E a sua phantasia vendo apenas o drama, engolphava-se n’ este sonhar d’ uma morbidez debilisadora, esquecendo que para aquem d’ esse ideal mentiroso, existia bem perto d’ ella, um outro ideal menos allucinante, mas mais casto, cheio de austeras doçuras intimas, dos affectos suaves, das dedicações obscuras e sublimes, das virtudes ignoradas mas nem por isso menos formosas, um ideal, que toda a mulher deveria ter como a columna de luz que lhe guiasse os passos atravez da existencia.

E n’ essa abstracção, em que lhe andava erradamente o espirito, Ermelinda tinha descuidos imperdoaveis de toilette, um desleixo que a amollentava, ficando ás vezes um dia inteiro com o penteador da manhã, o cabello cahido, simplesmente preso na nuca, deixando uma humidade oleosa na brancura da bretanha.

- Ora, que lhe importava; já não perdia casamento! -”[[90]](#footnote-90)

Mas, também ao “dandy” do Alberto caía a máscara, o tédio que sentia com a sua nova vida tornava-o também desleixado com a sua toilete dentro de casa, só se preocupando com a maneira como era visto no exterior. O seu desarranjo dentro de casa, até com a arrumação das suas coisas , denotam desprezo pelo espaço que ele agora habita, assim como desprezo por sua mulher e pela criada. As criadas tinham por obrigação arrumar a casa, mas a sua tarefa ficaria facilitada consoante o tratamento que os seus patrões davam e deixavam as coisas dispostas, depois de serem usadas.

“E depois via o Alberto tambem, um descuidado, atirando o fato para cima das cadeiras, escovando-se e penteando-se apenas quando tinha de sahir, desarranjando uma gaveta para procurar um lenço, calçando as luvas já no meio da rua, tendo deixado no quarto uma desordem de moveis, de roupa, de calçado.”[[91]](#footnote-91)

O ambiente tornava-se pesado. Quando desciam para tomar as refeições na companhia do pai de Ermelinda, parecia que estavam num velório, tal era o mau humor reinante. E Ermelinda nas suas cogitações pensava como era infeliz e que fora um erro ter-se casado. A criada de criação é que tentava consolá-la dizendo e aconselhando que era normal, porque os casais tinham de vez em quando os seus arrufos.

“- Oh, menina, pois vale lá a pena chorar, quem é que não tem os seus arrufos; isso d’aqui a pouco já não é nada (...)”[[92]](#footnote-92)

“- Era uma infeliz, uma desilludida... ah, quanto mais não valia o ter ficado solteira -”[[93]](#footnote-93)

Ocasionalmente o casal reconciliava-se, ainda jovens e com carne jovem, tanto um como outro ainda tinham o poder de seduzir, e com carícias voluptuosas, e amuos disfarçados, um pouco de teatralização, ambos deixavam-se cair na prostração sensual e sexual.

“Sentou-se-lhe nos joelhos, balouçando-se, fingindo que cahia, forçando-o a ampara-la nos seus braços, provocante, roçando-lhe ao de leve o rosto pelos seus labios.

O Alberto cedeu; deu-lhe o primeiro beijo, e logo outros, o sangue excitado, uma pontinha d’alcool na circulação.

N’aquella tarde não sahiu de casa.”[[94]](#footnote-94)

Como se referiu, este casal caraterizava-se, ao contrário dos outros, pela maternidade e paternidade, condições de que gozavam Alberto e Ermelinda por terem tido uma filha.

Como qualquer outra mulher burguesa, Ermelinda tratou de arranjar uma ama-de-leite, que tratava da criança, da parte alimentar, e em tudo o demais era uma ama negligente, não tratando da criança com afeição, cuidados que só uma mãe poderia ter com o seu filho. Aliás, é no século XIX que surgem preocupações com a condição das crianças. É também por esta altura que surge a Puericultura.

“Enojava-o aquillo;

- fizera-se porca de mais a mais - e a creança andava mal limpa, a ama só tratava de comer bem e de dormir, deixando-a n’uma imundicie revoltante, os olhos remelados, o babeirito sujo.”[[95]](#footnote-95)

Vulgariza-se o uso da palavra “Baby”, para denominar os bebés, palavra de origem anglo-saxónica.

“Entrava n’esse período gracil da infancia, em que os mais indifferentes abrem um sorriso ás suas irrequietas travessuras, aos lampejos vibrantes das suas phantasias de baby.”[[96]](#footnote-96)

Os maus tratos de Alberto tornavam-se frequentes de tão comuns que eram. Os insultos, a violência física e psicológica, a dispensa dos serviços de uma antiga criada, que tinha criado Ermelinda e a quem esta se afeiçoara como a uma mãe, tudo a levaria a um estado de profunda dor e prostração que numa visita a uma amiga, desabafa toda a sua triste e crua realidade existencial.

A sua amiga, uma pessoa mais velha, desconfia que os motivos daquela vivência será, porventura, a existência de outra mulher, e prontifica-se para averiguar.

O orgulho de Ermelinda fica ferido, pois pensa para si própria que tudo lhe perdoaria menos aquilo. Fica com o seu sentimento de mulher, mulher que dedicara a sua vida, amor e carinho a um homem para ele depois a atraiçoar com outra mulher, esquecendo-se de todos os maus tratos anteriormente infligidos.

De facto, Ermelinda ao levantar-se esta possibilidade, decide que não irá perder o seu marido para uma barregã, uma amásia. E dispõe-se a lutar pelo seu casamento e a reconquistar o amor de seu marido.

“- Narrou as grosserias do Alberto, a despedida da Joaquina, uma criada de dezoito annos, que a trouxera ao collo tanta vez, o inferno do seu viver atormentado, as altas horas da noite que elle recolhia, a sua indifferença por ella e até pela pequena, as revelações em que se patenteava a vilesa d’aquelle caracter; -”[[97]](#footnote-97)

“- Eu sei cá, menina, vai tendo resignação, vai tendo paciencia; os homens às vezes teem d’ estes rompantes, mas passa, passa, quem sabe até se elle andará por ahi mal encaminhado.-”[[98]](#footnote-98)

“A sua vaidade de mulher formosa crispava-se em revoltas instinctivas, e a lembrança de que uma outra possuia aquelle homem, que ella rodeara dos perfumes calcinantes da sua paixão, batia-lhe a alma commo uma onda tempestuosa de ciume, pungia-lhe o orgulho em humilhações amarguradas. -”[[99]](#footnote-99)

Os maus tratos sucedem-se até que Ermelinda não aguenta mais e de novo pede conselhos a sua amiga. Mostra-lhe as equimoses de que era vítima, e que para culminar o delito infame, Alberto levara a concubina ao seu domicílio familiar e obrigara-a a servi-la na sua casa, atingindo aqui o culminar, o auge da humilhação sofrida e perpetrada por Alberto.

Dona Clementina revolta-se e insurge-se contra tamanha desfaçatez, que apregoa que a única solução era o divórcio, por Ermelinda mas também pela filha que estaria a sofrer a influência funesta de um pai desalmado.

“- que visse,- e mostrava-lhe os braços com largas echymoses, como nodoas de tinta postas na tez assetinada.- “[[100]](#footnote-100)

“- Mas eu tudo lhe perdoaria, tudo! A ultima porém que me elle fez, a de me levar a casa aquella maldita mulher, obrigar-me a servil-a, oh! D. Clementina, eu na presença d’ ella não chorava, não lhe queria dar esse prazer; mas depois, quando estive só, as lagrimas eram como punhos, queimavam-me.”[[101]](#footnote-101)

“- Mas nem mais um dia com esse homem! É tratar da separação, e isto já, antes que elle te dê cabo do que é teu e da tua filha; ainda que não fosse senão por causa da pequena, que está a ser escandalosamente roubada, e depois que exemplo!... bradava ao ceo.-”[[102]](#footnote-102)

Para as mulheres de um nível inferior, a separação não parecia ser a solução. Mais dependentes economicamente, e a viver em maior pobreza, aguentavam muitas vezes os maus tratos dos homens com quem estavam casadas ou amancebadas.

(...) “ comparava-a com a Anita, que o tinha aturado um anno, vivendo na penuria, levando a sua dose, de quando em quando, e afinal uma mulher de cunho, amando-o sempre, uma escrava dos seus caprichos,”[[103]](#footnote-103)

Quanto ao divórcio propriamente dito, diga-se: os advogados litigaram eloquentemente, de seguida o juiz, os vogais do conselho de família, o ministério público e o escrivão recolheram-se a uma sala de conferências e decretaram o divórcio.

Como o espólio tinha sido desbaratado, o que restou ficou como dote e pensão de alimentos da filha menor.[[104]](#footnote-104)

O que acontecia era as mulheres divorciadas terem de prover à sua subsistência, muitas tornavam-se costureiras, e eram esquecidas no tempo se tivessem pertencido a algum nível superior.

“E a filha do Jorge ia pouco a pouco cahindo no esquecimento; nem a Mendes, nem a Bastinhos, nem as Gomes, nem as amigas do high life a procuravam já. Alguma que o fazia era por curiosidade, uma vontadesinha de a humilhar, encommendando-lhe uns trabalhos futeis.”[[105]](#footnote-105)

Muitas destas mulheres voltavam a encontrar companheiro, mas como não se podiam voltar a casar porque apenas se encontravam separadas de pessoas e bens, visto que o divórcio não era admissível legalmente como solução naquela altura, muitas amancebavam-se de outros homens, talvez dessa forma encontrando de novo o amor na sua vida, sobrevivendo ao preconceito e discriminação. Muitas saíam da miséria.

“Uma lucta titanica, surdamente ferida, no mysterioso concavo psychico das almas de Ermelinda e do commendador. Uma attracção incoercivel os chamava, uma vontade de revolta contra o convencionalismo social, contra aquella tyrannia da lei que os expulsava da felicidade, como o archanjo expulsara do Eden, ferozmente, com uma brutalidade inquebrantavel, o primeiro par humano.”[[106]](#footnote-106)

Em conclusão diga-se que existia um grande preconceito em relação às mulheres separadas, muitas ficavam na miséria com a sua fortuna desbaratada ao critério de maridos pouco escrupulosos que de pois de saciarem os seus apetites carnais ou ansias económicas, entediavam-se das mulheres que tinham e procuravam aventuras no mundo das cocotes, verdadeiras cortesãs dos tempos liberais.

# O Adultério

A luxúria vivida em finais do século XIX não se limitava a violações ou à prostituição. Havia também o adultério, no que concerne a relações sexuais consentidas e que não envolviam pagamentos de serviços sexuais prestados. Os homens descreviam as mulheres como as desejavam ou temiam.

Maria Alice Samara refere que:

“O homem era o responsável, quase exclusivo, da produção de sentido e, no mundo político, social, ciêntifico e cultural, passava a ideia do que era a mulher, do que eram as diferentes mulheres e quais os seus papeis. O conceito universal de pessoa é pensado tendo por base o sexo masculino. Este é a matriz e modelo. A sociedade constituía-se com base em várias dicotomias de entre as quais a do masculino/feminino. É uma velha dicotomia. Por ser antiga, não quer contudo dizer que seja natural, que seja uma essência imutável.”[[107]](#footnote-107)

Os homens e mulheres eram esperados que cumprissem certos papéis, eram aspetos normativos.

Existe uma certa ideia de dominação que se exerce através da violência, quer seja consciente ou inconsciente: “Inscreve-se em gestos e em práticas. Inscreve-se no corpo.”[[108]](#footnote-108)

Era uma divisão societária não só de género como de classe. Se para a mulher era difícil aceder ao papel de cidadania, também o era para o operário e para o camponês.

Há a ideia de que só a mulher sofisticada era bela e perigosa. Mulher fatal que se opunha à mulher “anjo” fada do lar. “A fada do lar era doce e amorosa, a mulher fatal era desejável, perigosa e fria porque incapaz de amar, podendo levar o homem à perdição e à tragédia.”[[109]](#footnote-109) Não era bem visto que a mulher pudesse ter algum tipo de poder sobre o homem.

Em princípio existe hegemonia masculina: “A paternidade era assumida consensualmente como eixo fundador de todo o fenómeno social.”[[110]](#footnote-110)

João de Pina Cabral dá-nos uma noção de ordem fálica no seu livro que descreve como a crença de que a paternidade e a masculinidade estão assentes na subordinação feminina. O simbolismo genital ocupa um lugar central no processo de construção e reforço das identidades de género.[[111]](#footnote-111)

Na sua atividade e exposição o pénis ereto é um instrumento de agressividade sexual, sendo socialmente destrutivo. Enquanto o falo é o instrumento de diferenciação do género e é considerado como sendo socialmente construtivo.[[112]](#footnote-112)

A independência sexual das mulheres constitui uma ameaça para a autoridade masculina e para a paternidade, ameaçando a posição dos chefes de família.

As mulheres solteiras mães recebem reconhecimento social, ao contrário dos homens pobres que não se podem casar e não vêm reconhecida a sua paternidade.[[113]](#footnote-113)

“Mater sempre certa est, pater munquam”, ou seja, a mãe é sempre certa, o pai nunca, visto que o parto é um fato evidente. Enquanto a relação pai-filho é uma relação obscura assente em presunções.[[114]](#footnote-114)

Na obra de Camilo Castelo Branco, *A Corja*, de 1880, existe a alusão a um habitáculo propriedade de uma adúltera, que ela dividia pelas suas amigas em ordem a essas mesmas amigas cometerem o insultuoso mas agradável belisco ao legalizado matrimónio.

O epíteto dado à referida casa tinha o nome de “chácara das brincadeiras”. Esta denominação denota e transmite todo o gozo e satisfação que estas mulheres sentiam.

Para além de ser alusivo a um aspeto lúdico que teria, denota, ou faz suspeitar todo o enfado ou simplesmente obrigação legal que sentiam face às suas responsabilidades matrimoniais.

Concretamente, as senhoras em questão haviam contraído matrimónio com homens mais velhos e com uma certa posição social e económica. Lá está, a tão almejada ascensão social e todo o requinte de um viver, que de outro modo não teriam ocasião de experienciar.

Em bom rigor, a denominação “chácara das brincadeiras” também são alusivas a uma cultura abrasileirada de recém-retornados do Brasil, que enriquecidos, procuravam estabelecer-se respeitosamente no Porto. Muitos pensavam em casar para partilhar a vida com alguém e consolidar a tão almejada boa reputação e consideração pela sociedade.

No excerto podemos notar um certo esquema estratégico para que não fossem importunadas no seu delito, e, principalmente, para que ninguém descobrisse os seus segredos.

Também é representativo de uma grande união e uma grande cumplicidade existente entre estas mulheres num sentimento de compreensão e de solidariedade.

“Traçaram o plano. A S. Cucufate emprestava-lhe a casinha de campo.

- Às quintas-feiras, não posso, bem sabes, ceder-te a minha chácara das brincadeiras. - A chácara das brincadeiras era o pseudónimo idílico da quintarola do Carvalhido. Emprestava-lha todos os dias da semana, excepto às quintas-feiras. A Rabaçal viria de visita demorada a casa dela, e mandaria embora o trem; depois sairiam ambas na carruagem da S. Cucufate. O boleeiro, a respeito de língua, era de pedra que caiu num poço. Nos campos de Cedofeita, à entrada duma barroca que ia rente com a quinta, a do Rabaçal apeava, e entrava por uma portinha escusa que abria para o pomar, ninguém a veria entrar; a outra não sairia da carruagem, e esperaria por ela.”[[115]](#footnote-115)

No excerto constata-se que o adultério era cometido num local isolado, numa quinta, o que pressupõe que estas mulheres se deslocavam ao subúrbio da cidade, em ordem a salvaguardarem a sua reputação e honra das más-línguas.

Toda esta artimanha de dissimulação artificiosa de inspiração romântica tinha a sua origem na literatura e nos romances mais conceituados na época, nacionais ou estrangeiros, que estimulavam a imaginação e a criatividade destas mulheres. Era também nestes romances que relatavam todos os cambiantes destas peripécias, que estas mulheres se consciencializavam de todos os riscos inerentes a tamanhas façanhas.

“Ela assumiu de pronto bestialmente uma filosofia idiota que outras atingem com um grande trabalho de crítica dos costumes comparados, modalidades, enfim, resultados de processos que abrangem a grande obra de Sand, de Balzac e toda a literatura das Pérolas e Camélias de Dumas.”[[116]](#footnote-116)

No excerto faz-se uma crítica a estas mulheres que em vez de procurar coisas produtivas e dignas com que se pudessem ocupar, instruíam-se com literatura de maus costumes, e educavam-se neles e serviam-lhes de inspiração como se fossem livros didáticos. Castelo Branco chama-lhe filosofia, que no caso de Custódia (uma rapariga da aldeia que se vislumbrou com a hipótese de casar rica, com um comendador, futuro barão, e, assim, ter um estilo de vida oposto ao que tinha até então na sua pacata aldeia), que não lia os tais romances, era iniciada nos segredos e rituais da vida dissoluta e adúltera pela via da medíocre imitação, como se estivesse mimetizada.

Os maridos atraiçoados ocultariam o seu património e deixariam as suas esposas traidoras na miséria.

Mas, na obra de Camilo há referências a outro caso, de um homem atraiçoado por sua mulher que decide vender tudo e mudar de localidade, na sua ideia protegendo a sua mulher e o seu nome estaria a proteger-se também a si e a seu nome. Trata-se de um homem mais velho e racional, que compreende que não existe amor no seu casamento, que sua mulher é jovem e tem a carne fraca. Compreende que sua mulher se havia vendido, vendido o seu corpo através de um casamento legalizado. Mas que teria a peçonha do coração e que o seu coração não se havia resignado a uma vida sem amor e sem paixão, por isso se entregaria a outro homem que despertasse nela esse tipo de sentimentos de paixão e de prazer que são no fundo aquilo que faz uma pessoa sentir-se viva:

“Um homem rico que compra, com os efeitos legais do sétimo sacramento, o corpo de uma senhora pobre, desconhece que esse corpo vendido tem um contrapeso venenoso que se chama coração. Esse contrapeso é o que faz depois os desequilíbrios. Se a mulher vendida ao luxo e às invejas sociais tem a rara virtude de devorar em si a peçonha do coração, o marido está salvo da desonra; porém, se ela é vulgar e sucumbe às tentações que as mesmas pompas lhe facilitam, é o marido quem traga o amargor desse veneno que comprou com contrapeso.”[[117]](#footnote-117)

Em bom rigor, poderemos incluir neste capítulo a questão do casamento, apesar de não ser considerado sexualidade, mas, um contrato legal com direitos e obrigações para ambos os cônjuges. Poderemos neste capítulo constatar que apesar disso tudo muitos casamentos ocorriam por questões de ascensão social para uns e de salvação de patrimónios para outros, existiriam toda uma série de expetativas e de aspirações, assim como o tipo de relação seria ficcionado, principalmente pelas jovens, que teriam tido uma vida mais isolada, em alguns meios. Muitas só teriam contato com a sociedade por altura da sua idade de casar, altura para serem apresentadas por altura dos bailes iniciáticos das meninas, em ordem a encontrar marido, nomeadamente, nos bailes das debutantes.

“Ter um marido, um homem que se apossaria de toda a sua pessoa, como esta ideia a perturbava! Os novos aspectos que iam transformar a sua existência excitavam-lhe curiosidades latentes, e sentia nos nervos uma vibraçãozinha deliciosa, o seio dilatava-se-lhe na sensação de uma vaga voluptuosidade. E não era isto amor?”[[118]](#footnote-118)

Na realidade Adelina (personagem de “Margarida” de Júlio Lourenço Pinto, de 1879) sente excitação sexual com a ideia de ser possuída por um homem. Pensa que será amor, quando o amor abarca um aspeto emocional- afetivo de muito maior envergadura. Aqui o amor aparece reduzido ao aspeto mais físico deste tipo de relacionamento existente entre duas pessoas.

No excerto reconhece-se que estes pensamentos despertavam curiosidades latentes, isto significa que existiria um desconhecimento da parte do sujeito sobre a sexualidade. Mas, refere que é latente, ou seja, já existiria alguma ideia de como se processaria o fenómeno.

Este tipo de casamento, sem o conhecimento do caráter do outro, era potenciador de ilegitimidades visto que na sua maioria este tipo de casamento não corresponderia às expetativas ou sonhos de cada um dos cônjuges.

Tal era o caso de Fernando que, para além de se ter casado com uma filha de sócios de seu pai, tinha levado uma vida isolada do contato com outros rapazes e outras mulheres. Não teria a mesma experiência de vida que um homem da sua condição teria, inclusivamente, não tivera nenhuma concubina, não conhecera outras mulheres. Logo, constituiria um alvo fácil para os desejos de qualquer mulher que fosse munida de artificiosismos, e que porventura estivesse insatisfeita com o seu casamento.

Para um homem como Fernando que era em princípio um bom caráter, a consciencialização destes desejos mais sensuais se refletissem durante o sono.

“Fernando teve um somno inquieto, sonhos fatigantes agitavam-no, acordava repetidas vezes com sobressaltos, tinha a bocca secca, e a língua escandecida, grossa, com um gosto acre, salobre, a má digestão.”[[119]](#footnote-119)

A paixão de Fernando revelava-se com toda a força no seu mundo onírico. Os seus desejos viajavam do seu inconsciente para o seu consciente e aí ele tomava noção, e, neste caso, não vai querer fugir ou contrariar, ou mesmo censurar estas inclinações sentidas.

“Fernando era vis-a-vis, não cessava de o fitar com os seus grandes olhos negros, muito afogados no vago fluido de um enternecimento.

Elle sentia a impressão d’aquelle olhar que o perturbava, que o fazia nervoso, que lhe descia ao fundo da alma como uma corrente magnética, e lhe dava uma vibraçãozinha estranha em todo o seu ser, despertando sensações deliciosas, desconhecidas, que lá estavam adormecidas."[[120]](#footnote-120)

No excerto vemos que existe um certo contato visual entre Fernando e Adelina, um olhar profundo cheio de magnetismo, cheio de intenções e de mensagens e de secretos intuitos.

# O Lazer

O lazer influi sobre a vida de burgueses e de operários. Tem em conta a condição social das pessoas e reflete-se na vida familiar, assim como os desejos e necessidades da vida familiar das pessoas vai exigir certo tipo de atividades lúdicas.

Para a pequena burguesia, para aqueles que viviam do Estado, os amanuenses, o domingo era o dia de descanso por excelência, para além de ser dia para ir à missa e cumprir as obrigações de bom cristão. Era nesta altura que os simples aproveitavam o dia para levarem a família num passeio pelos arrabaldes. Este encontro com o campo era típico dos mais tímidos, menos sociáveis. Preferiam a companhia dos montes, das árvores, das plantas e das flores. Acreditava-se que as pessoas renasciam e vinham revigoradas dos ares sadios do campo, que se tornavam melhores pessoas por admirar a natureza assim como ela ainda se apresentava, longe do reboliço da cidade, do movimento dos carros e da poluição que se sentia no Porto. Talvez seja um resquício das teorias panteístas que acreditavam que Deus se encontrava nas pequenas coisas ligadas à natureza. Talvez acreditassem que em contato com a natureza estavam em contato com a Criação e, por metonímia, em contato com Deus criador todo-poderoso, pois era sem dúvida na Natureza que o Homem tinha contato com a força invencível da Terra, contra a qual nada podia. Se prestasse culto à natureza e, por conseguinte, a Deus, desta forma, os homens se respeitariam mais uns aos outros nos momentos de maior aflição. Possivelmente serão resquícios da cultura pagã. A religião católica estava bem implementada e enraizada, mas subsistiam certos rituais pagãos inculcados na cultura portuguesa. Poder-se-á interpretar o gosto que certas pessoas tinham em deslocar-se para os arrabaldes para admirar a natureza como uma forma de panteísmo.

Para caraterizar o que se afirmou deve-se ter em conta a obra de Joao Grave, *A Eterna Mentira* de 1904.

Debalde,

“Luís, livre da repartição e dos sarcasmos dos colegas, gozando o seu dia de folga tam anciosamente esperado tôda a semana, saía com as filhas, num grato e lento passeio pelos arrabaldes, quando os campos se alouravam do sol da primavera e se nevavam de botões. Abandonar o bulício, o alarido atroador das ruas, o movimento das praças, deixar a cidade durante horas de suavidade, para aspirar, em haustos fundos, o ar salubre das varzeas e encantar os olhos na verdura e na serenidade da paisagem, era para o amanuense triste, por temperamento e por índole, um dos maiores regalos.”[[121]](#footnote-121)

Como já foi referido, o campo era como um refúgio para os melancólicos e tímidos do bulício da cidade. Para além de estarem em contato com a natureza e por isso em contato com Deus, também era o local mais apropriado para a meditação, por ser mais tranquilo. No campo há lugar ao eterno e há lugar ao onírico. Aqui qual é a alma que não é capaz de se perguntar sobre a razão da existência do universo, sobre a criação e, por conseguinte, por Deus.

A natureza como criação de Deus é uma existência que não conhece o mal. Povoada por plantas e animais onde todos dão alimento uns aos outros pelo mecanismo da seleção natural, por instintos de sobrevivência, para se defenderem a si e aos da sua espécie, aqui não há maldade e corrupção. Aqui o homem está em equilíbrio consigo mesmo. Para além de que é da Natureza que vem o alimento e a água para o homem.

Em contato com a natureza, o homem consciencializa-se para a existência da bondade e da equidade. A natureza ensina o homem a ser mais justo. Neste caso, Luís ficava inebriado com os ares inefáveis do campo, e quando voltava a casa, era mais carinhoso com a sua mulher, companheira de vida. Por vezes estes momentos são importantes para manter o equilíbrio da relação, para esta ser saudável. Deste modo, evita-se o aborrecimento e a saturação da outra pessoa, neste caso, da companheira.

“A sombra em que a sua existência se diluiu sempre penetrou-o dum acanhamento inexplicável diante dos fatos mais fugidios da vida. A multidão fazia-lhe mal, transtornava-o, desviava-o violentamente da meditação.”[[122]](#footnote-122)

“Conhecem e interpretam a voz misteriosa das coisas, dos rios e das aragens que passam, compreendem subtilmente, sem que saibam defini-la, a harmonia divina do universo;”[[123]](#footnote-123)

(...) “são almas admiráveis de poetas, monologando com a sua consciência, livres da terra, nos momentos transcendentes de sonho, perdidos num mundo desconhecido e singular, onde o amor derrama nos espíritos uma doçura sagrada e onde não desabrocham as vermelhas e venenosas flores do mal. A natureza ensina-lhes a bondade, educa a ignorância da sua razão nos grandes problemas morais da justiça e da beleza\_ beleza que só nasce da igualdade e da comunhão do mesmo ideal, justiça que promana da equidade, da fraternidade viva” (...)[[124]](#footnote-124)

“Nestes santos dias de placidez, Luis tornava-se ainda melhor, tinha suavidades inefaveis na voz com que falava às filhas, na doçura com que à noite, quando regressava, acolhia a esposa, abrindo-lhe os braços leais e estreitando-a contra o peito.”[[125]](#footnote-125)

Sem embargo, outra das formas de lazer observadas era a contemplação das festas e festejos que decorriam em meio urbano.

Clara, quando não acompanhava o pai nos passeios campestres, deleitava-se da varanda de sua casa com as festas e romarias da cidade. Frequentes eram as largadas de toiros da serra do Pilar. As pessoas galvanizavam-se, algumas pasmadas de curiosidade, outras de terror. Todos se afastavam como medida de segurança e precaução caso um dos toiros se virasse contra o povoléu.

Comum na classe burguesa entre as mulheres também era a leitura de romances.

“Veio sentar-se à varanda, com um livro pousado sôbre os joelhos e espreitando a rua. Eram três horas, avançava uma banda marcial, num grande estridor de metais, para os touros, na serra do pilar. À frente, ranchos de garotos berravam numa gritaria atroadora e os vizinhos acudiam à janela, numa grande curiosidade. Trens de praça fugiam a todo o galope,” (...)[[126]](#footnote-126)

Clara, na pujança da juventude, tinha vontade de viver a vida, de sentir vibrações de emoção. Queria sentir paixões, não apenas a paixão amorosa, mas sentir paixão pela vida e por tudo que a existência pudesse proporcionar de bom, ou até mesmo de mais nefasto ou de funesto. Como jovem encarcerada, tinha a pujança da mocidade, tinha saúde e as suas hormonas pulavam açaimadas pela vigilância paternal.

Nietzsche escreveu que “Não é a satisfação da vontade que é a causa do prazer (-eu quero combater esta teoria superficial- a absurda falsa moedagem psicológica das coisas próximas-), mas é o facto de que a vontade quer ir mais longe e tornar-se senhora do que se encontra sobre o seu caminho. O sentimento de prazer reside precisamente na insatisfação da vontade, na incapacidade da vontade para se satisfazer sem adversário e resistência." *(L” Volonté de Puissance, Essai d’une transmutation de touters les valeurs)*

Da sua varanda podia constatar que os divertimentos observados causavam prazer e contentamento às pessoas, e secretamente desejava também conhecer esses prazeres proibidos e sentir a felicidade que a vida poderia proporcionar, ao contrário da soturnidade e melancolia que a sua vida era. Encontrava-se sempre sob a proteção paternal que provavelmente tinha mais consciência de que a vida também tem perigos cruéis para as pessoas, principalmente para as jovens donzelas.

Mas Clara sentia necessidade de experimentar o drama da existência, provavelmente por nunca ter vivido e por desconhecer o sofrimento que acarreta uma experiência mal sucedida, e por não ter consciência que tais experiências constituem traumas, dos quais muitas vezes as pessoas não se conseguem libertar até aos últimos dias das suas vidas.

Em a *Origem da Tragédia* o autor foca-se na luta constante entre Apolo e Dionísio. A arte plástica é apolínea enquanto que a música é dionisíaca. Estas duas realidades estão afastadas por um véu da aparência, mas quando o véu baixa então estas duas artes fundem-se e dão origem à Tragédia Ática. Estas duas realidades transfiguram-se no sonho e na embriaguez. Foi pelo meio do sonho que as divindades se revelaram às almas dos humanos, as imagens do sonho transfiguram em interpretação da vida, é um encontro com a própria vida e sonham-se coisas agradáveis. Mas, como foi referido, o Véu de Maya separa os dois mundos, o mundo diurno e o mundo noctívago, em que a embriaguez tem lugar e todo o horror da vida. É também neste estado que as pessoas se entregam à música e oi individuo esquece-se de si e há uma entrega e uma reconciliação com a natureza. O homem deixou de ser artista para se transformar em obra de arte.[[127]](#footnote-127)

No excerto citado refere que Clara não acreditava totalmente nos dramas que o jornal noticiava.

Talvez o jornal ficcionasse um pouco a realidade, mas o fato era que o jornal tinha preocupação de noticiar episódios reais. E se muitos poderiam ser um pouco exacerbados, a maioria, todavia, devia com certeza publicar dramas autênticos. Clara desconhecia esta realidade porque só experienciava o mundo através da leitura e através da sua varanda em momentos de festa em que todas as pessoas parecem hilariantes e felizes.

Destarte, “via da sua varanda o desfilar da longa procissão, com um desejo indomável, que a possuía toda, de saborear também esses divertimentos que tanta alegria e tanto contentamento causavam aos outros. E pensava com melancolia no isolamento em que a sua vida estiolava, constantemente dentro de casa, conhecendo o mundo apenas a retalho de paisagem que se recortava em frente das suas janelas e conhecendo o drama das almas somente pelos folhetins do jornal que o papá assinava aos trimestres e que ela pressentia falsos e sem raízes fundas na realidade moral do universo.”[[128]](#footnote-128)

No excerto poderá interpretar-se a razão de tanto isolamento devido ao valor dado à honra nesta sociedade. A honra era o melhor dote que alguém, da baixa burguesia poderia oferecer de melhor a um nubente.

Típico desta altura eram os serões. Alguns mais sofisticados, outros mais simples. Os homens conversavam sobre assuntos da sua vida profissional, mais próprio do seu género. As senhoras liam ou faziam rendas ou conversavam sobre a lida doméstica.

“Moravam perto, passavam muitas noites juntos, os homens discutiam negócios e elas fazendo as suas rendas, à luz branda dum candeeiro, ou conversando em coisas caseiras.”[[129]](#footnote-129)

Neste excerto apesar de não ser extenso, está bem patente o grau de intelectualidade e de escolaridade dos diferentes géneros. Os homens discutiam assuntos relacionados com a sua vida profissional. Vida profissional essa que exigia alguns conhecimentos mais técnicos. Enquanto as mulheres se dedicavam aos lavores manuais e mantinham conversação sobre assuntos de cariz não profissional, mas doméstico. De facto, a lida doméstica, seguida por muitas mulheres profissionalmente, não carece de nenhuma competência mais específica, técnica ou profissional. Apenas exige trabalho braçal e algum cuidado com os objetos das casas onde trabalham. Trata-se de trabalho indiferenciado.

Não era o que acontecia com as mulheres referidas. Estas tinham maridos burgueses, e era costume ficarem em casa, a tratar dos filhos e da lida doméstica.

Nos finais do século XIX, devemos considerar o nascimento de uma nova prática física: a Talassoterapia - que é o tratamento de certas doenças, nomeadamente, do foro nervoso, através de banhos da água do mar e de idas à praia, nomeadamente.

Aqui no norte era comum ir a banhos em Leça e em Matosinhos.

Não obstante, “vira-a a primeira vez em Leça, na praia, à hora do banho”(...)[[130]](#footnote-130)

Também é desta altura a adoção mais assumida dos cães e gatos como animais domésticos, alvos de todos os carinhos e afetos dos respetivos donos. Talvez tenham sido os ingleses quem primeiro começou com esta moda. Inclusivamente, dotavam os animais de nomes, mas não eram nomes quaisquer. Eram nomes que caraterizavam e distinguiam os seus animais dos outros, quando não os dotavam de nomes próprios de pessoas. Era desta forma que as pessoas inseriam estes animais nas suas famílias.

“Às vezes, inglesas de cabelos fulvos apareciam, nas suas honestas vestes de fustão branco, cheirando a aceio, trazendo pela mão grandes cães negros e felpudos da Terra Nova, que tinham nomes sonoros de Tom, Boy, Black” (...)[[131]](#footnote-131)

Típico eram os madrigais: “Se passares pelo adro, No dia do meu enterro, Diz à terra que não coma, As tranças do meu cabelo.”[[132]](#footnote-132)

Caraterizador das classes populares é a obra *Os Famintos* de João Grave, de 1903.

Nas classes populares a vida pública e a vida privada confundiam-se entre os muros da “ilha” onde habitavam. De fato, na “ilha” todos se conheciam, quando não eram, frequentemente, membros da mesma família. Era comum as pessoas concentrarem-se às entradas das suas habitações e nessa altura desatarem num palratório sem fim. Nestas conversas, o que se discutia eram as vidas alheias. Como todos se conheciam, era comum também conhecer-se a vida pessoal de todos os que habitavam na “ilha”. Eram os mais idosos que se dedicavam a esta atividade de sociabilidade. Como já se encontravam praticamente inválidos para o trabalho exigente na fábrica, ficavam nas suas habitações a conversar com todos os que passavam.

Este tipo de parlapatório era típico entre pessoas de baixo nível de escolaridade. Como eram pouco instruídas, poucos eram os assuntos sobre os quais poderiam emitir uma opinião. Enquanto sobre a vida pessoal, todos podem emitir um parecer.

Caraterístico nas pessoas mais antigas é também o relato dos acontecimentos passados. No excerto, infra citado, refere-se “crónica viva”. Sem embargo, são os mais idosos aqueles que mais têm presente os factos do passado. Como são mais velhos e já viveram, sentem a morte como mais próxima e recordar e falar do passado é uma forma de reviver o passado. De tornar presente o passado e quem sabe tornar presentes pessoas que, porventura, já possam ter desaparecido. Desta maneira as pessoas mais idosas sentem-se ainda jovens, apesar de terem consciência de que está próximo o seu termo. Mas, com todos fora da ilha para trabalharem e sustentarem as suas famílias, esta postura dos mais idosos é uma maneira de se sentirem vivos e úteis para quem os quiser ouvir.

“Na rua, continuaram a trocar as suas impressões pessimistas. Eram dois tipos curiosos. A tia Rosa, sobretudo, como nada tinha que fazer, passava todo o santo dia ao sol, encostada aos muros, discutindo as vidas alheias. Espécie de crónica viva, a velha, com a sua face enrugada lembrando um pedaço de pergaminho que o tempo houvesse enegrecido, conhecia, com todos os pormenores, a existência íntima das famílias da «ilha».”[[133]](#footnote-133)

Foi no final do século XIX que o governo decidiu incrementar o Teatro. Pretendia constituir um instrumento que servisse para cultivar as classes populares que sofriam de um défice de cultura mais intelectualizada, para além de que era maioritariamente analfabeta.

Como refere Joaquim Veríssimo Serrão: “No mesmo pedestal de celebridade surgem então grandes mestres da cena que deram um lustre novo à arte de representação teatral. Nunca o País dispusera de um escol de actores de tão alto nível, formados na boa escola romântica mas com iguais dons para a interpretação de temas clássicos. Podiam com a sua bagagem de conhecimentos passar da comédia ao drama e deste à tragédia, revelando em todos os géneros uma capacidade cénica que os impunha ao respeito, quase se podia dizer à idolatria das multidões.”[[134]](#footnote-134)

“Luisa conhecera certo dia na fábrica uma rapariga da sua idade, a Clara, uma ruiva de olhos azuis e faces cheias de sardas. Alta, de belas fórmas flexíveis, tinha uma cativante graça que seduzia e que tentava. Sabia muitas coisas que a sua companheira ignorava, ia a teatros, aos bailes de máscaras, pelo carnaval, esperava sempre os domingos com ansiedade.

- Quero divertir-me enquanto sou nova - exclamava ela, entre risadas. Depois de vélha, contas e borracha...”[[135]](#footnote-135)

No excerto podemos deslumbrar que Luísa conhecera um tipo de rapariga diferente do seu. Luísa que se dedicava à família e ao seu sustento estranhava esta rapariga e o seu estilo de vida. Mas, ao mesmo tempo sentia-se fascinada por estas novas realidades que para ela eram desconhecidas, e que pareciam tanto agradar a sua nova companheira.

A importância do teatro já foi referida, mas quanto aos bailes de máscaras pelo carnaval, pode-se esclarecer que eram tempos de excessos, não só devido aos divertimentos vividos até altas horas da madrugada o que incapacitava os trabalhadores das classes populares para o trabalho, mas, também porque, como as pessoas se mascaravam, não sabiam a identidade daqueles com quem se cruzavam nas ruas. Estes excessos podiam inclusivamente estender-se a excessos sexuais, já que as pessoas envolviam-se, sem proteção o que originava muitas maleitas e patologias de índole sexual.

Mas a noite era de Dionísio, deus pagão que juntamente com o deus Baco, o deus do vinho e o deus da embriaguês se juntavam. E para uma festa pagã, estes dois deuses faziam jus às suas funções.

Uma expressão muita usada é a de “depois de velha, contas e borracha...”. Esta é uma expressão de pessoas que queriam gozar a vida e que já tinham perdido a sua timidez, ignorância e ingenuidade. Na minha opinião é uma expressão de cariz sexual, nem que seja implicitamente. Podemos interpretar como desejo de alienação, de divertimentos e de relacionamentos fúteis e frívolos, sem compromisso. O que importava para Clara era conhecer muitas pessoas e poder ter gozos que poderiam ser grotescos para a sensibilidade de Luísa, mas que para Clara era a maneira mais correta de um pobre gozar a vida.

De fato, ao contrário das pessoas de níveis superiores que tinham ambições e preocupações com a educação dos seus filhos, para uma pessoa que não tinha tido as mesmas oportunidades logo desde o nascimento, poucas perspetivas teria para o futuro, logo preferia gozar o presente, sem investir e sem se preocupar com o que pudesse advir.

“E dizia as grandes pândegas pelo Areínho, nos dias de descanso, faíscantes de sol, banhados pelo resplendor da luz que caía do alto gloriosamente, as barcarolas rio acima, com violas soluçando fados tristes, as merendas na areia fulva, dardejando calor perto de arroios preguiçosos, com peixe frito e salada.”[[136]](#footnote-136)

No excerto podemos aferir que Clara ia passar os Domingos à praia em Gaia. Também podemos depreender que se passava um dia sem grandes acontecimentos (“preguiçosos”), e ficamos a saber que levavam merenda e que tipo de alimentação tinham.

“Não! Luisa, aos domingos, nunca saía de casa. António vinha de tarde, e ficavam horas esquecidas de mãos dadas, pensando em quimeras, na ilusão de uma casa tranquila onde a vida corresse sem sobressaltos. Demais disso, não lhe agradavam as abaladas pelos campos, em companhia de rapazes que se embebedavam e brigavam. E ela não conhecia nenhum outro, além do namorado, que era uma criatura amiga do sossego.

- Cá eu é todo o santo domingo na borga! Quero lá saber! Farta de trabalhar ando eu durante a semana, e tanto tenho hoje como amanhã. Ora, adeus!...”[[137]](#footnote-137)

No excerto podemos constatar que Luísa era de uma outra natureza de rapariga.

Com mais vigilância da parte da mãe, preferia os encontros com o namorado que passava em sua casa o serão. De fato, o relacionamento de Luísa tinha outra feição da dos relacionamentos de Clara. O relacionamento de Luísa com António conferia uma outra qualidade de afeição. De fato, ambos viviam a concretização de um amor platónico, passavam o serão de mãos dadas. É uma forma de namoro inocente sem grandes contatos carnais, mas mãos dadas numa atitude pueril, e quando se despediam, então havia lugar a um beijo espiritualizado. Era uma relação baseada no respeito mútuo, enriquecida com várias quimeras de um futuro melhor de união matrimonial, numa casa que seria o seu lar. Ao contrário de Clara, Luísa investia num relacionamento sério, com sentimentos verdadeiros e sem pensar em gozar o momento simplesmente por gozar.

Na sua cabeça, seria inconcebível viver sem o seu namorado e companheiro. Não era frívola e ademais as abaladas para o campo na companhia de vários rapazes que entravam em rixas e ficavam ébrios, não lhe agradava. Talvez ferisse a sua suscetibilidade de criatura inocente e pouco experiente.

Na expressão expelida por Clara podemos constatar que Clara era uma rapariga de baixa condição e que só pensava em gozar a vida de forma frívola.

De fato, a linguagem é o veículo por excelência da sociabilidade. Pela linguagem podemos aferir a condição do seu autor, assim como a sua visão do mundo e da vida. Também nos apercebemos da postura e posição tomada por Clara em relação a Luísa.

De fato, Clara tenta demover Luísa de ser tão ligada a seu namorado e tenta persuadi-la a acompanhá-la na vida boémia que levava. Com a ideia de que Luísa talvez fosse infeliz, e que gozaria muito mais a vida se tomasse as mesmas opções de Clara.

Também constatamos a situação de depauperadas, pois Clara confessa que tem o mesmo hoje e o mesmo no dia seguinte. Ou seja, ganhavam tão pouco que pouco ou nada dava para aforrar, mais um motivo para não fazer projetos para o futuro.

“- Sim, conversados... Pois, menina, o que nós gozamos! Estava calor de rachar pedras. Ao meio dia, o sol escaldava. Deitamo-nos no meio dos pinhais, com cereja, muita fruta e vinho. O Alfredo, que é engraçado, levou a guitarra. O Alfredo é um que está com a Micas, uma costureira que mora na minha ilha... Já teem um pequenito.”[[138]](#footnote-138)

Conversados na linguagem popular são namorados, e neste caso já têm um filho. Neste excerto constatamos que também o pinhal era um local de predileção. A comida levada baseava-se essencialmente em fruta e vinho, produtos típicos da região.

Destas obras podemos concluir que o pagão e o religioso se encontravam imbricados. De fato, apesar de ser uma sociedade fortemente religiosa e arreigada aos princípios católicos, no que concernia à diversão e aos passatempos as pessoas rendiam-se aos fenómenos pagãos.

# A Mobilidade Social

Com o fim dos morgadios a propriedade passou a ser dividida entre os irmãos. Aquilo que anteriormente era a fonte de sustento de um dos irmãos, que por laços de solidariedade sustentava os pais e os outros irmãos que não podiam constituir família e que, por isso, trabalhavam para o irmão que tivesse ficado com o morgado.

Com o fim desta situação e a divisão da propriedade, os irmãos passam a poder contrair matrimónio e constituir família. Mas, eis que surge outra realidade: a propriedade sucessivamente fracionada toma proporções ínfimas que torna impossível o sustento de toda uma prole. Como solução muitos procuravam na emigração para o Brasil a superação dos seus problemas.

Muitos vão, uns regressam, outros não. Uns regressam enriquecidos, outros regressam pobres, sem conseguirem concretizar muitos dos sonhos e aspirações, suas e de seus pais. Muitas vezes regressam, mas mudam de localidade para residência, não mais tornando às origens por sentirem vergonha do seu falhanço pessoal.

Mas, os que voltam ricos, os chamados “brasileiros”, vão influenciar decisivamente os hábitos portugueses. Não só os hábitos alimentares ou culturais, mas, também o espaço geográfico, construindo muitos palácios e palacetes inspirados nas habitações típicas do Brasil.

Muitos sentiam necessidade de contribuírem para os mais desfavorecidos da sua terra natal e, por isso doavam somas avultadas para os pobres e desvalidos e mandavam construir asilos e orfanatos.

Outra preocupação destes emigrantes enriquecidos que retornavam, era a consideração social. Não lhes bastava terem enriquecido, sentiam necessidade de enobrecimento através da nobilitação, ao longo do século XIX. Para isso compravam títulos.

Para o final do século, a burguesia vai sentir orgulho e sentido de classe, não sentindo mais necessidade de adquirir títulos nobiliárquicos.

“O Bento em 48 também saiu comendador, dera quatro contos para os asilos, moeda forte, e mandara ao correspondente Araújo & Filhos, rua dos Ingleses, Porto, que lhe mandasse abrir as suas armas num anel de ouro sobre uma chapa do tamanho de uma fava pequena.”[[139]](#footnote-139)

No excerto retirado da obra de Camilo Castelo Branco de 1879, “ Eusébio Macário”, também notamos a preocupação de Bento em incluir no Armorial Lusitano o seu Escudo de Armas. Também demonstra ter preocupações em possuir um anel em ouro brasonado com o seu próprio escudo de armas.

Interessante é a constatação de que o apelido de Bento não constava no Armorial Lusitano e que por isso tiveram de inventar um.

“O Molarinho não achou no índice alfabético dos apelidos nobres o *Montalegre.* Esteve para criá-lo, inventá-lo, um monte batido do largo sol, matizado de boninas” (...)[[140]](#footnote-140)

No século XIX o modelo familiar tem uma inexcedível força normativa. Estas normas vão-se repercutir na vida familiar e na vida individual, não raras vezes constituindo zonas de exclusão, onde as regras parecem ser mais incertas. De fato, existem muitos celibatários permanentes ou temporários.[[141]](#footnote-141)

Considerava-se os celibatários como egoístas e debochados. “Deveriam ser admirados. Candidatam-se a uma triste velhice.”[[142]](#footnote-142) O celibatário é sempre um macho, se for uma pessoa do género feminino, torna-se uma menina, para o resto dos seus dias.

Para as raparigas o celibato é a espera do encontro com o futuro marido e casamento. Para os rapazes, pelo contrário, o celibato é vivido com muita intensidade. É um tampo de liberdade e de aprendizagem, sendo o casamento um estabelecimento ou mesmo o fim de um trajeto antes iniciado. Será o tempo dos amores livres, passageiros e levianos, só no final do século o temor da sífilis irá refrear estes ímpetos.[[143]](#footnote-143)

Muitos procuravam através da política uma forma de promoção social, tanto burgueses como operários.Com a Revolução liberal e a vitória de D. Pedro IV, os liberais venceram a peleja, e, como tal, instituíram um regime monárquico parlamentar, sempre com muitos problemas e contrariedades e revoltas. Estes movimentos fizeram com que muitos e variados atores políticos, conforme as circunstâncias, entravam em cena.

Neste caso referido, podemos notar que se trata de um negociante formado, que tem um testa de ferro. Um barbeiro que trabalha a campanha do negociante, Gustavo, perto da maior massa popular. De fato, só com um testa-de-ferro é que se poderia fazer campanha entre os mais desfavorecidos.

Seja como for, os barbeiros podiam influenciar burgueses, seus clientes, e a massa popular, meio onde se misturavam e se moviam com maior facilidade e maior familiaridade.

“- Então o que se diz? - interrogava o Gustavo reclinando-se com a perna traçada, em quanto o Figaro passava a toalha em volta do pescoço.

- Ora, já se vê, fallava-se no banzé da sessão de hontem no banco, e todos á uma a dizerem, que se não fosse o sr. Gustavo, nem se sabe onde iria parar o chimfrim.

E o barbeiro destampava o seu reservatório de noticias, de commentarios de soalheiro, ácerca da escandalosa sessão bancaria, acontecimento palpitante que dominava as attenções e no qual Gustavo sobresahia em uma attitude sympathicamente dominativa.”[[144]](#footnote-144)

No excerto da obra *O Homem Indispensável*, de Júlio Lourenço Pinto, de 1883, notamos que o barbeiro fazedor de opinião se documentava muito bem através de todos os periódicos e comentários a que pudesse aceder.

De fato, era através dos periódicos e das sessões, assembleias que as pessoas podiam formar opinião e tomar uma posição.

Outra peculiaridade que se constata é que o lugar almejado pelos sujeitos referidos, era um lugar num banco, o que nos leva a concluir que havia movimento de influências.

“Gustavo estremecia no prurido de uma emoção agradável, ao mesmo tempo que um sorriso, a repontar atravez dos flocos do sabonete espumejante, o fazia jogralesco. Mas soffreava logo os alvorotos da cobiça acirrada e replicava com afectada indifferença:

- Veremos, veremos, não sei se poderei aceitar. Não posso dispor do meu tempo, teria de sacrificar maiores interesses.”[[145]](#footnote-145)

No excerto supra citado, nota-se que Gustavo mostra uma certa relutância em aceitar um cargo que porventura lhe fosse destinado.

Por um lado quer o posto, mas receia que o vejam puramente como um obstinado ganancioso. Por isso veste os trajes da falsa modéstia, de uma maneira dissimulada que só consegue enganar os mais bisonhos ou os mais distraídos dos jogos do poder, como acontece com este nosso barbeiro, que para além de não saber interpretar os indícios, sofre a má influência da soberba e da ganância. Talvez por também ele ser o representante da ganância existente entre a turba proletária. Simples e ignorantes que cai na ingenuidade de se mostrar indignado com a postura de Gustavo, para este barbeiro nunca os bons vão para os cargos de responsabilidade.

Conscientemente, o barbeiro constata uma certa crise de valores. Inconscientemente revela que também ele se encontra corrompido pela fome de ganância, desejando desquitar-se do seu ofício por achar que era um ofício de baixo nível e por constatar que o filho de um vizinho seu tinha conseguido entrar para o aparelho do Estado, sem qualquer tipo de preparação. Apenas foram requeridas certas prestações eleitorais, ou seja, teve de ser testa de ferro de alguém.

“- É sempre assim, os bons é que não aceitam, por isso tudo vai que é um louvar a Deos. Mas por fim o sr. Gustavo ha-de ceder, que remedio... e então ahi o meu emprego é que estava ao pintar...

Era esta a sua preoccupação\_ desquitar-se do officio, e arranjar-se com mais dignidade n’ um emprego decente.”[[146]](#footnote-146)

“Esta febre de engrandecimento fôra-lhe suggerida pelos exemplos que pullulavam no circulo dos seus conhecimentos, sobretudo desde que vira, livido de inveja, o filho do Custodio, o sapateiro vizinho, uma nullidade, guindado à categoria de empregado publico em recompensa de uns pifios serviços eleitoraes.”[[147]](#footnote-147)

No excerto podemos notar que também as classes mais desfavorecidas tinham ambição de ascender a uma outra hierarquia social. Como o que estava em voga era a classe burguesa, todos queriam ser burgueses e se não fosse por mérito próprio, através de formação específica. Aí sim, poderiam ascender a uma nova classe, mas infelizmente, continuariam a ser subalternos de alguém, normalmente da própria pessoa que eles ajudaram a guindar, como foi o caso deste nosso barbeiro.

Sem acesso a outras formas de leitura que não fossem os periódicos, veículo por excelência de conhecimento propagandístico e outros casos de vida, mas o que interessa para o nosso caso específico é a transmissão de episódios políticos que os jornais norteavam.

Para o nosso barbeiro, sem formação que não fosse a do seu ofício de barbeiro, os periódicos levavam-no a pensar e a sentir a necessidade de exprimir opinião, de comentar os casos recentemente noticiados. Este fazedor de opinião vivia intensamente esta sua nova função, Talvez por não possuir muito conhecimento, possuía o dom da palavra, e provavelmente até teria inteligência, ou capacidade de demover e de moldar os cérebros dos seus ouvintes de forma a poder manipulá-los às suas feições e interesses.

Mas, fazia-o de forma frenética e emocional, quase como uma religião. Era uma forma de engrandecimento, de se sentir tão grande e tão ilustre e culto como os mais ilustres e cultos. Enfim, era uma forma de se diferenciar do resto da turba:

“N’esta disposição de ânimo apaixonou-se pela política, pela embriaguez da lucta partidaria, e então a leitura dos jornaes converteu-se n’uma necessidade quotidiana de alimento mental. Assimilava com sofreguidao estas leituras, e n’ estes atritos da letra redonda ateava-se-lhe a centelha das ideias, o frenesi de comentar o caso novo, o acontecimento palpitante, o último escândalo político.”[[148]](#footnote-148)

Sem embargo, este nosso barbeiro sentia que esta promoção a esta categoria de fazedor de opinião lhe dava agora um estatuto e um prestígio que ele antes não usufruía. Todos queriam saber a “última” de maior importância e de maior realce jornalístico

À medida que sentia envaidecer-se e que sentia o seu ego engrandecer-se mestre Pedro sentia também uma enorme frustração da real e objetiva condição que era a sua. Achava que o seu ofício de barbeiro não tinha grande arte e não tinha dignidade. Esta insatisfação refletia-se na produtividade de mestre Pedro, visto que a navalha se tornava mais áspera e os fregueses demonstravam-se insatisfeitos com o serviço.

“- Um excomungado de modo de vida! - rosnava no azedume das suas horas pardas\_ ao menos um sapateiro é um artista, um caixeiro diz-se empregado, só o barbeiro é sempre barbeiro.

E, quando os fumos d’ esta vaidade lhe subiam ao cérebro em efervescência mais capitosa, os fregueses queixavam-se da aspereza da navalha.”[[149]](#footnote-149)

Mas, a ganância não só tinha influência na vida profissional mas também na vida social e também na vida familiar.

A mulher de Pedro era uma pessoa simples que vivia para a sua família. Achava que viviam bem com algum desafogo, visto que até conseguiam aforrar certas quantias. O seu intuito era fazer um enxoval para um hipotético filho que tivessem.

Na opinião da mulher de Pedro, quem estava bem não se devia preocupar em mudar a sua situação. Já com uma larga tradição familiar de trabalho em ofícios indiferenciados, Clara não considerava como bom agoiro esta transformação em Pedro. Via Gustavo como uma má influência, que inspirava em Pedro ideias nefastas de promoção social, ou seja, de lucro fácil, e lamentava todo o tempo despendido que Pedro gastava com a eleição, nomeadamente, todo o tempo roubado à família em prol da eleição e das campanhas. Por estas alturas faziam-se nos botequins e, como tal, Pedro acompanhava os seus companheiros na campanha, com argumentações frenéticas e aparecia em casa a altas horas da madrugada, quase sempre ébrio.

“A mulher é que implicava com a metamorfose do barbeiro em plumitivo burocrata, e quando o marido, contrariado, a apertava com perguntas atinentes a esta repugnância, nem ela acertava com a explicação. Sabia lá porque não engraçava, acabou-se... era um não sei quê lá por dentro a dizer-lhe que não e não. E rematava o confuso arrazoado da sua reprovação:

- Mas também por fim tanto se me dá, como se me deu, governa-te lá como quizeres. Eu só te digo uma coisa\_ quem está bem deixa-se estar. Lembro-me do que dizia meu pae que Deos haja: - Isto de fortunas, quando não há d’onde herdar, é cada um saber- se governar. A vida corre-nos bem, não é verdade? Então para que é experimentar mudanças?”[[150]](#footnote-150)

No excerto podemos notar para além da discordância e conformismo da mulher de Pedro, podemos ver que existia alguma cumplicidade entre o casal, visto que marido se interessava pela opinião da mulher e discutiam abertamente. Apesar de não terem concordado, até porque a mulher não dera a Pedro uma razão plausível para que Pedro se mantivesse como barbeiro e não se imiscuísse em campanhas, apenas lembra os ditos de seu pai e invoca Deus, como qualquer mulher sensível e com crença e fé. Mas, Pedro não se mostrava muito convencido com o poder de argumentação de sua mulher que, de fato, não era lá muito razoável, não era convincente o suficiente, pelo menos para um homem como Pedro que tinha o dom da palavra.

A cupidez e a ganância de Pedro não se limitavam à batalha eleitoral e à ambição de arranjar um emprego como funcionário público. Também pensava em tirar o aforro que sua mulher mantinha escondido numa caixa num móvel do quarto. Único local de confiança para ela, que era o mesmo que dizer, literalmente debaixo de seus olhos. Pedro ainda tenta demovê-la explicando-lhe que depositado num banco o dinheiro renderia três vezes o seu valor. Mas, Clara obstinada considera que retirar-lhe o aforro do seu controlo e observância é o mesmo que um crime lesa majestade, e que se alguém o tentasse fazer bradaria “Aqui d’el Rei”:

“«Você é de bom tempo, ponha-o a render e quanto antes.» E depois pegou de mostrar que em poucos anos era capaz de me dar trez vezes o capital, trez vezes, oh Clara, hein?...”[[151]](#footnote-151)

“- O meu dinheiro! Isso é que não, não me sahe d’ ali, só ali é que o quero, com a vista sempre em cima. Bancos... uma ladroeira... seguro só ali...”[[152]](#footnote-152)

Este excerto supra citado demonstra a desconfiança que o cidadão menos informado depositava no sistema financeiro. Clara é uma mulher ainda agarrada às velhas práticas. Não sabemos qual o nível de seriedade destas instituições bancárias relativamente aos aforros dos depositantes. Mas, é de crer que já haveria alguma confiança e segurança neste tipo de sistemas.

“- Sabes que mais? Se m’o tirassem d’ ali, era como se mo roubassem, e gritava aqui D’EL- REI –” (...)[[153]](#footnote-153)

Gustavo talvez encarasse a campanha e as honras, o cargo público mais como uma questão de sobrevivência. Gustavo não era proletário e sempre fora educado no luxo e no fausto. Quando seu pai faleceu deixou-lhe como herança um escritório de comissões falido, este meio de subsistência falido não era capaz de alimentar todas as extravagâncias de Gustavo. Por isso, Gustavo dedica-se à política, com uma maior necessidade do que Pedro. Gustavo tinha estudos e formação, e durante toda a sua vida fora desenvolvendo uma personalidade, um caráter de resiliente, seu pai não lhe legara apenas em legado falido, mas também um certo espírito de resiliência, que o ajudava nas lutas contra as intrépidas contrariedades da vida, ele nunca desistiria. Tal não era concordante com o seu caráter de vencedor, apesar de falido, possuía um legado moral, toda uma série de contatos sociais que o ajudariam novamente a soerguer-se.

“Mas elle recebera outro legado mais valioso, um legado todo moral, uma doação do temperamento e caracter, e d’este thesouro ninguem faria melhor uso. Com esta armadura caminharia intrepido para a lucta pela existencia.”[[154]](#footnote-154)

Gustavo não se caraterizava apenas pelo seu caráter resiliente, ambicioso e ganancioso, mas, também, pelo seu caráter de avarento.

Mas, interiormente, sofria com aquela ato dadivoso, com remorsos. A sua avareza era tanta que chegava a penitenciar-se, julgando-se alvo de furto, uma vítima daquelas obreiras da beneficência, que com os seus peditórios e as suas palavras de apelo à dádiva, à doação, ou, simplesmente, estendendo a mão, exerciam de tal forma uma pressão moral sobre o seu ser que ele não conseguia resistir. Sentia-se alvo de manipulação e de um certo tipo de coação moral. Sentia-se uma vítima. A sua consciência prometia envidar todos os esforços para recuperar aquela quantia tão “vilmente” surripiada.

(...) “mas a sua vontade de ferro dominava as sensualidades da carne. Impunha-se os mais penosos sacrificios na sua ancia impulsiva para o fito almejado. Se succedia, no circulo das suas relações, extrahirem-lhe qualquer quantia para uma obra meritoria, sorria por fóra, franqueando a bolsa com mão dadivosa, abrindo a physionomia n’ uma jubilação bizarra; mas para dentro, com a raiva no coração, carpia-se - que o tinham roubado.

Depois penitenciava-se da sua generosidade galharda, ratinhando o alimento, condenando-se, como n’um caso de consciência, a restituir á bolsa a quantia surripiada.”[[155]](#footnote-155)

No excerto podemos notar todos os artifícios e manipulações de que se servia Gustavo para ser bem visto e com isso conquistar mais eleitores para a sua campanha.

No excerto infra citado podemos constatar que esta obsessão de Gustavo pelo dinheiro e pela ganância, lhe tinham sido incutidos pelo seu pai. Tratava-se de uma herança genética e de um problema de educação, logo segundo os naturalistas era um problema de meio circundante que exercia a sua influência viciadora e nefasta no pequeno encéfalo de Gustavo:

“- E para que querias esse dinheiro?

- Para guardar.

- Para guardar!.. Só para guardar, hein?

- Era só para guardar, porque gosto de dinheiro. Já o tenho ha muito tempo sem gastar um pataco.

O supercilio paternal desfranzia-se, e o digno progenitor, n’ um prurido agradavel, provocado pela resposta, disse alto sorrindo:

- Pedaço de meliante! Ou tu não fôras meu filho...”[[156]](#footnote-156)

Pedro sacrificou a sua vida particular à sua ganância, perdera a filha e a mulher que com o desgosto suicidara-se. Como passava muito tempo embriagado talvez não tenha sentido com profundidade a perda e o sofrimento todo que daí advém. O grande lugar prometido no pujante aparelho do Estado foi-lhe atribuído. Seria daí em diante o novo contínuo de um banco.

A política e o álcool faziam-no doente. E, quando Pedro, o barbeiro, se dirigiu a Gustavo reclamando uma melhor função, Gustavo responde-lhe que se contentasse com o ofício atribuído já que Pedro não tem grande valor e que afinal era bem medíocre.

Pedro toma então consciência de si, de Gustavo e da política. De todos os interesses envolvidos e, que afinal apenas tinha servido de capacho, de moço de recados. E, que o seu valor não tinha sido reconhecido. Mas, talvez tivesse o seu mérito com papel chave junto da turba operária., como fazedor de opinião.

Depois disto a decadência foi notória. Acabaria por morrer vítima da politização do seu estado psicossomático:

“- Que mais quer você? Contente-se que nem tanto vale.

O Pedro sahiu estonteado pela brusca desillusão, e, sentindo-se avergar a uma grande opressão desconsoladora, remoeu entre os dentes:

- D’antes a cantiga era outra, canalha!...

Desde então, acabrunhado por uma grande depressão moral, resvalava para uma decadencia rapida.”[[157]](#footnote-157)

“- Este morreu pôdre de alcool e de política.”[[158]](#footnote-158)

Sem embargo, a ambição de mobilidade social e a sua subsequente ascensão tinham também como merecimentos os títulos de que os agraciados poderiam usufruir, normalmente por favores prestados à mãe pátria:

“- Prejudicial é que não acho. É um serviço público que todos lhe hão-de agradecer e sobretudo o governo... V. Ex.ª, salvando a situação, tem direito à gratidão do governo, a pedir o que quizer, uma mercê... um titulo...”[[159]](#footnote-159)

Outra realidade presente entre o aparelho do Estado é a consciência de que o sistema é corrupto, que para se atingir certos fins e de que para ocupar certos cargos é necessário certos atropelos. Normalmente ilícitos.

Mas, o que torna mais premente esta situação é a consciência de que para se pertencer ao orgão do Governo a corrupção é condição “sine qua non”.

“- Foi mais facil do que eu supponha; vende-se como um negro!... E tambem quer um titulo, este... que começou por ser um democrata, mas merece-o... um digno sustentaculo das instituiçoes; é desta massa que elles se fazem.”[[160]](#footnote-160)

Desta obra podemos concluir que se trata, de fato, de um momento de expansão e de mobilidade social. Contudo, subsistem ainda certos preconceitos relativamente às classes proletárias que não teriam as mesmas oportunidades apesar de serem detentoras de Know How e de poderem exercer influência sobre uma maior quantidade de população.

# A Educação Familiar e/ou Institucional

O século XIX foi uma época de maior consciencialização do valor da Educação.

Com a ascensão da burguesia e a sua consequente preocupação com a formação adequada de forma a poder integrar funções no complexo aparelho do Estado, que tinha cada vez maiores preocupações legislativas, coincidindo com as mercês atribuídas aqueles que apoiaram D. Pedro IV durante a guerra civil. Em detrimento da aristocracia que viu os seus privilégios reduzidos, pois muitos tinham apoiado D. Miguel e o regime absolutista e o antigo estatuto, viram-se privados das suas antigas prerrogativas e regalias como forma de castigo e sanção por não terem apoiado D. Pedro IV.

Assim, a Educação passou a ser uma preocupação crescente entre a classe política

De fato, a sociedade estava em mutação, e os antigos aristocratas já não eram tratados com a reverência, típica do Antigo Regime. No final do século XIX, a burguesia já evidencia consciência de classe. Cada vez mais os altos cargos do Estado são atribuídos a quem tenha competência para isso.

Outro aspeto que constatamos quando estudamos a obra de Júlio Lourenço Pinto em *Margarida* é a educação dada aos nobres basear-se numa certa atividade física. De fato, os nobres eram preparados para a guerra e para as batalhas que tinham de travar. Neste caso, a família aristocrata que estudamos dava muita importância à atividade física. Só com as mudanças políticas é que os progenitores passam a ter preocupações com a Educação dos seus filhos.

No exemplo da obra *Margarida* de Júlio Lourenço Pinto, de 1879, o jovem aristocrata tem muitas dificuldades de adaptação, não só porque lhe custa o estudo de determinado tipo de leituras, mas também porque sente discriminação da parte dos outros discentes. Este tipo de animosidade talvez se devesse ao fato de existir um certo desequilíbrio em termos quantitativos das respetivas classes, já que os burgueses estavam em maioria.

Outro fator é o fato de o jovem aristocrata ter tido de se deslocar, mudar de cidade, inclusivamente sair de casa dos pais e ficar instalado no Porto enquanto decorriam os seus estudos. Este afastamento da tutela paternal também pode ter constituído um fator de desestabilização.

Outro pormenor é a indignação e revolta sentida, pois este jovem não conseguia reagir tal era a sua atonia.

Mas, interiormente algo se revelava, mas não com força suficiente de forma que pudesse pôr um termo a tão afrontosa afronta:

“Mandado para um collegio do Porto, sentiu-se nos primeiros dias acanhado, constrangido, deslocado, como um peixe fora d’agua; os camaradas de collegio chamavam-lhe o «lorpa»; na aula desfechavam-lhe bolinhas de papel, pespegavam-lhe rabos picarescos, faziam-lhe arrelias; no recreio faziam roda, mettiam o «urso» no meio, havia troça, risadas. O sangue fervia-lhe nas veias, mas sentia ainda dentro de si alguma cousa de invencível que o abatia e não lhe permitia dominar esta situação nova de sua vida.”[[161]](#footnote-161)

Mas, neste caso concreto, Luís não se quedaria em acobardar-se para todo o sempre. Alvo de chacota dos seus colegas será um dia desafiado para uma cavalgada. Escusado será dizer que ao contrário da aversão que sentia com o seu novo meio estudantil, Luís sentia-se muito à vontade em provas físicas, e sem demoras pregou um triunfante sopapo no colega que o havia desafiado, que o estatelou no meio do chão jorrando sangue pelo nariz.

Esta atitude muito alimentou o imaginário destes jovens que se impressionavam com o poder da força física. De fato, para almas juvenis o que era digno de admiração era a preponderância que outrem ou alguém poderia exercer através da força física. Luís passou de vítima de bullying, a herói incontestado do colégio. De lorpa passou a líder:

(...) “intimou-o peremptoriamente a dobrar o dorso esquino para uma cavalgada” (...)[[162]](#footnote-162)

(...) “ao executar o jovial propósito, rolou estatelado no chão, esmurraçado, a rebentar sangue do nariz” (...)[[163]](#footnote-163)

(...) “o provinciano aparvalhado assumiu um aspeto grandioso aos olhos dos ammos, fascinados pelo prestígio da força, que sempre se impõe a imaginações juvenis. Então, engrandecido e metamophoseado em heroe de collegio, sacudiu de si todas as peias de constrangimento” (...)[[164]](#footnote-164)

Na continuidade de tudo o que foi antes referido relativamente a este capítulo, acrescente que como corolário da Revolução Francesa de 1789, que preconizava a Liberdade, Igualdade e a Fraternidade, a sociedade portuguesa também iria importar esses princípios com a instituição do Regime Liberal. O tratamento social passou a ser mais igualitário e, por exemplo, o tratamento dado aos alunos que vinham de fora e de outros grupos sociais já não era reverencial e vassálico. Os próprios criados insurgiam-se contra o antigo estado de coisas. Talvez fosse uma preocupação educacional, ensinar os alunos a ser responsáveis pelas suas coisas e ensiná-los a ser independentes.

Apesar disso os criados tratavam os alunos de classes superiores com um certo despeito e desdém pela sua condição ser inferior à dos discentes. Diga-se que um criado de um colégio recebe um salário como pagamento pelos seus serviços que passariam por prestar auxílio dentro de uma certa razoabilidade aos discentes.

“Faltava-lhe tudo, os caldos eram um vomitorio, a roupa da cama não se mudava ha quinze dias, era um esfregão, o colchão era duro como uma taboa, estava para alli estirado como um cão, ninguém se importava com elle” (...)[[165]](#footnote-165)

No excerto citado nota-se que essa situação sugere um certo capricho da parte de Luís. Luís estava habituado a que tudo estivesse no seu lugar e tudo convenientemente preparado. Sua mãe tratava-lhe de o tornar confortável, tentava tornar-lhe a vida prazenteira. Isto revela as transformações familiares que surgiram no século XIX em que as crianças passaram a ser desejadas não apenas como o herdeiro necessário para a continuação da estirpe e divisão e atribuição da herança, mas como sujeito desejado por amor e objeto de afetividade.

(...) “e como se lembrava com saudade do tempo em que, ao mais leve incomodo, via o rosto bom da sua mamá debruçado carinhosamente sobre o leito!”[[166]](#footnote-166)

Com a integração de Luís no grupo dos estroinas, os alunos mais rebeldes, pode participar nos momentos lúdicos proporcionado num colégio de rapazes na adolescência, com maiores instintos para a brincadeira do que propriamente para o estudo.

Este tipo de atividade propiciava-se por o colégio ter um cariz freirático, sendo por isso, muito sério, soturno, taciturno e lúgubre

“A roda dos grandes constituia uma sociedade de resistencia às auctoridades collegiaes, um fóco permanente de conspiraçõezinhas, de estroinices arreliosas, de projectos atrevidos. Umas vezes eram os candieiros de latão, fumegando na grade do côro com pavios tristes, cheios de morrão, que eram alvo de certeiras pedradas, cahindo no pavimento da igreja com estrondo” (...)[[167]](#footnote-167)

As estroinices também passavam por comezainas notívagas, em secretas reuniões. Subornavam criados e eram fornecidos de vinho do Porto, licores e iguarias e empadas.

Também se aventuravam a saltar os muros do claustro e a vaguearem pela cidade, de noite, onde naturalmente encontravam profissionais do sexo. Estes encontros com estas mulheres exerciam uma atração e as imaginações destes jovens fervilhavam de curiosidade sobre os prazeres desconhecidos e proibidos, mas que eles sentiam que se tratavam de gozos inefáveis.

(...) “segredados de comezainas introduzidas clandestinamente pelos criados subornados, de regabofes nocturnos com licôres, vinho do Porto alcoolisado com polvora, trôchas de ovos do Marques e empadas do Paço do Conde”[[168]](#footnote-168)

(...) “escapadelas furtivas pela calada da noute”(...)[[169]](#footnote-169)

(...) “em cuja escuridão mysteriosa havia fremitos de saias engomadas e fascinações de cousas ignoradas, que apareciam à sua imaginação excitada.”[[170]](#footnote-170)

No século XIX generalizou-se na Europa o termo “baby”. Essa tradição emigrou, até nós. Nas classes populares chamavam-se os “anjinhos”, mas nas classes mais abastadas começou-se, efetivamente, a denominar-se por “baby”, os filhos recém nascidos e que ainda precisassem de colo.

Ora, para as nossas personagens, os bebés eram produto de uma educação débil e deficitária. Sem preocupações com a saúde dos menores e sem qualquer preocupação em formar pessoas sadias. Muito pelo contrário, era uma educação conotada com o surgimento dos badalados dandys de então, seres fúteis e supérfluos, que dedicavam muito tempo ao ócio e aos prazeres mundanos. Sustentados por um sistema pernicioso, dependentes do trabalho operário e dependentes do meio especulativo dos negócios.

O marido de Margarida tem preocupações com a alimentação de seu filho, não quer que ele sofra de anemia, e por isso demonstra rejeição pelos valores dandys, não que a anemia fosse um valor para os dandys, mas talvez porque os dandys primavam pela elegância. E, nem todos eram considerados pessoas abastadas, poderia ser apenas uma questão de moda, por se encontrar muito em voga então.

“Menos isso, bébé isso é que não, não lhe chames bébé pelo amor de Deus. Bébé é o produto de uma educação delambida e falsa, o petit-créve da infância, um dandy em miniatura de opulências de vestuário e pobreza de sangue, é um entesinho infeliz, estragado, cheio de anemia, de perrice e de lambugens.”[[171]](#footnote-171)

Ora, para as nossas personagens, os bebés eram produto de uma educação débil e deficitária. Sem preocupações com a saúde dos menores e sem qualquer preocupação em formar pessoas sadias. Muito pelo contrário, era uma educação conotada com o surgimento dos badalados dandys de então, seres fúteis e supérfluos, que dedicavam muito tempo ao ócio e aos prazeres mundanos. Sustentados por um sistema pernicioso, dependentes do trabalho operário e dependentes do meio especulativo dos negócios.

Em bom rigor, demonstram-se preocupações com a educação que a criança há-de ter. educação essa que se há-de refletir no seu futuro. Os pais visionam um jovem adulto que passou pelas fases que tinha que passar. Que na altura de brincar, brincou, e, na altura de estudar e de se fazer homem fez-se homem com maior vantagem sobre os outros, porque foi uma criança saudável e que foi educada para antes de ser doutor, aguentar primeiro as fadigas que os esforços físicos acarretam. Esforços físicos que fazem parte da educação mas, que, também estão ligados à infância e ao lazer: aquilo que a infância é própria, que são as brincadeiras e as travessuras.

“O nosso filho não há-de ser nada disso, havemos de fazel-o vigoroso, sadio, com bochechas rechonchudas e rijas. Primeiro que tudo há-de ser um homem, antes de ser bacharel formado; não será um sábio pelo formato dos nossos doutores, mas terá uma instrucção mais práctica e útil, e saberá nadar, dar saltos, trepar a uma corda, montar a cavallo e suppportar as fadigas.”[[172]](#footnote-172)

O que levava os pais a mandar os seus filhos estudar fora era a preocupação, pelo menos relativamente aos rapazes, de ficarem munidos de instrumentos que lhes permitisse avançar na complexa máquina do Estado. Formar doutores e bons burocratas, pessoas que fossem formadas de modo a poderem exercer uma profissão e dessa forma singrar na vida, ter meios de se sustentar a si e a sua família, a um nível considerado superior.

“Pois o que era a Educação? Não era exactamente aquillo que se pretendia, o melhor laboratório onde se formasse a matéria prima de um doutor, onde se talhassem habilmente os modelos de um burocrata, de um funcionário, de um legista? O que era uma casa de educação se não a melhor oficina onde se ensina a mocidade a jungir-se automaticamente à nora de uma profissão?”[[173]](#footnote-173)

Para as crianças do género masculino que depois de frequentarem um colégio, vinham concluir os seus estudos em casa, normalmente acompanhados por mulheres, a anterior componente de travessuras e de brincadeiras e convívio com os outros alunos, tinham acabado e eram agora substituídas com idas à igreja, numa atitude beática. Passavam a acompanhar as suas progenitoras, inclusivamente quando iam às lojas, ou seja, acompanhavam as suas progenitoras em atividade que provavelmente não seriam típicas nem as mais adequadas para rapazes na idade da adolescência.

“Desde então a vida de Fernando começou a ser pautada com uma regularidade monótona, que fazia um contraste brusco com a animação turbolenta do collegio. O dia repartia-se invariavelmente pelas licções, pelo estudo, pelas comidas e pelo recreio de uma insipidez pacatinha; de vez em quando sahia com a mamá, ia às lojas, fazia visitas, rezava na igreja em dia de \_ Lausperenne\_ ouvia o borborinho da vida em torno de si, tinha saudades das expansões travessas no collegio, e sentia dentro de si uma desconsolação, o vácuo, o que quer que fosse de falho.”[[174]](#footnote-174)

No excerto podemos constatar que Fernando não era feliz. Apesar de todo o fanatismo que estava ínsito à educação religiosa, o companheirismo e o convívio, as travessuras, toda essa alegria seria insubstituível, ou pelo menos era fonte de felicidade que Fernando não encontrou quando retornou a casa. Isto tudo constitui um prenúncio da sua vida futura, já como adulto e homem casado. Como não viveu todas as fases da sua vida na devida altura, Fernando irá praticar adultério na idade adulta e sentirá que é um regresso à sua juventude e que estará a viver sentimentos e emoções que lhe escaparam precisamente no momento em que se sentia falho.

Outra novidade era a preocupação dos progenitores darem uma certa Educação às suas filhas. Já não queriam que fossem analfabetas e que só percebessem de bordados. Era importante que também soubessem francês e soubessem canto e tocassem piano.

O século XIX é o século por excelência do piano, muitos foram importados e deram entrada nas Alfândegas neste período. As raparigas eram educadas em colégios de freiras, em colégios que fossem unissexo, já que era importante conservar a inocência, honra e reputação das meninas estudiosas. Estavam ao mesmo tempo isoladas da vida exterior, mas tinham uma vida dentro do colégio que era rica de acontecimentos.

Também aprendiam a representar, e tinham, umas mais do que outras, a veia artística e a sensibilidade refinada, algumas aos extremos como é o caso de Adelina. As famílias participavam na organização dos programas festivos, e depois, também participavam como espetadores entusiastas da atuação das suas filhas e demais estudantes.

“Era costume organizar uma festa escolar para distribuição dos prémios com assistência das famílias das educandas. O programa constava de representação de pequenas comédias de uma candura de lyrio, de recitação de poesias de um lyrismo mystico e de exhibições artísticas de canto e piano.”[[175]](#footnote-175)

No excerto podemos notar que a Educação que as educandas tinham, prendia-se com um certo aspeto artístico.

De fato, as crianças dantes tinham a sua educação em casa, refiro-me às crianças do género feminino. Com a preocupação de alfabetiza-las, veio também a preocupação de dotá-las e de apetrechá-las com uma herança cultural. A sua função passava a ser também uma função lúdica. Teriam de distrair os seus maridos e filhos, nos novos saraus e serões que se instalavam nos seus futuros lares. Como forma de criar um ambiente agradável e hospitaleiro, que se diferenciasse das classes mais depauperadas, as senhoras da casa e suas filhas tocavam piano e cantavam músicas e cantos líricos. Também recitavam poesia. Esta era uma atividade em que rapazes e raparigas confundiam a sua dedicação.

Diga-se que este tipo de educação conferia um aspeto mais mundano e terreno à educação proporcionada pelas freiras num regime freirático. Algumas alunas mais sensíveis deixavam-se impressionar com as lições e atividades preconizadas pelas freiras. Mas, quando aconteciam estes episódios mais mundanos e pitorescos, as alunas dedicavam-se com mais energia e dedicação, talvez por se poderem libertar das lições freiráticas e das crendices propagadas pelo sistema de ensino mais religioso e mais fanático.

Tal era o caso de Adelina que tinha uma sensibilidade extrema só sublimada por toda a dedicação prestada às cerimónias e festividades religiosas, mas, como adolescente que era, poder-se-á dizer que também ela vibrava com as artes líricas. Deste modo a sua sensibilidade seria sublimada de uma forma mais artística, de uma forma mundana, mais ligada ao mundo dos homens e por isso mais terrena. Adelina descia das nuvens e descia à Terra, e tinha e vivia os prazeres da vida sem se preocupar com a vida do além, que se ficciona que fosse de determinada maneira mas que apenas se tratava de uma ficção.

“Era um aspecto novo, que veio sobressaltar Adelina, na atonia do seu viver freirático, uma diversão ao seu enervamento em que se estiolava o seu temperamento avido, e lançou-se logo com toda a sua impetuosidade de um entusiasmo sôfrego nos encantos de uma nova sensação. As divagações pelo céo, os anjinhos de asas douradas, harpejando lyras celestiais na harmonia dos córos angelicos, os deleites do paraíso, tudo foi logo esquecido e trocado pelos anhelos de uma delícia simplesmente terrena e mundana.”[[176]](#footnote-176)

No excerto constatamos que muitas vezes as alunas já estariam “contaminadas” pelo espirito do fanatismo que já não se conseguiriam libertar dessa sensação e desse modo de vida mais obcecado. No excerto supra referido nota-se que Adelina transfere o seu fanatismo religioso para o campo das artes mais terrenas. Isto era fruto da sua sensibilidade extrema mais suscetível a influências que refinassem e que sublimassem essa mesma sensibilidade.

Essa fascinação pela representação era-lhe sugerida também por uma visita que fizera ao teatro uma vez e que lhe exacerbara a sensibilidade na excitação de sensações novas e desconhecidas muito diferentes da vida letárgica que levava na sua aldeia natal. Terra essa que sendo das zonas limítrofes do Porto e não sendo central, não usufruía de todos os serviços que uma cidade como o Porto poderia proporcionar.

“Antes de entrar no colegio fôra uma vez ao theatro, tivera um grande deslumbramento e essa impressão gravara-se-lhe indelevelmente no cérebro, julgara-se transportada da estagnação insulsa da sua aldeã a um paiz encantado” (…)[[177]](#footnote-177)

Para as jovens que estudavam em instituições religiosas a educação tinha uma grande componente religiosa. De fato, as religiosas incutiam nas discentes sentimentos de amor por Cristo. Numa perspetiva que hoje talvez estranhemos, mas que era comum então, as religiosas exploravam a inexperiência, ignorância e por vezes a própria sensibilidade que algumas tinham, ou que lhes seria incutida pelo sentimento de fervor religioso e espiritual que se vivia. Para além de se pregar os mandamentos e de tentar ser um guia de vida em concordância com os valores apregoados, as freiras premiavam as jovens que mais fervorosamente seguissem os seus ensinamentos.

As jovens tinham por modelo a virgem Santíssima, e as que eram consideradas mais dignas, eram escalonadas hierarquicamente, consoante o fervor demonstrado, sendo agraciadas com um hábito monacal. No fundo era uma competição estimulada pelas freiras que premiavam aquelas alunas que demonstrassem maior vocação religiosa. As alunas competiam entre si, mas de um ponto de vista religioso, o seu objetivo era a beatitude e a santificação de poder usar um hábito dos únicos modelos que conheciam. Aspiravam a uma vida serena, e aspiravam à seriedade e aspeto austero que as freiras preconizavam e que transpareciam exteriormente, pelo menos na presença das alunas.

“As superioras tinham organizado dentro do collegio como que uma ordem religiosa, em que se admitiam as mais dignas, havia diversos graus em eschala hierarchica, consoante as provas de fervor e obediência religiosa” (…)[[178]](#footnote-178)

As famílias burguesas também tinham por hábito contratar mestres inglesas ou francesas para acompanhar e lecionar as suas filhas e filhos em casa, no seu lar doméstico.

Era um pouco redutora esta educação, visto que não tinham o companheirismo e o convívio com as outras crianças e jovens como tinham as que estavam ligadas a colégios quer em regime de internato ou de externato.

Foi o que aconteceu a Adelina que saiu do colégio e passou a ter aulas em casa. Este fato deveu-se à simples razão de sua mãe ter falecido e de seu pai precisar de uma companhia e de uma figura feminina para lhe fazer companhia e para dirigir os afazeres domésticos.

A reação de Adelina não foi das mais positivas, pois para além de comparar a beleza, aparência física de miss Lyndsey, com a imagem das freiras que considerava serem santas, desagradou-lhe a fealdade e austeridade e deselegância desta mestra.

“Apresentaram-lhe miss Lyndsey, a mestra a quem ficava confiada a sua educação. Apertou-se-lhe o coração, era tão feia! Comparava esta inglesa vigorosa, de côres sadias, com as santinhas com quem até alli tinha vivido, e não compreendia como se preferia esta inglesa” (…)[[179]](#footnote-179)

Voltando a Adelina, que pertencia a uma classe burguesa recém-ascendida pela força do dinheiro. Seu pai recomendava-lhe que se dedicasse com esmero na sua educação para dessa forma poder integrar-se mais facilmente nos ambientes da nata da sociedade. Para ela constituía um estímulo, ávida de sair da parcimónia da aldeia onde vivia e de se integrar na ribalta dos grandes salões de senhoras da alta sociedade e dos homens cultos e quem sabe aí encontrar um companheiro que frequentasse a roda-viva da alta sociedade.

“Era preciso que se distinguisse pelo esmero da educação, que se fizesse senhora, para entrar na convivência da boa sociedade e das fidalgas.”[[180]](#footnote-180)

No excerto constata-se a ambição que se sentia no início do século da burguesia ascender à aristocracia. São denominativos dos complexos que a recente burguesia, ascendida a um nível superior, sentia relativamente à aristocracia que era detentora de uma herança e de um legado que a burguesia não detinha. Não se tratava de um legado económico, pois esse quem o possuía era a burguesia. Mas, a aristocracia era detentora de uma herança cultural, de uma herança histórica, pois até então tinha sido ela a detentora do poder, do dinheiro e do prestígio, estando mesmo ligada à conquista do espaço português.

# Conclusão

Nesta dissertação tentou-se abordar a questão das sociabilidades burguesas e operárias durante a Monarquia Constitucional, já nos finais do século XIX. Tentou-se fazer uma contextualização da história política, muito sumariamente.

De seguida tentou-se discernir sobre a estética Naturalista nas suas caraterísticas mais diferenciadoras. Trataram-se questões metodológicas.

As fontes usadas foram naturalistas, e, poder-se-á resumir a estética naturalista como aquela que valoriza a objetividade, a descrição, o racional, o contemporâneo. Por fim, era aquela que se opunha à apoteose do sentimento tão caraterística da estética precedente, o Romantismo.

No capítulo concernente à Bastardia e Ilegitimidade estudou-se as relações ilegítimas entre pessoas de níveis socioeconómico-culturais distintos e suas consequências, a questão da bastardia.

No capítulo referente ao Divórcio e Violência Doméstica apontou-se o adultério e o endividamento do casal como causa primordial, para além de casos de maus tratos físicos e psicológicos como causa de separações de pessoas e de bens.

No capítulo referente ao Lazer apontou-se inovadoramente as teorias panteístas como influenciadoras do prazer que a Natureza proporcionava.

No capítulo da Mobilidade Social apontou-se a divisão da propriedade comum, no momento das partilhas, como principal causa da emigração para o Brasil e como seu corolário o retorno dos brasileiros endinheirados que buscavam reconhecimento social, comprando títulos e fazendo doações a Instituições de ajuda a desvalidos.

No capítulo da Educação Familiar e Institucional procurou-se dar a entender que foi a ascensão da classe burguesa e complexificação das funções do aparelho do Estado que constituíram uma maior exigência para formação destes agentes sociais, mas não despiciendo, as crescentes necessidades de sustentar o nível de vida de uma classe com um certo status quo.

Quanto ao estudo comparativo com outros autores diga-se que por uma questão de economia resolvi elencar as principais caraterísticas da obra *História da Vida Privada* - A época Contemporânea, por ser o mais completo e porque o resto da bibliografia analisada constituiria uma massa textual muito extensa que não caberia aqui. Assim, Rui Cascão tratou da questão da Habitação dando ênfase à sociabilidade relativa à gastronomia; Ana Leonor e João Pita Trataram da questão da Higiene, questões que não abordei na minha dissertação. Irene Vaquinhas tratou da questão da Família, considerando-a uma Pátria em miniatura. Na minha dissertação a questão da família pode-se deduzir da análise que fiz dos diferentes temas.

O quotidiano da vida familiar é largamente tratado na minha dissertação, estando disseminado pelos diferentes capítulos.

A questão das intimidades, sexualidade é largamente tratada na minha dissertação assim como na *História da Vida Privada*.

A criminalidade não foi tratada neste trabalho de investigação, como o faz Irene Vaquinhas em *Sangue, Suor e Lágrimas*. A partir de *Nas aspirações e sonhos de vida* tratados por Susana Serpa Pinto, podemos cruzar o capítulo onde são abordadas as ascensões e mobilidades sociais.

Maria Helena Santana ainda trata a questão da Estética e da Aparência, questão esta que não abordamos neste trabalho mas que se constitui, sem dúvida, um elemento chave das sociabilidades mas que, segundo a nossa perspetiva de investigação, talvez seja mais adequada para um estudo sobre a imagem pessoal não sendo tratada em extensão nas fontes tratadas. Talvez se pudesse abordar a questão da decoração das habitações no âmbito da higiene mas, também não se tratando de um estudo em extensão, visto não se encontrar dentro da orientação da estética da literatura naturalista.

E de seguida, entrou-se no corpo, propriamente dito das sociabilidades. Talvez o leitor não esperasse que o tema principal e comum a muitos dos capítulos desta dissertação fosse a sexualidade, mas, de fato, é uma questão muito abordada pelas fontes e das quais muito mais se poderia inferir.

Quanto aos temas para futuras investigações, diga-se que qualquer dos temas abordados nesta obra são suscetíveis de novas abordagens e de novas interpretações.

Refira-se que o tema da Habitação não foi elaborado pela simples razão que cairíamos de novo no tema da sexualidade. Tema este já bastante explanado.

Outros temas seriam: O Casamento, como contrato mas também como sociabilidade inter partes.

A Amizade; o Namoro; a Impunidade; a Troca de favores e o Favorecimento pessoal e Economico. O Amor; a Maternidade e a Paternidade. O Ateísmo e a Ortodoxia Religiosa. A Infância, o parto e os seus condicionalismos; a Farmacopeia; os Transportes, entre outros que deixo ao critério dos demais interessados pesquizarem a seu belo prazer.

Outro tema pertinente para as sociabilidades e que as fontes têm presente é a questão Religião vs Sexualidade. Binómio muito presente em pelo menos duas obras, como por exemplo *O Bastardo* e *Margarida*. Nestas duas obras podemos ver a promiscuidade existente na vida paroquial entre sexualidade e religião.

# Universo Documental Selecionado

**Fontes Impressas**

BRANDÂO, Júlio – *Pharmacia Pires*. Porto: Livraria Chardron, 1896.

CASTELO BRANCO, Camilo – *Eusébio Macário*. Porto: Edições Caixotim, 2003 [1879].

CASTELO BRANCO, Camilo – *A Corja*. Porto: Edições Caixotim, 2003 [1880].

DINIS, Júlio – *Uma Familia Inglesa*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 1979 [1868].

GRAVE, João – *Os Famintos.Episódios da vida familiar*. Porto:Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1903.

GRAVE, João – *A Eterna Mentira*. Porto: Livraria Lello, 1904.

PINTO, Júlio Lourenço – *Margarida*. Porto: Livraria Chardron, 1879.

PINTO, Júlio Lourenço – *O Bastardo*. Porto: Livraria Chardron, 1889.

PINTO, Júlio Lourenço – *O Homem Indispensável*. Porto: Ernesto Chadron, 1883.

PINTO, Júlio Lourenço – *Vida Atribulada*. Porto: Livraria Chardron, 1880.

VIEIRA, José Augusto – *A Divorciada*. Joaquim Antunes Leitão Editor, 1881.

# Bibliografia

ALBERONI, Francesco – *O Mistério do Enamoramento*. Lisboa: Editora Bertrand , 2003.

ALVES, Jorge Fernandes – “A cidade liberal: Da revolução à estabilização do regime” in *História do Porto.* Porto: QN - Edições e conteúdos, 2010.

ALVES, Jorge Fernandes – “O progresso material: Da Regeneração aos sinais de crise” in *História do Porto.* Porto: Quid Novi, 2010.

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges – *História da Vida Privada*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

ARRISCADO, José Augusto – “Sociabilidade burguesa em Viana do Castelo na segunda metade do século XIX: a assembleia vienense”. in *Revista da Faculdade de Letras de História.* Porto: 2005.

AZEVEDO, Francisco Pereira d’ – *História da Prostituição e Policia Sanitária no Porto.* Porto: Editor F. Gomes da Fonseca, 1864.

BAIROCH, Paul – *De Jéricho à Mexico.* Paris: Arcades. Gallimard, 1985.

BARREIRA, Cecilia Maria Gonçalves – *Universos Femininos em Portugal. Retrato da Burguesa em Lisboa (1890-1930).* Lisboa: Universidade Nova de Lisboa,1991.

BENEVOLO, Leonardo – *La Ciudad Europea*. Barcelona: Crílica, 1993.

BORDIEU, Pierre – *O Poder Simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2ª Edição, 2011.

CARVALHO, Manuel Jorge Pereira – “Prenúncios de mudança: Do 31 de Janeiro ao regicídio” in *História do Porto.* Porto: Quid Novi, 2010.

CABRAL, Avelino Soares – *O Realismo (Eça de Queiroz e os Maias).* Mem Martins: Edições Sebenta, s/d.

CABRAL, João de Pina – *O Homem na Familia* – *Cinco Ensaios de Antropologia.* Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2003.

CAPELA, José – *A Burguesia Mercantil do Porto e as Colónias (1834-1900)*. Porto: Afrontamento, 1971.

CASCÃO, Rui – “Demografia e Sociedade” in MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal.* Lisboa: Circulo de Leitores, 1993.

CASCÃO, Rui – “Vida Quotidiana e sociabilidade” in MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal.* Lisboa: Circulo de Leitores, 1993.

CHEVALIER, Louis – *Classes laborieuses et classes dangereuses.* Paris: Editions Perrin, 2002.

COELHO, Jacinto do Prado – *Dicionário da Literatura Portuguesa.* Porto: Academia das Ciências da Faculdade de Lisboa, 1978.

CRUZ, Maria Antonieta – “Considerações em torno da burguesia Portuense – Século XIX”. in VIEIRA, Benedicta Maria Duque – *Grupos Sociais e Estratificação social em Portugal no século XIX*. Porto: Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, s.d.

CRUZ, Maria Antonieta – “Facetas do quotidiano burguês no Portugal de Oitocentos.” in *Revista da Faculdade de Letras de História*. Porto: FLUP, 2003.

CRUZ, Maria Antonieta – “Reflexão sobre fontes para o estudo dos burgueses do Porto na Segunda Metade do Século XIX” in *Revista da Faculdade de Letras de História*. Porto: FLUP, 1999.

DAUMARD, Adeline – *Les bourgeois et la bourgeoisie en France, depuis 1815*. Aubier- montagne: Aubier collection, 1987.

DAUMARD, Adeline – “La Societe Bourgeoise en France au XIX siècle.” in *Revista de História*. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1989.

FAIRBAIRN, Ronald – *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Editorial Veja, s/data.

FATELA, João – *O Sangue e a Rua, elementos para uma antropologia da violência em Portugal (1926-1946).* Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989.

FERRO,Túlio Ramires – *Raul Brandão. Os Operários.*Lisboa: Biblioteca Nacional,1984.

FONSECA, Fernando Taveira – “Elites e Classes Médias.” in MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993.

GOMES, António Martins – *Às armas: A Formação do Republicanismo na literatura e cultura portuguesa*. Porto: Caleidoscópio, 2011.

GUIMARÂES E CASTRO, Maria João de Abreu Mena – *O Operário (1879-82) e o movimento socialista no Porto*. Porto: Edições da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.

HAREVEN, Tamara-*Family Time and Industrial Time*. Manchester: Robert Fogel and Stephan Thernstrom Editors, 1982.

JOYCE-MONIZ, Luis – *Psicopatologia do Desenvolvimento do adolescente e do adulto*. Lisboa: McGraw-Hill, 1993.

KOCKA, Jurgen – *Les bourgeoisies européennes aux XIX siècle*. Belin: Librairie Européenne des Idées, 1993.

LEANDRO, Maria Engrácia – *Sociologia da Família nas Sociedades Contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

LOPES, Maria Antónia – “Os Pobres e a Assistência Social.” in MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal.* Lisboa: Circulo de Leitores, 1993.

LOPES, Óscar – *Entre a Palavra e o Discurso*, in. “Estudos de Linguistica 1977-1993”. Porto: Campo das Letras, 2005.

MENDES, J. Amado – “As camadas populares urbanas e a emergência do proletariado industrial.” in MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Circulo de Leitores, 1993.

MENDES, J. Amado – “Etapas e Limites da Industrialização.” in MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal.* Lisboa: Círculo de Leitores, 1993.

NIETZSCHE –  *A Origem da Tragédia.* 3ª edição. Lisboa: Lisboa Editora, 1997.

PERROT, Michelle – *História dos Quartos*. Lisboa: Teodolito, 2009.

PIRES DE LIMA, Isabel – *Trajectos. O Porto na Memória Naturalista*. Lisboa: Guimarães Editores, 1989.

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 2008.

REIS, Carlos – *Introdução à leitura d’ Os Maias*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

RICOUER, Paul – *Los Caminos de la Interpretacion.* Madrid: Editorial Anthropos, 1991.

SAMARA, Maria Alice – *Operárias e Burguesas* – *As Mulheres no tempo da República*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2000 (17ª edição).

SERÉN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins – “O Porto Oitocentista” in RAMOS, Luís A. de Oliveira (Dir.) – *História do Porto.* Porto: Porto Editora, 2000.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – “A Queda da Monarquia ( 1890- 1910)” in *História de Portugal.* Porto*:* Verbo, 1986.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – “Terceiro Liberalismo. (1851-1890).” Vol IX. in *História de Portugal. Porto:*Editorial Verbo, 1986.

TEIXEIRA, Manuel C. – *A Habitação Popular na cidade de oitocentos* – *as ilhas do Porto*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, !998.

VAQUINHAS, Irene (coord.) – “A Época contemporânea” in MATTOSO, José (Dir.) – *História da Vida Privada*. Figueira da Foz: Circulo de Leitores, 2011.

VAQUINHAS, Irene; CASCÂO, Rui – “Evolução da sociedade em Portugal: A lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa.” in MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Circulo de Leitores, 1993.

VOVELLE, Michel – *Bourgeoisies de Province et Révolution*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1987.

Aqui junto em anexo onze excertos dos romances estudados na Dissertação sobre as Sociabilidades da Burguesia e do Operariado no Porto (1870-1910) como forma de consolidar conclusões e conhecimentos elencados no elaboramento da referida dissertação, assim como possibilitar outras pistas para futuras investigações.

# ANEXO I: *Os Famintos*

“\_ Juro-te por alma de quem me deitou a êste mundo, que saberei estimar-te sempre!\_ exclamou êle.

E quem jura assim não mente!

António era um rapaz corpulento e robusto, braço para as fadigas mais ásperas de suportar e duma piedade enternecida que o desagasalho da orfandade fizera nascer no seu espírito.

Luísa ia completamente absorvida em pensamentos dolorosos, quando nesse dia o encontrou.

\_ Já sei que está mal o teu pai, Luísa. Foi a primeira novidade que hoje me deram\_ disse êle, melancolicamente. Deus permita que não seja coisa de cuidado.

Ela não respondeu, mas fitou-o com tanta tristeza que mais o comoveu ainda. E durante muito tempo foram andando pelas ruas, silenciosos, abismados na sua mágoa. Por fim, António exclamou:

\_ Mas, ainda não disseste palavra!

\_ Que queres que te diga? … Hoje não sei o que me apoquenta. Trago o coração negro como a noite.

\_ Está pior teu pai?

\_ Não; os remédios fizeram-lhe bem. Ao jantar, palrava como se tivesse saúde, mostrando-se muito meu amigo…

\_ Bem vês que não é doença para causar apoquentações:

\_ Se soubesses!

\_ O quê?

\_ Êle pediu-me uma coisa.

\_ Que coisa?

\_Nada, não foi nada. Estava agora a pensar em tolices. Até logo, sim! Faz-se tarde.

António tomou-lhe o braço e, muito serêno, exclamou:

\_ Luísa, que te pediu teu pai?[[181]](#footnote-181)

# ANEXO II: *Eusébio Macário*

“Havia frialdades lentas, antigas, na sentimentalidade de Felícia. Quinze anos de convivência passaram com intercadências de ciúmes, tédios, arrependimentos, escrúpulos, abalos de consciência envergonhada. Ela, às vezes, pensava que era mana do comendador Montalegre, falado nas folhas, um brasileiro rico; que podia estar com ele, ser senhora, ter dom como a mulher do da Casa Grande, uma prima dele que trabalhava no sacho, e chamavam Ganilhas, uma escanelada, dizia toda a gente, que ainda a conhecera a dançar o regadinho e a trepar aos pinheiros, com côdea nas pernas, para varejar as pinhas. Lembrava-se que podia estar casada, ter os seus filhos, a sua casa, comprar terras, ter a sua égua com andilhas, ir às feiras e às romarias com chapéu de homem e véu de filó azul, como as filhas do brasileiro da Casa Grande. Fizera uma asneira\_ cogitava convencida\_ em não ir a Vassouras, quando o mano Bento a chamava para casar ela; repetia a frase amelaçada, como ouvira ler, e nunca lhe esquecera a porcaria mélica, botocuda do mano Bento. Depois, o seu padre Justino, primeiro com a Canelas, depois com as outras, andara desencabrestado.”[[182]](#footnote-182)

# ANEXO III: *A Corja*

O Amor indiscreto cegara a baronesa e desvairara o barítono. No teatro, entre a frisa 3 e o proscénio, havia correntes magnéticas que evidenciavam o namoro da Rabaçal com o Bartolucci. Ele nas árias de amor, se não punha os olhos na batuta, era nela. A baronesa, nesses transportes de paixão, inclinava-se no peitoril da frisa, com muito despejo sentimental, num descaramento de ternura. Binóculos dos camarotes e da superior assestavam-se nos dous; havia risos, cochichava-se ao ouvido; senhoras casadas, cheias de virtudes antigas, espreitavam a baronesa, de esguelha, pelos rendilhados dos leques.

O comendador Aguiar já não podia tolerar o escândalo. Amigos comuns diziam-lhe: \_ Você avise o barão, aconselhe o barão, abra os olhos aquela cavalgadura.

O Aguiar procurou-o na Bolsa, levou-o para o adro de S. Francisco, e começou:

\_ Como o outro que diz: amigo que não presta, faca que não corta, que os leve o diabo pouco importa. Barão, eu sou seu amigo, e como tal sou a dizer-lhe que você não vai bem com a sua vida. É preciso reformar os seus costumes domésticos.”[[183]](#footnote-183)

# ANEXO IV: *Uma Família Inglesa*

“\_ A falar a verdade\_ disse Antónia \_ não sei o que parece! Pois a menina vai assim, sem mais nem menos, falar da janela para baixo, com aquele senhor? …

\_ Se a vizinhança por aí visse … \_ acrescentava o outro, espreitando para verificar se a sobredita vizinhança teria de facto visto. \_ E então quem? Um cabeça no ar… o filho…

\_ Basta! \_ exclamou Cecília, não podendo já reprimir-se mais tempo. \_ Era escusado isto, era, se outras pessoas tivessem tido a lembrança e a caridade de o fazer. Há uma hora que me vêem nesta aflição e só sabem dar-me consolações, que fariam rir a quem não tivesse no coração esta agonia que eu tenho. Agora então vêm com os reparos da vizinhança; a vizinhança não me tira uma só das canseiras com que estou, para que eu deva importar com ela.

José Fortunato estava deveras condoído por se não ter lembrado a tempo dos seus deveres. Era sestro do homem.”[[184]](#footnote-184)

# ANEXO V: *Pharmácia Pires*

“No grande jantar de noivado, farto e lento, vieram travessas enormes de arroz açafroado, com tufos de salsa no curúto; veio uma perna de vitela d’ um tostado de fogo, apetitosa; um lombo de porco coberto de rodelas de limão. Foi um banquete de abundancia antiga. O vinho jorrava, rôxo e espumante, das bojudas canecas vidradas. E toda a comitiva comia, n’ um ruido de m[[185]](#footnote-185)astigação primitiva. Alguns mastigavam sem abrir a bôca, fazendo foles, para maior delicadeza. O vinho ia animando os olhos de fagulhas, manchando as faces de rosetas.”

# ANEXO VI: *A Eterna Mentira*

“Um dos mais gratos prazeres de Luís, terminado o jantar, era ir para a varanda, que Cândida trazia enflorada de cravinas e de malvas de cheiro, e gozar ali, com a filha nos joelhos, momentos repousados, vendo passar os operários que voltavam das oficinas, as costureiras que regressavam dos ateliers em ranchadas ruidosas, palrando e sorrindo como aves novas, no esplendor da beleza e da juventude.”[[186]](#footnote-186)

# ANEXO VII: *A Divorciada*

“Festejavam-se á noite em casa do brasileiro Mendes os dezenove anos da menina Adelaide.

Toda ella afogueava nos contentamentos íntimos de rainha da festa, as faces carmindo-se das exhuberancias húmidas e quentes d’ uma mocidade recatada e honesta, muito vaidosa do seu vestido novo, praguejando em frente do espelho, como um colegial estroina, contra aquella moda de penteado, que lhe não deixava pôr em relevo as longas tranças castanhas, tão espessas, que a natureza lhe doara.”[[187]](#footnote-187)

# ANEXO VIII: *O Homem Indispensável*

“\_ Até que emfim! …\_ E Jorge, depois de correr as cortinas com vivacidade, aconchegando-se n’ uma pressão sôfrega, ditosa, enlaçava pela cintura a sua noivasinha appetecida.

\_ Mas vê que me amarrotas, que maneiras! …

Jorge retirava de prompto as mãos, e, escarlate como uma donzela tímida, ficava atarantado, n’ uma attitude de desconsolação![[188]](#footnote-188)

# ANEXO IX: *Vida Atribulada*

“Não se curava de consultar a vocação, pai e filho orientavam-se para Coimbra com a despreocupação de quem obedece à necessidade fetal de um modo de vida, que para os homens do seu choturno não podia ser outro. Silverio pela influencia do temperamento e dos hábitos inveterados reagia ao trabalho; tinha todos os apetites do luxo e das existências fidalgas e os influxos da hereditariedade agravarem-se com os contágios de meio em que viveu. Casimiro de Castro dava soirées.”[[189]](#footnote-189)

# ANEXO X: *Margarida*

“Ernesto tinha ido uma vez ao teatro lyrico, no Porto, estudara com muita atenção os modelos do dandysmo, conseguindo distinguir-se entre os seus conterrâneos nos ares, nas attitudes, e tinha uma maneira chic de pôr o chapéu. E depois havia n’ elle um ar interessante de melancolia, sobretudo quando, no silencio da noute, à luz da lua, soltava a tremula toada de uma voz sentimental.”[[190]](#footnote-190)

# ANEXO XI: *O Bastardo*

“Mas sahia raras vezes; deixava-se estiolar sob telhas, entorpecido de amargura, mentalmente deprimido e decadente, desmemorizado, vogando na vida sem rumo, desequilibrado, à mercê de um perpétuo mal estar, percorrendo a casa aparvalhado em abstracções, perdendo o tino das cousas, quedando-se, com os olhos vidrados de lágrimas, diante de qualquer objecto que suscitasse uma recordação saudosa e pungitiva, ou esquecendo-se, soterrado n’ uma poltrona, na contemplação angustiada do retrato da mulher”[[191]](#footnote-191)

1. SÉREN, MARIA do CARMO; PEREIRA, Gaspar Martins – “O Porto Oitocentista” in RAMOS, Luís A. de Oliveira – *História do Porto.* Porto: Porto Editora, 2000*,* p. 472. [↑](#footnote-ref-1)
2. IDEM, p. 424. [↑](#footnote-ref-2)
3. IDEM, p. 477. [↑](#footnote-ref-3)
4. IDEM, p. 484. [↑](#footnote-ref-4)
5. IDEM – *Ibidem,* p. 496. [↑](#footnote-ref-5)
6. IDEM – *Ibidem,* p. 479. [↑](#footnote-ref-6)
7. ALVES, Jorge Fernandes – *História do Porto. O progresso material, Da Regeneração aos sinais de crise.* Porto: Quid Novi, 2010*,* p. 15. [↑](#footnote-ref-7)
8. IDEM – *Ibidem*, p. 15. [↑](#footnote-ref-8)
9. IDEM – *Ibidem*, p. 15. [↑](#footnote-ref-9)
10. SARAIVA, António José; LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa,* Porto: Porto Editora, 2000 (17ª edição), p. 835. [↑](#footnote-ref-10)
11. Nota de Editor in CASTELO-BRANCO, Camilo – *Eusébio Macário*. Porto: Edições Caixotim, 2003 (1880), p. 9. [↑](#footnote-ref-11)
12. IDEM – *Ibidem*, p. 11 [↑](#footnote-ref-12)
13. IDEM – *Ibidem*, p. 13 [↑](#footnote-ref-13)
14. IDEM – *Ibidem*, p. 14. [↑](#footnote-ref-14)
15. IDEM – *Ibidem*, p. 17. [↑](#footnote-ref-15)
16. IDEM – *Ibidem*, p. 20 [↑](#footnote-ref-16)
17. IDEM – *Ibidem*, p. 20. [↑](#footnote-ref-17)
18. SÉREN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins – “O Porto Oitocentista” in RAMOS, Luís A. De Oliveira – *História do Porto.* Porto:Porto Editora, 2000, p. 404. [↑](#footnote-ref-18)
19. IDEM, p. 405. [↑](#footnote-ref-19)
20. IDEM, p. 405. [↑](#footnote-ref-20)
21. IDEM, p. 406. [↑](#footnote-ref-21)
22. DINIS, Júlio – *Uma Família Inglesa*, Mem Martins: Círculo de Leitores, 1979 (1868), p. 5 [↑](#footnote-ref-22)
23. IDEM – *Ibidem*, p. 6. [↑](#footnote-ref-23)
24. IDEM – *Ibidem*, p. 7. [↑](#footnote-ref-24)
25. IDEM – *Ibidem*, p. 8. [↑](#footnote-ref-25)
26. IDEM – *Ibidem*, p. 11. [↑](#footnote-ref-26)
27. IDEM – *Ibidem*, p. 11. [↑](#footnote-ref-27)
28. IDEM – *Ibidem*, p. 14. [↑](#footnote-ref-28)
29. IDEM – *Ibidem,* p. 15. [↑](#footnote-ref-29)
30. IDEM – *Ibidem*, p.15. [↑](#footnote-ref-30)
31. IDEM – *Ibidem,* p. 16. [↑](#footnote-ref-31)
32. IDEM – *Ibidem*, p. 17 [↑](#footnote-ref-32)
33. IDEM – *Ibidem,* p.18. [↑](#footnote-ref-33)
34. IDEM – *Ibidem,* p.19. [↑](#footnote-ref-34)
35. LEANDRO, Maria Engrácia – *Sociologia da Família nas Sociedades Contemporâneas.* Lisboa: Universidade Aberta, 2001, p.25. [↑](#footnote-ref-35)
36. IDEM, p. 39. [↑](#footnote-ref-36)
37. IDEM, p. 76. [↑](#footnote-ref-37)
38. IDEM, p. 152. [↑](#footnote-ref-38)
39. IDEM, p. 205. [↑](#footnote-ref-39)
40. FAIRBAIRN, Ronald – *Estudos Psicanalíticos da Personalidade,* Lisboa: Editorial Veja, p. 290-291. [↑](#footnote-ref-40)
41. PINTO, Júlio Lourenço – *O Bastardo*, Porto: Livraria Chardron, 1889, p. 10. [↑](#footnote-ref-41)
42. IDEM – *Ibidem*, p. 16. [↑](#footnote-ref-42)
43. IDEM – *Ibidem*, p. 22 [↑](#footnote-ref-43)
44. IDEM – *Ibidem*, p. 33 [↑](#footnote-ref-44)
45. IDEM – *Ibidem*, p. 96. [↑](#footnote-ref-45)
46. IDEM – *Ibidem*, p. 96. [↑](#footnote-ref-46)
47. IDEM – *Ibidem*, p. 95. [↑](#footnote-ref-47)
48. IDEM – *Ibidem*, p. 96. [↑](#footnote-ref-48)
49. IDEM*-Ibidem,* p. 97. [↑](#footnote-ref-49)
50. IDEM – *Ibidem*, p. 97 [↑](#footnote-ref-50)
51. IDEM – *Ibidem*, p. 101. [↑](#footnote-ref-51)
52. IDEM – *Ibidem*, p. 101. [↑](#footnote-ref-52)
53. IDEM – *Ibidem*, p. 101-103. [↑](#footnote-ref-53)
54. IDEM – *Ibidem*, p.112-113. [↑](#footnote-ref-54)
55. IDEM – *Ibidem*, p. 115-116. [↑](#footnote-ref-55)
56. IDEM – *Ibidem*, p. 129-130. [↑](#footnote-ref-56)
57. IDEM – *Ibidem*, p. 130. [↑](#footnote-ref-57)
58. PINTO, Julio Lourenço – *Vida Atribulada- Scenas da Vida Contemporânea,* Porto: Livraria Chardron, 1880, p. 58. [↑](#footnote-ref-58)
59. IDEM – *Ibidem*, p. 144. [↑](#footnote-ref-59)
60. IDEM – *Ibidem*, p. 76. [↑](#footnote-ref-60)
61. IDEM – *Ibidem*, p. 87. [↑](#footnote-ref-61)
62. IDEM – *Ibidem*, p. 102. [↑](#footnote-ref-62)
63. SÈREN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins – “O Porto Oitocentista” in RAMOSZ, Luis A. Oliveira – *História do Porto*, Porto: Porto Editora, 2000, p. 410. [↑](#footnote-ref-63)
64. IDEM – *Vida Atribulada*, p. 112-113. [↑](#footnote-ref-64)
65. IDEM – *Ibidem*, p. 129. [↑](#footnote-ref-65)
66. IDEM – *Ibidem*, p. 130. [↑](#footnote-ref-66)
67. IDEM – *Ibidem*, p. 133. [↑](#footnote-ref-67)
68. IDEM – *Ibidem*, p. 150-151. [↑](#footnote-ref-68)
69. IDEM, p. 252. [↑](#footnote-ref-69)
70. SERÉN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins – *O Porto Oitocentista* in RAMOS, Luís A. de Oliveira – *História do Porto,* Porto: Porto Editora, 2000, p. 413. [↑](#footnote-ref-70)
71. IDEM, p. 415. [↑](#footnote-ref-71)
72. BRANDÂO, Júlio – *A Pharmacia Pires*. Porto: Livraria Chardron, 1896, p. 52. [↑](#footnote-ref-72)
73. IDEM – *Ibidem*, p. 54. [↑](#footnote-ref-73)
74. IDEM, p. 54. [↑](#footnote-ref-74)
75. SERÈN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins- “O Porto Oitocentista” in RAMOS, Luís A. De Oliveira – *História do Porto,* Porto: Porto Editora, 2000, p. 432. [↑](#footnote-ref-75)
76. BARREIRA, Cecilia Maria Gonçalves – *Universos Femininos em Portugal. Retrato da Burguesa em Lisboa (1890-1930),* Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991, p. 79. [↑](#footnote-ref-76)
77. IDEM – *Ibidem,* p. 80. [↑](#footnote-ref-77)
78. IDEM – *Ibidem*, p. 81. [↑](#footnote-ref-78)
79. IDEM – *Ibidem*, p. 81. [↑](#footnote-ref-79)
80. BRANDAO, Julio – *Pharmacia Pires*, p. 78-79. [↑](#footnote-ref-80)
81. IDEM – *Ibidem*, p. 69. [↑](#footnote-ref-81)
82. IDEM – *Ibidem*, p. 102-103. [↑](#footnote-ref-82)
83. IDEM – *Ibidem*, p. 107. [↑](#footnote-ref-83)
84. IDEM, p. 104-105. [↑](#footnote-ref-84)
85. IDEM, p. 119. [↑](#footnote-ref-85)
86. IDEM, p. 131. [↑](#footnote-ref-86)
87. IDEM, p. 136. [↑](#footnote-ref-87)
88. VIEIRA, José Augusto – *A Divorciada,* Porto: Joaquim Antunes Leitão Editor, 1881, p. 106-107. [↑](#footnote-ref-88)
89. IDEM, p. 107. [↑](#footnote-ref-89)
90. IDEM, p. 118-119. [↑](#footnote-ref-90)
91. IDEM, p. 119. [↑](#footnote-ref-91)
92. IDEM*,* p. 122. [↑](#footnote-ref-92)
93. IDEM, p. 122. [↑](#footnote-ref-93)
94. IDEM, p. 124. [↑](#footnote-ref-94)
95. IDEM, p. 176. [↑](#footnote-ref-95)
96. IDEM, p. 180. [↑](#footnote-ref-96)
97. IDEM, p. 198. [↑](#footnote-ref-97)
98. IDEM, p. 198. [↑](#footnote-ref-98)
99. IDEM, p. 199. [↑](#footnote-ref-99)
100. IDEM, p. 213. [↑](#footnote-ref-100)
101. IDEM, p. 213. Nota: Anita para aceder aquela infame visita revela um espirito sádico, tem objetivas intenções de humilhar aquela por quem Alberto a havia trocado. [↑](#footnote-ref-101)
102. IDEM, p. 313-314. [↑](#footnote-ref-102)
103. IDEM, p. 227. [↑](#footnote-ref-103)
104. IDEM , p. 230. [↑](#footnote-ref-104)
105. IDEM, p. 235. [↑](#footnote-ref-105)
106. IDEM, p. 244. [↑](#footnote-ref-106)
107. SAMARA, Maria Alice – *Operárias e Burguesas, As mulheres no tempo da República.* Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007, p. 16. [↑](#footnote-ref-107)
108. IDEM, p. 17. [↑](#footnote-ref-108)
109. IDEM, p. 199. [↑](#footnote-ref-109)
110. CABRAL, João de Pina – *O Homem na Família* – *Cinco Ensaios de Antropologia*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2003,15. [↑](#footnote-ref-110)
111. IDEM, p. 56. [↑](#footnote-ref-111)
112. IDEM, p. 74. [↑](#footnote-ref-112)
113. IDEM, p. 81-83. [↑](#footnote-ref-113)
114. IDEM, p. 93. [↑](#footnote-ref-114)
115. CASTELO-BRANCO, Camilo – *A Corja.* Porto: Edições Caixotim, 2003 ( 1880), p. 285-286. [↑](#footnote-ref-115)
116. IDEM – *Ibidem*, p. 286. [↑](#footnote-ref-116)
117. IDEM – *Ibidem*, p. 302. [↑](#footnote-ref-117)
118. PINTO, Julio Lourenço – *Margarida*, Porto: Livraria Chardron, 1879, p. 67. [↑](#footnote-ref-118)
119. IDEM – *Ibidem*, p. 208-209. [↑](#footnote-ref-119)
120. IDEM – *Ibidem*, p. 229. [↑](#footnote-ref-120)
121. GRAVE, João – *A Eterna Mentira*, Porto: Livraria Lello, 1904, p. 29-30. [↑](#footnote-ref-121)
122. IDEM, p. 30. [↑](#footnote-ref-122)
123. IDEM, p. 30. [↑](#footnote-ref-123)
124. IDEM, p. 30-31. [↑](#footnote-ref-124)
125. IDEM, p. 31. [↑](#footnote-ref-125)
126. IDEM, p. 77-78. [↑](#footnote-ref-126)
127. « La Volonté de Puissance, Essai d’une transmutation de touters les valeurs » in NIETZSCHE – *A Origem da Tragédia*, p. 63-68. [↑](#footnote-ref-127)
128. GRAVE, João – *A Eterna Mentira,* p. 81. [↑](#footnote-ref-128)
129. IDEM, p. 113. [↑](#footnote-ref-129)
130. IDEM, p. 113. [↑](#footnote-ref-130)
131. IDEM, p. 116. [↑](#footnote-ref-131)
132. IDEM, p. 193. [↑](#footnote-ref-132)
133. GRAVE, João – *Os Famintos*, Porto: Livraria Chardron, 1903, p. 24. [↑](#footnote-ref-133)
134. SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal (1851- 1890)*. Porto: Editorial Verbo, 1986, p. 359. [↑](#footnote-ref-134)
135. GRAVE, João – *Os Famintos*, p. 80. [↑](#footnote-ref-135)
136. GRAVE, João – *Os Famintos*, p. 80-81. [↑](#footnote-ref-136)
137. IDEM – *Ibidem*, p. 81. [↑](#footnote-ref-137)
138. IDEM – *Ibidem*, p. 81. [↑](#footnote-ref-138)
139. CASTELO BRANCO, Camilo – *Eusébio Macário,* Porto: Edições Caixotim, 2003 (1880), p. 92. [↑](#footnote-ref-139)
140. IDEM, p. 92. [↑](#footnote-ref-140)
141. ARIÉS, Philippe, DUBY, Georges – *História da Vida Privada - Da Revolução À Grande Guerra*. Porto: Edições Afrontamento, 1990, volume 4, p. 287. [↑](#footnote-ref-141)
142. IDEM*,* p. 293. [↑](#footnote-ref-142)
143. IDEM, p. 293. [↑](#footnote-ref-143)
144. PINTO, Júlio Lourenço – *O Homem Indispensável*, Porto: Ernesto Chardron, 1883, p. 64-65. [↑](#footnote-ref-144)
145. IDEM*,* p. 66. [↑](#footnote-ref-145)
146. IDEM, p. 66. [↑](#footnote-ref-146)
147. IDEM, p. 67. [↑](#footnote-ref-147)
148. IDEM, p. 67. [↑](#footnote-ref-148)
149. IDEM, p. 70. [↑](#footnote-ref-149)
150. IDEM, p. 72-73. [↑](#footnote-ref-150)
151. IDEM, p. 80. [↑](#footnote-ref-151)
152. IDEM, p. 80. [↑](#footnote-ref-152)
153. IDEM, p. 80. [↑](#footnote-ref-153)
154. IDEM, p. 84. [↑](#footnote-ref-154)
155. IDEM, p. 87. [↑](#footnote-ref-155)
156. IDEM – *Ibidem*, p. 89. [↑](#footnote-ref-156)
157. IDEM – *Ibidem*, p. 365. [↑](#footnote-ref-157)
158. IDEM, p. 367. [↑](#footnote-ref-158)
159. IDEM, p. 139. [↑](#footnote-ref-159)
160. IDEM, p. 140. [↑](#footnote-ref-160)
161. PINTO, Julio Lourenço – *Margarida,* Porto: Livraria Chardron, 1879, p. 9. [↑](#footnote-ref-161)
162. IDEM, p. 9-10. [↑](#footnote-ref-162)
163. IDEM, p. 9-10. [↑](#footnote-ref-163)
164. IDEM, p. 9-10. [↑](#footnote-ref-164)
165. IDEM, p. 16. [↑](#footnote-ref-165)
166. IDEM, p. 16. [↑](#footnote-ref-166)
167. IDEM, p. 21-22. [↑](#footnote-ref-167)
168. IDEM, p. 22. [↑](#footnote-ref-168)
169. IDEM, p. 22. [↑](#footnote-ref-169)
170. IDEM, p. 22. [↑](#footnote-ref-170)
171. IDEM – *Ibidem*, p. 102. [↑](#footnote-ref-171)
172. IDEM – *Ibidem*, p. 103. [↑](#footnote-ref-172)
173. IDEM – *Ibidem*, p. 17. [↑](#footnote-ref-173)
174. IDEM, p. 137-138. [↑](#footnote-ref-174)
175. IDEM, p. 40. [↑](#footnote-ref-175)
176. IDEM – *Ibidem*, p. 40-41. [↑](#footnote-ref-176)
177. IDEM – *Ibidem*, p. 41-42. [↑](#footnote-ref-177)
178. IDEM – *Ibidem*, p. 127. [↑](#footnote-ref-178)
179. IDEM – *Ibidem*, p. 129. [↑](#footnote-ref-179)
180. IDEM – *Ibidem*, p. 37. [↑](#footnote-ref-180)
181. GRAVE, João – *Os Famintos*, p. 32-33. [↑](#footnote-ref-181)
182. CASTELO BRANCO, Camilo – *Eusébio Macário*, p. 94. [↑](#footnote-ref-182)
183. CASTELO BRANCO, Camilo – *A Corja*, p. 271. [↑](#footnote-ref-183)
184. DINIS, Julio – *Uma Família Inglesa*, p. 220. [↑](#footnote-ref-184)
185. BRANDAO, Julio – *Pharmacia Pires*, p. 15. [↑](#footnote-ref-185)
186. GRAVE, João – *A Eterna Mentira*, p. 15. [↑](#footnote-ref-186)
187. VIEIRA, José Augusto – *A Divorciada*, p. 1. [↑](#footnote-ref-187)
188. PINTO, Julio Lourenço – O Homem Indispensavel, p. 9. [↑](#footnote-ref-188)
189. PINTO, Julio Lourenço – *Vida Atribulada*, p. 7. [↑](#footnote-ref-189)
190. PINTO, Julio Louirenço – *Margarida*, p. 56. [↑](#footnote-ref-190)
191. PINTO, Julio Lourenço – *O Bastardo,* p. 309-310. [↑](#footnote-ref-191)